



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CAMPO DE TRABALHO

ANA PAULA DE OLIVEIRA AZAMBUJA

A QUESTÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REFLEXÕES
SOBRE AS PERSPECTIVAS DE PROFESSORES

Bauru
2018

ANA PAULA DE OLIVEIRA AZAMBUJA

**A QUESTÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REFLEXÕES
SOBRE AS PERSPECTIVAS DE PROFESSORES**

Tese apresentada a Faculdade de Ciências do
Campus de Bauru, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutora em
Ciências da Motricidade.

Orientadora: Professora Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Bauru
2018

Azambuja, Ana Paula de Oliveira.

A questão da saúde na educação física escolar : reflexões sobre as perspectivas de professores / Ana Paula de Oliveira Azambuja, 2018

172 f. : il.

Orientadora: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018

1. Saúde. 2. Educação Física Escolar. 3. Professores. 4. Formação Continuada. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ANA PAULA DE OLIVEIRA AZAMBUJA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 23 dias do mês de março do ano de 2018, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-Graduação da Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER - Orientador(a) do(a) Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA do(a) Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP, Prof. Dr. AMAURI APARECIDO BÁSSOLI DE OLIVEIRA do(a) Centro de Ciências Biológicas - Departamento de Educação Física / Universidade Estadual de Maringá - PR, Prof. Dr. DARTAGNAN PINTO GUEDES do(a) Departamento de Educação Física / Centro de Educação Física e Esportes / Universidade Estadual de Londrina / PR, Dra. NILZA COQUEIRO PIRES DE SOUSA do(a) Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de ANA PAULA DE OLIVEIRA AZAMBUJA, intitulada **A Questão da Saúde na Educação Física Escolar: O que dizem Pesquisadores e Professores?**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER


Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA


Prof. Dr. AMAURI APARECIDO BÁSSOLI DE OLIVEIRA


Prof. Dr. DARTAGNAN PINTO GUEDES


Dra. NILZA COQUEIRO PIRES DE SOUSA

*participou por
Video Conferência
SKYPE*

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, especialmente a meus pais Otavio e Marina, pelo bem mais precioso: a vida.

Meus irmãos Marcos e Claudia, que, com amor e companheirismo, somado às pequenas e grandes ajudas no dia a dia, foram fundamentais nesse processo e, ainda, pelo belo presente: minhas sobrinhas Laura e Íris.

E, em especial, a Maximiliano, pelo incentivo em todos os momentos e apoio incondicional, amor, paciência e a maior riqueza que me deu: nossos filhos Isabela, Leonardo e Vinicius.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelas bênçãos concedidas em toda etapa acadêmica e pessoal cumprida com grande satisfação.

Com certeza as conquistas nesses últimos anos não seriam tão prazerosas e possíveis sem a colaboração, paciência e carinho de muitos.

Agradeço a minha preciosa família, amigos e a todos que me incentivaram e me apoiaram em cada passo desta caminhada e, de alguma maneira, contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

As amigadas mais que preciosas conquistadas aqui em Bauru, amigas para toda a vida, Rosane, Soledad, Adriana, Raquel, Sabrina, Marise, Eliana, Léia, Patrícia e Camila, pessoas maravilhosas que, juntamente com seus familiares, me acolheram com todo o carinho, fazendo com que a saudade de casa fosse mais amena, e se tornaram a família que tenho aqui, meu apoio nas horas difíceis, compartilhando comigo os desafios desta jornada;

A minha orientadora, Professora Doutora Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, pelo incentivo, paciência, confiança e por compartilhar comigo seus conhecimentos, contribuindo para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional; por suas contribuições fundamentais para meu crescimento nesta jornada acadêmica, meu respeito e agradecimento;

Aos participantes do grupo de pesquisa LEP-SCHP-EF, que compartilharam ideias, motivações e sugestões que contribuíram para o trabalho de forma geral. E também aos parceiros de mestrado/doutorado, companheiros na árdua jornada em busca de conhecimento, especialmente àqueles amigos que doaram um pouquinho do seu valioso tempo para me auxiliar de alguma forma para o refinamento desta tese: Nilza, Camila, Pedro, Flavio e Evandro; a vocês todo meu carinho;

À Secretaria Municipal de Educação de Bauru que prontamente acolheu o projeto e viabilizou a pesquisa, assim como as escolas que abriram suas portas para a coleta de dados;

Aos professores participantes do estudo, pela paciência, disponibilidade e colaboração nas diversas etapas da pesquisa;

Aos funcionários da UNESP, em especial a Ivana e toda seção técnica de pós-graduação do Instituto de Biociências de Rio Claro, a Eliana e toda seção técnica de pós-graduação da Faculdade de Ciências de Bauru, pela presteza e prontidão no auxílio das questões burocráticas;

A Professora Doutora Lílian Aparecida Ferreira e ao Professor Doutor José Alexandre Curiacos de Almeida Leme, que generosamente me acolheram em suas disciplinas durante o estágio docência e por suas preciosas contribuições para a minha formação acadêmica;

Ao Professor Doutor Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira e Professora Doutora Suraya Cristina Darido que estiveram presentes na Comissão Examinadora da Qualificação Geral, pelas preciosas e significativas contribuições para uma etapa tão importante desta pesquisa;

Aos Professores da Comissão Examinadora Professor Doutor Dartagnan Pinto Guedes e novamente ao Professor Doutor Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira, Professora Doutora Lílian Aparecida Ferreira, Professora Doutora Nilza Coqueiro Pires de Sousa, a quem sou profundamente grata pelo exame atencioso e significativas contribuições para a concretização desta pesquisa;

Aos Professores, que gentilmente aceitaram o convite para compor a Banca Examinadora Suplente.

Minha sincera e eterna gratidão!

RESUMO

A escola tem sido considerada um espaço imprescindível para o desenvolvimento de programas de educação para Saúde entre crianças e adolescentes e a disciplina de Educação Física tem a possibilidade de contribuir favoravelmente por intermédio da prática pedagógica. Na presente pesquisa, investigou-se a inserção do tema Saúde no cotidiano escolar. O objetivo desta pesquisa foi analisar o tema Saúde e sua aplicabilidade no contexto escolar, especificamente, por intermédio da disciplina de Educação Física, de acordo com a percepção e a formação acadêmica e intervenção do professor, destacando de que forma os conteúdos pertinentes à Saúde são trabalhados nas aulas. Realizou-se revisão da literatura, abordando-se o contexto da Educação e Saúde, Educação Física Escolar e Saúde e Formação Continuada. A pesquisa de abordagem qualitativa coletou depoimentos de 15 professores de Educação Física da rede municipal de Bauru/SP, por intermédio das técnicas: história do tempo presente e história oral, realizou-se entrevista semiestruturada, grupo focal e finalizando a pesquisa um programa de formação continuada. Conforme a análise de conteúdo articulados, a partir da produção da literatura pontuaram-se os seguintes tópicos: 1) Educação e Saúde; 2) Educação Física Escolar e Saúde; 3) Concepções da formação continuada e intervenção sobre Saúde na Educação Física Escolar. Constatou-se que: a Saúde é reconhecidamente relevante, no entanto, a disciplina de Educação Física apresenta limitações de modo que os professores não apresentam condições de abordar e intervir nessa temática, especialmente no que diz respeito à práxis pedagógica. Deste modo, a realização do programa de formação continuada propiciou leituras, reflexões e discussões, resultando em ações que ressignificaram a prática pedagógica dos professores para a efetiva inserção do tema Saúde nas aulas de Educação Física com um olhar mais amplo. Concluiu-se que a realidade pesquisada se apresenta como uma rede de interdependência no processo escolar, configurada de modo que não se apresentaram eficientes, dificultando a inserção do tema Saúde nas aulas de Educação Física. Entretanto, com o programa de formação continuada e a elaboração e desenvolvimento dos projetos, foi possível propiciar as possibilidades existentes de inovar, no sentido de perpassar a visão restrita, buscando uma concepção mais ampla da Saúde. Por intermédio do entendimento dos professores de que a disciplina de Educação Física tem importante papel neste contexto, foi possível dar uma contribuição específica à formação para o tema Saúde e promover o espaço de ações e reflexões, o que resultou em uma renovação da práxis pedagógica propiciando aos alunos uma consciência crítica compreendendo a Saúde de forma integral.

Palavras-chave: Saúde. Educação Física Escolar. Professores. Formação Continuada.

ABSTRACT

The school has been considered an essential space for the development of health education programs among children and adolescents, and through the pedagogical practice the discipline of Physical Education has the possibility to contribute favorably in the education of healthy bodies. In the present research we investigate how to proceed the insertion of the health issue in the school pedagogical routine. The objective of this qualitative research was to analyze the Health theme and its insertion in the school context, specifically, through the Physical Education discipline; according to the perception, academic formation, and intervention of the Physical Education teacher, emphasizing which relevant content of Health are addressed in class. A literature review was carried out, addressing the context of: Education and Health, School's Physical Education class, and Health and Continued Education. Testimonies were collected from the Physical Educators of the municipal network of Bauru / SP, through the techniques of: history of the present time and oral history, a semi-structured interview, a focus group, and continuous formation was carried out. According to the content analyzed articulated to the production the following topics were highlighted: 1) Education and Health; 2) School Physical Education and Health; 3) Conceptions of continued education and intervention on Health in School Physical Education class. It was verified that: Health and its effective insertion in the school environment have relevant potential, however Physical Education classes presents limitations so that teachers do not present the conditions to approach and intervene in this subject, especially considering the integration of theory and practice. In this way the accomplishment of the continuous formation allowed interpretations, reflections and discussions resulting in actions that resignified the pedagogical practice of the teachers for the effective insertion of the health theme in the classes of physical education with a broader look. It was concluded that the researched reality presents itself as a network of interdependence in the school process, configured in a way that did not present efficiency, making it difficult the insertion of the Health theme in the classes of Physical Education. However, with the continuing training program, the development and development of the projects; it was possible to see possibilities of innovation in order to go beyond the restricted vision that sought a broader conception of health through the teachers' understanding that the Physical Education discipline has an important role in this context. Which could make a specific contribution to the training for Health and to promote the space for actions and reflections of the practices of corporal culture of movement in the school, resulting in a renewal of the pedagogical praxis giving the students reflections, discussions and a critical conscience to comprehend health as an integral form.

Key words: Health. Physical School Education. Teachers. Continuing Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características dos professores pesquisados	31
Quadro 2: Características dos professores pesquisados – Formação Continuada.....	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização geográfica do município de Bauru.....	30
Figura 2: Nuvem de frequência de palavras referidas	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Perfil dos professores de Educação Física quanto ao sexo	32
Gráfico 2: Perfil dos professores de Educação Física quanto ao tempo de docência.....	33
Gráfico 3: Perfil dos professores de Educação Física quanto à formação em ensino superior	33
Gráfico 4: Perfil dos professores de Educação Física quanto à formação em pós-graduação .	34
Gráfico 5: Perfil dos professores de Educação Física quanto à instituição de formação	34

LISTA DE SIGLAS

ATPC	Atividade de trabalho pedagógico coletivo
ATPI	Atividade de trabalho pedagógico individual
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONFED	Conselhos Federal de Educação Física
CREF	Conselhos Regional de Educação Física
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil Integradas
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional
NAPEM	Núcleo de Aperfeiçoamento Profissional da Educação Municipal
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
PSE	Programa Saúde na Escola
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	21
2.1 Abordagens, técnicas e instrumentos	21
2.1.1 <i>Natureza qualitativa</i>	21
2.1.2 <i>História do Tempo Presente</i>	22
2.1.3 <i>História Oral</i>	23
2.1.4 <i>Entrevistas</i>	23
2.1.5 <i>Grupo Focal</i>	24
2.1.6 <i>Pesquisa-ação</i>	26
2.1.7 <i>Formação Continuada</i>	27
2.2 Participantes da Pesquisa	29
2.3 Participantes do Programa de Formação	35
2.4 Procedimentos Éticos.....	36
2.5 Análises.....	36
3 EDUCAÇÃO E SAÚDE.....	40
3.1 Processo Social da Educação	40
3.2 Conceitos de Saúde	45
3.3 Condicionantes da Saúde	51
3.4 Promoção da Saúde.....	55
3.5 Educação e Saúde	61
4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SAÚDE.....	66
4.1 Educação Física no Cenário Brasileiro	66
4.1.1 <i>Abordagem psicomotora</i>	75
4.1.2 <i>Abordagem construtivista</i>	75
4.1.3 <i>Abordagem desenvolvimentista</i>	76
4.1.4 <i>Abordagem de Jogos Cooperativos</i>	76
4.1.5 <i>Abordagem da Saúde Renovada</i>	77
4.1.6 <i>Abordagens Críticas ou Progressistas</i>	79
4.1.7 <i>Parâmetros Curriculares Nacionais</i>	80
4.1.8 <i>Abordagem Sociocultural</i>	81
4.1.9 <i>Base Nacional Comum Curricular</i>	81
4.2 A Saúde no âmbito da Educação Física Escolar.....	82
4.3 Formação Profissional em Educação Física	92

4.4 Intervenção Profissional na Educação Física Escolar	99
4.5 Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo	103
4.6 Currículo Comum da Educação Física do Município de Bauru	108
5 CONCEPÇÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA E INTERVENÇÃO SOBRE SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	113
5.1 Formação Continuada de Professores.....	113
5.2 Formação Continuada – Educação Física e Saúde: Corpo e Movimento/Construção da Prática Pedagógica.....	119
5.3 Projetos e Prática Pedagógica: concretizando a práxis pedagógica em Educação Física Escolar para a Saúde	125
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS	137
APÊNDICES	148
Apêndice A: Carta Convite.....	148
Apêndice B: Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).....	149
Apêndice C: Roteiro de Questões das Entrevistas.....	150
Apêndice D: Roteiro de Questões do Grupo Focal	151
Apêndice E: Roteiro das Atividades Desenvolvidas no Programa de Formação	152
Apêndice F: Avaliação Diagnóstica	153
Apêndice G: Avaliação Final.....	155
Apêndice H: Projeto 1 - Jogos e Brincadeiras que Ultrapassam Gerações!	157
Apêndice I: Projeto 2 - Prevenção da Obesidade Infantil.....	159
Apêndice J: Projeto 3 - Esporte, Saúde e Educação	161
Apêndice L: Projeto 4 - A Corrida e suas Relações com a Saúde de Forma Ampla.....	164
ANEXOS	168
Anexo A: Parecer de Aprovação Comitê de Ética.....	168
Anexo B: Autorização para Desenvolvimento do Projeto.....	169

1 INTRODUÇÃO

A Saúde é vital para todo ser humano, uma vez que ela contribui para melhorar a condição de vida dos indivíduos, independente da faixa etária em que eles se encontrem. Nessa mesma lógica, a infância é caracterizada como fundamental para o desenvolvimento integral do indivíduo (UNICEF, 2008). A prática de atividades físicas tem sido associada à qualidade de vida e considerada um fator importante para a prevenção de doenças e manutenção da Saúde (MATIAS *et al.*, 2010) em qualquer fase da vida, seja em relação aos aspectos físicos ou psicológicos.

A aproximação entre atividade física e Saúde não é recente; remonta e explica a própria origem da Educação Física e sua inserção na modernidade, tanto como componente curricular das escolas quanto de seu surgimento nos Programas Governamentais de Saúde para as populações (ALMEIDA; OLIVEIRA; BRACHT, 2016; BRACHT, 2013). Essa relação existe desde meados do século XIX, quando o higienismo e o eugenismo valorizavam as atividades físicas por meio de benefícios que se manifestam sob todos os aspectos do organismo humano, e é considerada uma forma de potencializar a Saúde nos discursos da elite política e cultural do país, sendo tal necessidade recomendada, principalmente, para o fortalecimento da raça (GOELLNER, 2010).

Nos pilares da Educação Física brasileira, a Saúde sempre desempenhou papel muito importante, contudo, predominou, nesse contexto, a Saúde voltada aos aspectos biológicos. Esse fato está atrelado à lógica do discurso médico, extremamente ligado ao higienismo e eugenismo, como dito anteriormente, e orientado tanto à produção de conhecimento como à prática de intervenção da área. Essa concepção de Saúde, direcionada estritamente para princípios biológicos, tem limitado a compreensão e desenvolvimento de ações que atendam e entendam a integralidade do ser humano (FERREIRA, 2011). Deste modo, os discursos que promovem a Saúde com a finalidade de produzir sujeitos saudáveis têm se sustentado por longos anos nesta área, como lembram Wenzel e Alvarenga (2015).

No Brasil, a Saúde na escola tornou-se, gradativamente, um foco de investimento e preocupação do Estado. Assim, Oliveira (2014), ao fazer um resgate histórico, afirma que, no início do século XX, a promoção da Saúde toma espaço no ambiente escolar a partir de três enfoques: a política médica; o sanitarismo e, por fim, a puericultura.

Nas últimas décadas, um diferencial tem sido notado nas discussões acerca da Saúde e Educação Física Escolar. As reflexões tentam ultrapassar a dimensão estritamente biológica

da área, encarada enquanto ausência de doenças ou um completo bem-estar físico, mental e social, para um questionamento que remete a questões complexas que a Saúde mantém com a prática de exercícios físicos, que acabam por enfraquecer essa relação (DEVIDE, 2003), na medida em que eles, de forma isolada e descontextualizado, não atendem tais necessidades.

Estudos epidemiológicos na área da atividade física e Saúde têm crescido nos últimos anos (HALLAL *et al.*, 2007), entretanto, mesmo com o aumento na produção científica da área, a inatividade física apresenta-se como um dos grandes problemas de Saúde pública do século XXI (BLAIR, 2009), visto que sua proporção aumenta assustadoramente a cada ano.

Nessa perspectiva, Seabra *et al.* (2008) afirmam que a epidemia atual de inatividade física e sedentarismo tem afetado toda a população, mas, em especial, a infância e adolescência, tornando-se um problema de Saúde pública da sociedade contemporânea. Indícios na literatura sugerem que o aumento da prevalência das doenças e consequente aumento nos gastos com Saúde refletem na exposição a fatores comportamentais de risco, como inatividade física, hábitos alimentares, entre outros (MONTEIRO *et al.*, 2005; SICHIERI; NASCIMENTO; COUTINHO, 2007).

Males decorrentes do sedentarismo são crescentes na atualidade e as doenças ocupacionais, por falta de consciência corporal, são uma realidade, na qual os velhos paradigmas de Educação Física Escolar estão sempre presentes. Parece que as instâncias políticas, econômicas, pedagógicas e filosóficas estão num marasmo e fazem com que as necessidades óbvias de Saúde e bem-estar fiquem inatingíveis, prejudicando o ser humano, que acaba se tornando objeto de tolerância e conformação (MIRANDA JÚNIOR, 2006).

Um crescente número de estudos sobre o tema Saúde no contexto escolar tem surgido (AZAMBUJA, 2014; CARVALHO, 2012; FERREIRA, 2011; GUEDES, 1999; JENOVESI *et al.*, 2004; NAHAS, 2003; OLIVEIRA, 2006; OLIVEIRA, 2014; SILVA, 2010; SOUZA; DUARTE, 2005), por ser a escola um local no qual se encontra um grande número de indivíduos, em uma fase da vida muito propícia à aquisição de novos conhecimentos e descobertas, conceitos e valores, além da formação dos hábitos que, possivelmente, se estenderão por toda a vida.

A escola tem papel imprescindível nesse contexto, abrindo espaço para levantamento de dados, cujas ações resultam em benefícios para os escolares. No entanto, Oliveira *et al.* (2015) lembram que esses dados quantitativos, produzidos pelas pesquisas científicas no contexto escolar, muitas vezes não retornam à escola, e, quando esses dados chegam a essa, muitas vezes, não apresentam uma linguagem acessível para aqueles que trabalham nesse

espaço, o que contribui para reforçar a distância entre a pesquisa científica e a práxis pedagógica. Assim, a disciplina de Educação Física pode e deve elaborar ações que estimulem a prática de atividade física desde a infância e, ainda, (re) pensar a Saúde enquanto temática em suas aulas (AZAMBUJA, 2016).

Abordar a Saúde na escola, especificamente, a partir da Educação Física Escolar, é uma perspectiva que se coloca promissora (OLIVEIRA, 2014), podendo contribuir pedagogicamente com os escolares na construção de competências relevantes para a Saúde. Destaca-se, assim, a importância e influência do ambiente escolar na prevenção de doenças e promoção da Saúde, uma vez que o ambiente escolar se caracteriza por ser um espaço interdependente, no qual a criança adquire conhecimentos e habilidades, tem contato com diferentes culturas, alimenta-se e educa-se de forma abrangente (BRASIL, 2009; IBGE, 2009), à medida que adquire consciência crítica e autonomia.

Diante do exposto, estudos em que são abordadas questões pertinentes à Saúde e Educação Física Escolar despontaram no meio científico, entretanto, observa-se que pesquisadores têm se utilizado do ambiente escolar prioritariamente para levantamento de dados, privilegiando resultados antropométricos, apresentando índices de obesidade e doenças associadas cada vez mais alarmantes. Um dado importante nesses trabalhos é o reforço do aspecto de causalidade entre a saúde e o exercício físico, o que tem sido muito criticado na literatura. As pesquisas de levantamento deveriam apresentar os dados antropométricos e, associadas a esses resultados, ações de intervenção deveriam ser elaboradas e realizadas no ambiente escolar, levando em consideração os objetivos da escola e seu corpo de componentes curriculares.

Trabalhos científicos de intervenção, em que sejam considerados e analisados os determinantes sociais, econômicos, culturais e históricos, ainda são incipientes, mas crescentes e consistentes, ou seja, um novo olhar, no que diz respeito à possibilidade de compreensão dos determinantes sociais que interferem na Saúde e o desenvolvimento de ações abrangentes no ambiente escolar, capazes de estimular a consciência crítica e autônoma, levando à mudança do estilo de vida e das condições ambientais, econômicas e sociais que determinam a Saúde, possibilita a alteração desse cenário preocupante.

Brugnerotto e Simões (2009) lembram a importância da pesquisa epidemiológica quantitativa e reforçam a necessidade de interação com a área qualitativa, no caso da inserção professor/profissional de Educação Física na área da Saúde Pública, o que tem sido pouco evidenciado na literatura, de modo que as pesquisas quantitativas estão sendo amplamente

encontradas quando comparadas às pesquisas qualitativas sobre o tema Saúde na Educação Física Escolar; a interação entre as duas pesquisas, no que diz respeito ao tema, é uma lacuna presente no meio científico.

Nesse prisma, Darido, Rodrigues e Sanches Neto (2007) levantam alguns questionamentos sobre a abordagem da Saúde presente na Educação Física Escolar, que merecem destaque e reflexão. O primeiro deles refere-se às transformações e ressignificações perpassadas ao longo dos anos, ou seja, a Saúde deixou de ser vista como resultado de atividade física; o segundo fala sobre enfoques biológicos em detrimento de outros elementos importantes a serem considerados, como, por exemplo, o sociocultural. Deste modo, o tema Saúde passou a ser visto além dos aspectos biológicos e outros fatores importantes foram considerados e analisados.

A escola é um importante espaço, embora não seja o único, para desenvolvimento de programas de educação para Saúde entre crianças e adolescentes, conforme afirmam os autores Oliveira (2006), Carvalho (2012), Silva (2010) e Ferreira (2011). A escola distingue-se das demais instituições por ser aquela que oferece a possibilidade de educar por meio da construção de conhecimentos resultantes do confronto dos diferentes saberes: aqueles contidos nos conhecimentos científicos, veiculados pelas diferentes disciplinas; aqueles trazidos pelos escolares, adquiridos na relação com seus familiares, e que expressam crenças e valores culturais próprios; os divulgados pelos meios de comunicação, muitas vezes fragmentados e desconexos, mas que devem ser levados em conta por exercerem forte influência sociocultural, visto que a mídia, hoje, tem um poder determinante na sociedade; e aqueles trazidos pelos professores, constituídos ao longo de sua experiência, resultante de vivências pessoais e profissionais, envolvendo crenças e expressando-se em atitudes e comportamentos (BRASIL, 2009). A escola se configura, então, como espaço de relações interdependentes (interação aluno e professores e as diversas relações que todos eles compõem no seu ambiente social) que se apresentam por intermédio do poder e força que o educador exerce sobre o educando, resultando em benefícios imprescindíveis para o contexto social.

Dessa forma, considerando o contexto social em que os alunos estão inseridos, evidencia-se que, nesta fase escolar, eles sejam capazes de avaliar os fatos a partir do ponto de vista do outro, exercendo a capacidade de descentração, “importante na construção da autonomia e na aquisição de valores morais e éticos” (BRASIL, 2013, p. 110).

Entende-se a Educação Física na escola como a área que deve oportunizar aos escolares a vivência de um conjunto articulado de conhecimentos dessa esfera (BRASIL, 1997; DARIDO, 2001). Com isso, um dos grandes objetivos da área é integrar os alunos em um universo vasto de possibilidades, para usufruir desses conhecimentos de forma autônoma. Reconhecendo a situação privilegiada que a disciplina apresenta, por ter seu enfoque entre as áreas do conhecimento, a Educação e a Saúde favorecem tais abordagens (AZAMBUJA, 2014).

Embora Guedes (1999) defenda que a Educação Física Escolar deva configurar-se em uma postura frente à estrutura educacional, procurando proporcionar em suas aulas uma visão exclusiva à prática de atividades físicas, esportivas e recreativas, além do alcance de metas voltadas à educação para Saúde, deve, também, conduzir à opção de um estilo de vida saudável ao longo dela.

Para Miranda Júnior (2006), a Educação Física Escolar perde uma oportunidade preciosa de oferecer um serviço relevante à sociedade quando não oferece uma proposta consistente, atualizada e articulada, com interesses sociais que superem o ativismo inconsequente do fazer por fazer, ou seja, quando a Educação Física é exercida de forma repetitiva, sem nenhuma reflexão envolvida no processo de aprendizagem da disciplina. O mesmo acontece com o tema Saúde na Educação Física Escolar, que tem sido trabalhado de forma isolada e descontextualizada de todo o objetivo da disciplina.

Espera-se, portanto, encontrar no ambiente escolar, preferencialmente na Educação Física, projetos que caminhem nesse sentido e que a Educação Física utilize suas vantagens (única disciplina da área da saúde inserida na escola), enquanto componente curricular obrigatório e que exerce maior atração sobre os escolares, para conseguir proporcionar aos mesmos um estilo de vida saudável que se prolongue, como destacam Rodrigues (2007) e Brito; Silva e França (2012).

Neste sentido, é necessário refletir sobre a importância de promover Saúde no âmbito escolar, entendendo qual a maneira mais viável para essa práxis pedagógica nas aulas de Educação Física, uma vez que a prática corporal meramente repetitiva e descontextualizada não promove benefícios. Ainda, as aulas de Educação Física não têm tempo de duração e frequência semanal devidamente adequados para que ocorram modificações fisiológicas benéficas. Assim, entende-se que é necessário que a Educação Física, como componente curricular, contribua no sentido de uma educação para autonomia, criticidade para os assuntos pertinentes à Saúde e compreensão dos escolares da Saúde de forma integral, a fim de que

fique clara a relação simplista dessa como resultado da prática de atividade física que permeia o senso comum.

Diante do exposto, a presente tese aborda como problema a questão: O que professores pensam sobre o tema Saúde na Educação Física Escolar? Indagou-se: Como consiste a inserção do tema Saúde na Educação Física Escolar? Qual a relação pedagógica entre a Educação Física Escolar e a Saúde? Como os conhecimentos sobre o tema Saúde podem ser ensinados nas aulas de Educação Física Escolar? Como os conceitos e conteúdos de Saúde podem ser desenvolvidos pedagogicamente nas aulas de Educação Física Escolar e como os conteúdos, em especial os relacionados ao tema Saúde, podem ser efetivos por intermédio das dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais?

Nesse sentido, o objetivo geral foi analisar o tema Saúde e sua efetiva inserção na práxis pedagógica da Educação Física Escolar, no município de Bauru/SP e, ainda, como se caracteriza o tema Saúde na Educação Física Escolar, por intermédio de questões específicas:

- Compreender a percepção dos professores de Educação Física sobre Saúde e a relação entre Educação Física Escolar e Saúde;
- Verificar como o tema Saúde se faz presente nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e Proposta Curricular do município;
- Averiguar quais e de que forma os conteúdos da Educação Física Escolar são abordados no que diz respeito à Saúde, por intermédio das fontes orais; e
- Evidenciar os elementos que se constituem como entraves, impedindo ou dificultando a intervenção do professor e a efetiva aplicabilidade do tema Saúde por intermédios de conteúdos específicos para tal finalidade.

Considerando a produção científica a respeito do tema Saúde nas aulas de Educação Física Escolar, é possível levantar alguns pressupostos, pois se acredita que a complexidade sobre a definição do conceito de Saúde dificulta sua inserção na disciplina; que a área não compreende como abordar o assunto, visto que a relação entre Educação Física e Saúde é reconhecida; e que existe um distanciamento entre o conhecimento teórico e a práxis pedagógica.

Caracterizando o fazer pedagógico da disciplina de Educação Física, geralmente, as práticas esportivas repetitivas e mecânicas, em suas aulas, não estão atentas para os conteúdos relacionados à Saúde e a disciplina ainda vem privilegiando apenas práticas tecnicistas,

higienistas, biologicistas e não priorizando o corpo de conhecimentos que está relacionado ao ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Esses fatores deixam de possibilitar ao indivíduo integrar e transformar o ambiente social a que pertence e, sobretudo, respeitar hábitos e atitudes saudáveis, sem discutir e refletir sobre assuntos coletivos que interferem na Saúde, pouco cooperando para a compreensão da temática Saúde de seus escolares e, assim, não cumprindo efetivamente papel social da disciplina inserida no contexto escolar.

Deste modo, o presente texto inicia-se com os caminhos metodológicos desta pesquisa, presente na seção 2; na sequência, a seção 3 aborda as concepções e tendências da Educação e Saúde, envolvendo o processo social da Saúde, conceitos da Saúde, condicionantes da Saúde, promoção da Saúde e educação para Saúde, de forma a retratar o panorama da Saúde inserida na educação; a seção 4, por conseguinte, trata da Educação Física Escolar e Saúde, abordando a Educação Física no cenário brasileiro, a Saúde no âmbito da Educação Física Escolar, formação profissional, intervenção profissional, o Currículo da Educação Física Escolar do estado de São Paulo e o Currículo da Educação Física Escolar do município pesquisado; na seção 5 são discutidas as concepções e tendências da formação continuada, como se configura a formação continuada de professores, assim como se realizou a formação continuada (Educação Física e Saúde: Corpo e Movimento/Construção da Prática Pedagógica) e a efetivação dos projetos e práxis pedagógica dos professores participantes da presente pesquisa; por fim, a seção 6 traz as Considerações Finais, que reúnem uma síntese da investigação e apontamentos para novas reflexões sobre a Saúde na Educação Física Escolar e formação continuada de professores, bem como as limitações encontradas no presente estudo.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Toda investigação tem uma “história” a ser contada e comentada: os passos que foram seguidos em seu desenvolvimento, os limites e as possibilidades encontradas em relação às questões referentes ao objeto de estudo, suas abordagens, técnicas, instrumentos, participantes, métodos de análises e as questões éticas envolvidas, bem como as relações estabelecidas com os colaboradores e seus desdobramentos. A seguir, são apresentados os caminhos que foram percorridos na estruturação da presente pesquisa.

2.1 Abordagens, técnicas e instrumentos

2.1.1 *Natureza qualitativa*

Para a realização do estudo, adotou-se a metodologia do tipo descritiva, de abordagem qualitativa, visto que tende a uma observação objetiva e minuciosa de análise e descrição de fatos. A abordagem qualitativa baseia-se em princípios, como a valorização da maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo. No estudo de caráter qualitativo, é essencial a visão holística dos fenômenos, considerando as interações e influências existentes entre todos os componentes de uma situação, uma vez que fatos e valores estão intimamente relacionados, de acordo com André (1995).

O estudo de natureza qualitativa e método de abordagem descritiva permite, ainda, utilizar diversos recursos linguísticos, apresentando os resultados de forma inovadora e criando diversas possibilidades de se entender o fenômeno estudado, levando em conta os elementos de uma situação em suas interações e influências (CHIZZOTTI, 2003).

Obviamente, as pesquisas sociais têm, ao longo do tempo, se embasado em métodos quantitativos de pesquisa. De acordo com Minayo (2010, p. 47), a pesquisa social pode ser entendida como os vários tipos de investigação que “tratam do ser humano em sociedade, de suas relações e instituições, de sua história e de sua produção simbólica”.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ocupando nas Ciências Sociais um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido, aqui, como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz, interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhar com seus semelhantes. Conforme descreve Minayo (2010), esse tipo de método procura “desvelar” processos sociais que ainda

são pouco conhecidos e que pertencem a grupos particulares, sendo seu objetivo e indicação final proporcionar a construção e/ou revisão de novas abordagens, conceitos e categorias referente ao fenômeno estudado.

Entende-se, dessa forma, que a descrição do método inclui as concepções teóricas da abordagem e o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade com relação ao problema de pesquisa, porém, não se pode deixar de considerar o potencial criativo do pesquisador (MINAYO, 2010). Thomas e Nelson (2002), neste ponto, destacam que essa ferramenta se volta para o conteúdo interpretativo ao invés do procedimento, possibilitando a ênfase na interpretação, garantindo o suporte necessário para chegar ao destino esperado e possibilitando entender, com mais exatidão, a realidade.

O processo descritivo, então, visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo, como afirma Minayo (2010). Assim, a pesquisa qualitativa contribui de modo a considerar que o processo social deve ser entendido em suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreende-se, disso, uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material; advoga, também, a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou "objetos sociais" apresentam, afirma a autora.

Sendo assim, a presente investigação buscou compreender a observação objetiva e minuciosa de análise e descrição do tema Saúde e sua configuração na Educação Física Escolar. A abordagem qualitativa contribuiu de modo a permitir a valorização da maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo.

2.1.2 História do Tempo Presente

A história do tempo presente tem interesse pelas testemunhas vivas, aquelas que estão presentes no momento do desenrolar dos fatos. O historiador do tempo presente compartilha com outras pessoas o momento em que se encontram, narrando histórias referentes ao mesmo contexto, sendo o pesquisador contemporâneo de seu objeto; ressalta-se, ainda, que a oralidade dos sujeitos entrevistados pode revelar informações que possam ser obscuras na análise documental (FERREIRA; AMADO, 2006). Pensar o tempo presente propicia uma reflexão essencial sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos que têm uma mesma formação ou configuração social (CHARTIER, 2006), permitindo perceber com maior clareza as relações entre as percepções e as representações

dos sujeitos, de um lado, e as determinações e interdependências que formam os vínculos sociais, de outro. Assim, os professores participantes compartilharam seus conhecimentos, suas ideias, perspectivas e as experiências vivenciadas sobre o tema pesquisado.

2.1.3 História Oral

A história oral é uma forma de intercâmbio entre a história e as demais ciências sociais. Existem divergências na definição de história oral e as opiniões de historiadores e pesquisadores se dividem. Alguns autores a defendem como uma metodologia que seria algo mais abrangente e complexo do que uma simples técnica de entrevista, embora outro grupo de pesquisadores a reconheça como uma área de estudos e objetivos próprios. Para esses pesquisadores, a história oral apenas ordena os procedimentos de trabalho, tais como as entrevistas, e dita a forma com a qual os entrevistadores e os entrevistados devem se comportar (FERREIRA; AMADO, 2006).

Machado (1994) salienta que as percepções que o sujeito tem de sua experiência passa a constituir as unidades de significado. Os documentos gerados (as entrevistas) são resultados da interação entre entrevistador e entrevistado, entre o sujeito e o objeto de estudo, e isso faz com que o pesquisador se afaste de interpretações que venham a separar rigidamente sujeito e objeto de pesquisa (FERREIRA; AMADO, 2006).

Para os autores, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho, assim como as entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com os entrevistados e as influências disso sobre o seu trabalho, funcionando como ponte entre a teoria e a práxis pedagógica. Dessa forma, esta metodologia propiciou um novo olhar para a interpretação dos depoimentos dos participantes que conduziu a presente pesquisa.

2.1.4 Entrevistas

A entrevista realizada foi do tipo semiestruturada, com perguntas direcionadas, explorando a relação da formação inicial com o campo de intervenção profissional. O roteiro da entrevista (Apêndice C) foi estruturado de acordo com o objetivo geral e objetivos específicos, julgados como pontos significativos e necessários para compreensão da questão

norteadora do estudo. Para o registro das respostas, utilizou-se um gravador digital de voz, considerado o material mais propício para tal finalidade.

Haguette (1987) aponta que a entrevista é um processo de interação entre duas pessoas, no qual o entrevistador tem por objetivo obter do entrevistado informações, por meio de um roteiro com pontos estabelecidos previamente, de acordo com a problemática central. Essa interação permite que o entrevistado se faça participante do conhecimento, partindo de uma inter-relação entre o mundo real e sua experiência, além de um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade.

Na entrevista, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais; ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa, que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva, afirma Minayo (2010).

Todas as entrevistas ocorreram no ano de 2014, nas respectivas escolas, sempre em horário determinado pelos próprios professores, sendo que grande parte deles utilizou do horário de Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) ou Atividade de Trabalho Pedagógico Individual (ATPI) para a realização da entrevista. Alguns professores têm direito ao ATPI, além do ATPC, dependendo do nível em que se encontre na carreira docente. Apenas uma entrevista não foi realizada no horário estipulado pelo professor, devido a problemas internos da escola, que exigiu a sua presença, tendo sido necessário, nesse caso, que a entrevista fosse remarcada fora do horário de trabalho.

Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo aqui entendida como uma conversa com dois indivíduos, com propósitos bem definidos. Em um primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já em outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico (MINAYO, 2010).

2.1.5 Grupo Focal

A metodologia do grupo focal constitui-se de um processo em construção no campo da pesquisa educacional; é concebido apenas como uma técnica, por vários autores, ou como estratégia de coleta de dados, embora, para outros, seja considerada um método, por tratar-se de uma ação planejada com base em um quadro de procedimentos previamente conhecidos que pode comportar um conjunto diversificado de técnicas, de acordo com Gomes (2005).

O grupo focal é constituído por um conjunto de pessoas selecionadas pelo pesquisador para discutir e comentar um tema, a partir de suas experiências pessoais. Trata-se de uma técnica/método qualitativo e não diretivo inspirada em técnicas de entrevistas não direcionadas e coletivas, usadas em diversas áreas e diferentes contextos (GOMES, 2005). De acordo com Gomes (2005), o grupo focal constitui uma via de mão dupla, ou seja, tanto se aprende quanto se pode encontrar respostas e proporcionar algumas soluções para aqueles que, porventura, vivenciam o cotidiano escolar como pesquisadores e/ou professores.

Para Minayo (2010), as ações da entrevista precisam ser bem planejadas, pois visam obter informações, aprofundando a interação entre os participantes, seja para gerar consenso, ou para explicitar divergências. A técnica deve ser aplicada mediante um roteiro, que vai do geral ao específico, em ambiente não diretivo, sob a coordenação de um moderador capaz de conseguir a participação e o ponto de vista de todos e de cada um. O valor principal dessa técnica fundamenta-se na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos.

O grupo focal ocorreu no ano de 2015, no NAPEM (Núcleo de Aperfeiçoamento Profissional da Educação Municipal), e reuniu todos os professores participantes da pesquisa (entrevistados anteriormente) para a discussão do assunto em questão, a partir de um roteiro elaborado anteriormente, tendo duração de 1 hora e 50 minutos. O roteiro do debate (Apêndice D) foi estruturado de acordo com o objetivo geral e objetivos específicos, elaborados a partir da entrevista realizada previamente e individualmente, tendo sido utilizado de forma que buscasse a compreensão de questões imprescindíveis para este estudo. Para o registro das respostas, utilizou-se um gravador digital de voz, considerado o material mais propício para tal finalidade. O grupo focal teve como objetivo reunir os professores entrevistados para debaterem o tema e aprofundarem as discussões, oportunizando, assim, novas reflexões.

Desse modo, é necessário ressaltar a importância da realização da reunião do grupo focal, visto que todos os professores participaram e contribuíram significativamente, inclusive aqueles cuja entrevista se deu rapidamente, talvez pela necessidade de voltar às atividades na escola, pelo constrangimento de estarem conversando com uma professora desconhecida, insegurança ao falar sobre o tema e ainda estarem sendo gravados. Os professores constituem um grupo que se reúne frequentemente para cursos e capacitações e, assim, o tema e os debates durante a reunião fluíram muito bem, resultando em importantes reflexões que foram essenciais para as análises do presente trabalho.

Sintetizando, as técnicas de coleta e tratamento foram realizadas da seguinte forma: a) pesquisa e análise bibliográfica; b) entrevista semiestruturada, contando com a entrevista-piloto; c) grupo focal e d) a análise de conteúdo das fontes orais. A pesquisa bibliográfica compreendeu a leitura e análise das fontes secundárias de informação, com a finalidade de fundamentar a revisão de literatura e permitir o diálogo com os autores que já trataram do assunto. Assim, as fontes orais foram inseridas no decorrer de todo o texto, fazendo interlocuções com a literatura e propiciando uma discussão clara da realidade encontrada, confrontada com os demais estudos.

2.1.6 Pesquisa-ação

A partir das etapas anteriores, surgiu a necessidade de ir ao campo empírico das práticas pedagógicas dos professores da rede municipal. Com a coleta de dados, ficou claro que a interação com os professores era necessária, a fim de aproximar-se das perspectivas almejadas pelos próprios professores que, algumas vezes, se sentiam inseguros diante da problemática em questão.

Assim, apropriou-se dos princípios da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2008), que pode ser definida como uma abordagem qualitativa, visando à ação coletiva, orientada à resolução de problemas do mundo real e/ou à transformação da realidade. Essa opção metodológica justifica-se por aprofundar elementos não contemplados em investigações que se baseiam em perspectiva opinativa ou representativa, que, de acordo com o Thiollent (2008), reproduzem imagens individuais e estereotipadas.

Para o autor supracitado (2008), tal opção é compreendida como um método, ou estratégia de pesquisa, que agrega vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa na busca da solução de problemas. Em consonância a isso, existe a necessidade de elaboração de um projeto, cujo desenvolvimento tem a perspectiva de colaborar para a compreensão de problemáticas enfrentadas pelos professores no cotidiano escolar, no que se refere ao tema Saúde na ação pedagógica de suas aulas.

A pesquisa-ação, no presente estudo, concretizou-se, então, por intermédio de um curso de formação continuada ofertado aos professores da rede municipal de Bauru/SP. Tal opção metodológica parecia mostrar caminhos mais efetivos com relação à formação continuada de professores, de acordo com o estudo de Bracht *et al.* (2007).

A reflexão sobre a formação de professores destaca a relevância da pesquisa-ação, envolvendo pesquisa e intervenção, em busca de resultados mais eficazes. Em relação à pertinência e às possibilidades da pesquisa-ação como um instrumento pedagógico e científico, três dimensões são fundamentais, sendo a “dimensão ontológica: referente à natureza do objeto a ser conhecido; dimensão epistemológica: referente à relação sujeito-conhecimento; dimensão metodológica: referente a processos de conhecimento utilizados pelo pesquisador” (FRANCO, 2005, p. 489).

Pesquisadores da área de Educação Física, como Bracht *et al.* (2007) e Betti (2009), defendem que a metodologia da pesquisa-ação se apresenta como a mais relevante para produzir conhecimentos e buscar soluções para as questões da práxis pedagógica na área de conhecimento da Educação Física.

Betti (2009) entende a pesquisa-ação como a melhor alternativa de articulação entre a Educação Física Escolar (apropriação crítica da cultura corporal de movimento) e a meta da ciência (produzir conhecimento no confronto com o mundo), concretizada no equacionamento da problemática relação teoria *versus* prática. Já Bracht *et al.* (2007) defendem que a pesquisa-ação pode indicar um caminho mais efetivo, de forma que se procura: a) vincular o conhecimento da realidade da própria prática com a ação e b) os sujeitos, que na pesquisa “tradicional” participam meramente como informantes, aqui atuam também como sujeitos pesquisadores de sua práxis pedagógica.

Para Betti (2009), os pressupostos dessa metodologia permitem romper com as tradicionais relações de poder entre pesquisador e pesquisado, na busca de superar o autoritarismo do discurso científico que se coloca superior aos outros saberes/conhecimentos. Ainda, baseia-se no diálogo permanente com a realidade, com a práxis pedagógica e seus atores, descentralizando o papel de solucionadores, possivelmente atribuído aos pesquisadores.

Deste modo, buscou-se a possibilidade do desenvolvimento e aplicabilidade da ressignificação do tema Saúde nas aulas de Educação Física, a partir de um programa de formação continuada, voltado para tal finalidade.

2.1.7 Formação Continuada

O programa de Formação Continuada organizou-se em uma prática caracterizada pela pesquisa-ação, em que o processo teórico-metodológico da investigação baseou-se em atividades pedagógicas, cuja implementação envolveu ações presenciais fundamentadas no movimento ação-reflexão-ação, isto é, na análise da práxis pedagógica concreta do professor,

iluminada pela reflexão teórica e visando uma nova práxis pedagógica reelaborada (THIOLLENT, 2008).

A formação continuada, intitulada “Educação Física e Saúde: Corpo e Movimento/Construção da Prática Pedagógica”, foi uma parceria da Universidade Estadual Paulista e a Rede Municipal de Ensino. O critério de inclusão foi atuar no ensino fundamental e adesão voluntária no programa de formação. O programa de formação foi realizado no primeiro semestre de 2017, no período de 06 de março a 26 de junho, semanalmente, com duração de 2 horas cada encontro, conforme detalhado no Apêndice E.

Nesse sentido, o Programa de Formação teve como objetivo ressignificar a questão Saúde na práxis pedagógica do professor, de modo que sua dimensão biológica (imprescindível, mas não exclusiva) tome uma nova perspectiva, ou seja, uma dimensão conceitual, atitudinal e procedimental por intermédio dos conteúdos da disciplina, proporcionando a transformação das ações do plano individual para o social e oferecendo elementos para que os professores pudessem reelaborar sua práxis pedagógica pela aproximação entre os conhecimentos científicos e ação profissional.

O programa de formação continuada contemplou algumas estratégias de ação, que foram previamente planejadas e desenvolvidas tendo em vista dois momentos: o da pesquisa e o da ação (intervenção). O processo investigativo e formativo do programa objetivou disponibilizar/disseminar conhecimento (estudos) para que os professores participantes reavaliassem a sua práxis pedagógica no que se refere à cultura corporal de movimento e à Saúde, de maneira crítica e analítica, visualizando os problemas encontrados, analisando-os e propondo soluções para resolvê-los.

O programa foi norteado por eixos temáticos, que se estruturaram da seguinte forma:

- Ressignificação da Saúde durante toda a trajetória da Educação Física Escolar;
- Corpo: Contextos históricos e Sociológicos sobre o tema;
- Concepções e tendências de Saúde/Proposições existentes sobre a inserção da Saúde na Educação Física Escolar;
- Análises: Projeto Político Pedagógico e Proposta Curricular, considerando o Corpo/Saúde;
- Projetos e Práticas em Educação e Saúde na Educação Física Escolar; e
- Elaboração e Desenvolvimento do projeto.

O cronograma da formação foi elaborado previamente e remodelado após a coleta das informações referentes às expectativas do grupo. Dessa forma, os textos trabalhados e as discussões e reflexões foram direcionadas para atender tais anseios, conforme o roteiro apresentado no Apêndice E.

Para a realização das discussões e reflexões, articuladas à fundamentação teórica, foram disponibilizados textos de apoio aos professores, de acordo com o tema discutido em cada encontro. Cada professor recebeu uma versão impressa, culminando com a produção de um material teórico-pedagógico, com o intuito de auxiliar o processo de ação-reflexão-ação e contribuir para a inclusão do tema Saúde nos projetos a serem elaborados, no planejamento escolar futuro e, conseqüentemente, nas aulas.

Assim, algumas ferramentas foram utilizadas com intuito de possibilitar a percepção da estruturação e efetivação dos projetos no interior do contexto escolar: transcrição de áudio da formação, análise dos documentos produzidos pelos professores (depoimentos e projetos), avaliação diagnóstica (Apêndice F) e avaliação final (Apêndice G).

2.2 Participantes da Pesquisa

O cenário da pesquisa foi o município de Bauru, cujo mapa pode ser visto na Figura 1, localizado no interior do Estado de São Paulo (centro-oeste), fundado em 1896 e que possui 343.937 habitantes (PNUD, 2013). O município destaca-se por ser um polo educacional; possui mais de dez instituições de ensino superior e oferece, ainda, Educação Básica nas esferas privada, estadual e municipal.

Figura 1: Localização geográfica do município de Bauru



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bauru#/media/File:SaoPaulo_Municip_Bauru.svg

A Rede Municipal de Ensino de Bauru abrange o ensino com Escolas de Educação Infantil (EMEI); Escolas de Educação Infantil Integradas (EMEII); Escolas de Ensino Fundamental (EMEF); e Educação de Jovens e Adultos e Ensino Especial. O ensino fundamental, alvo deste estudo, é oferecido em 16 escolas, atendendo mais de 10.000 escolares.

O alvo desta pesquisa foi Escolas de Ensino Fundamental (EMEF), da Rede Municipal de Ensino. Com isso, um contato inicial foi feito com a Secretaria Municipal de Educação e uma solicitação enviada para o desenvolvimento do projeto, a qual obteve a autorização (Anexo B). Posteriormente, fez-se o contato com as escolas e o agendamento para o comparecimento aos locais e apresentação do projeto à direção e professores de Educação Física.

Simultaneamente à realização da análise da literatura, coletaram-se os depoimentos de 15 professores lotados na Secretaria Municipal de Bauru, a partir dos contatos fornecidos por esse mesmo órgão. Todos os 18 professores, no total (universo), foram contatados para que participassem da pesquisa, no entanto, dois estavam afastados de sua função e um não aceitou participar. Realizou-se uma entrevista piloto para adequação do roteiro inicial da pesquisa, caso houvesse necessidade. Desse modo, 15 professores (amostra) foram entrevistados em suas escolas, em horário previamente agendado, com roteiro da entrevista semiestruturada (Apêndice C).

Realizada a entrevista, após as transcrições e análises do material coletado, foi realizado o grupo focal, junto aos professores da Rede Municipal de Educação. Todos os 15 professores participantes da pesquisa estavam presentes à reunião, cujo roteiro (Apêndice D) pré-definido foi elaborado com a intenção de aprofundar as questões da entrevista que ficaram insipientes, fato esse constatado durante a análise dessas, partindo da ideia de que o grupo focal permite explorar e esclarecer pontos de vista de uma maneira que não seria possível de captá-los por outros métodos, como, por exemplo, a entrevista.

No Quadro 1 abaixo, apresentam-se as características dos professores pesquisados, colaboradores desta investigação, para a denominação dos participantes. Com o intuito de preservar a identidade deles, atribui-se o nome “Participante”, referente a cada Professor, seguido do número correspondente à ordem de entrevista; essa denominação foi mantida durante todas as etapas desenvolvidas.

Quadro 1: Características dos professores pesquisados

Professores	Sexo	Formação Superior	Instituição	Ano de conclusão	Pós Graduação	Tempo de docência	Anos de docência
P1	M	L Educação Física	Pública	2003	Especialização (Personal Trainer)	7	Primeiro ao Quinto
P2	F	L e B Educação Física	Privada	2010	Especialização (Educação Física Escolar)	10	Primeiro ao Quinto
P3	M	L Educação Física	Pública	1994	Especialização (Educação Física Escolar)	12	Primeiro ao Oitavo
P4	M	L Educação Física	Privada	2005	Especialização (Fisiologia do Exercício)	10	Oitavo ao Nono
P5	F	L Educação Física	Privada	1986	Especialização (Psicodrama)	27	Primeiro ao Quinto
P6	M	L Educação Física e técnicas desportivas	Pública	1988	Não	13	Primeiro e Segundo
P7	F	L Educação Física	Privada	2005	Não	9	Primeiro ao Quinto
P8	M	L Educação Física	Privada	2005	Especialização (Atividade Física para Grupos Especiais e Personal Trainer)	10	Primeiro ao Nono
P9	F	L Educação Física	Pública	1986	Especialização (Educação Especial)	22	Primeiro ao Nono

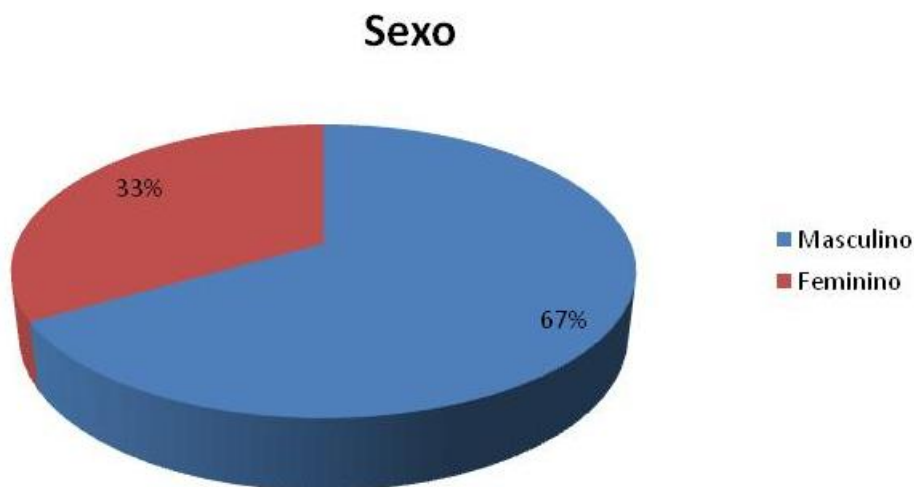
P10	M	L Educação Física e técnicas desportivas	Privada	1988	Especialização (Ciências do Esporte) e Mestrado (Ciências da Motricidade e Doutorado em andamento)	16	Primeiro ao Quinto
P11	M	L Educação Física	Pública	2005	Não	9	Primeiro ao Quinto
P12	M	L Educação Física	Pública	2009	Não	3	Sexto ao Nono
P13	M	L Educação Física e técnicas desportivas	Pública	1989	Não	27	Primeiro ao Nono
P14	F	L Educação Física	Pública	1995	não	12	Primeiro ao Quinto
P15	M	L Educação Física	Privada	1985	Especialização (Educação Física Escolar)	29	Quarto ao Quinto

P- Participante; L- Licenciatura; B- Bacharel

Fonte: Elaboração própria

Sendo assim, foram entrevistados 15 professores da disciplina de Educação Física, atuantes no ensino fundamental, com duração média de 20 minutos para cada entrevista. Alguns professores fizeram-na rapidamente, pois tinham que cumprir alguma outra atividade neste horário de trabalho pedagógico, como, por exemplo, a entrega de diário de classe e participar de reunião coletiva com os demais professores e coordenação da escola. A seguir, os gráficos reúnem o perfil dos professores entrevistados.

Gráfico 1: Perfil dos professores de Educação Física quanto ao sexo

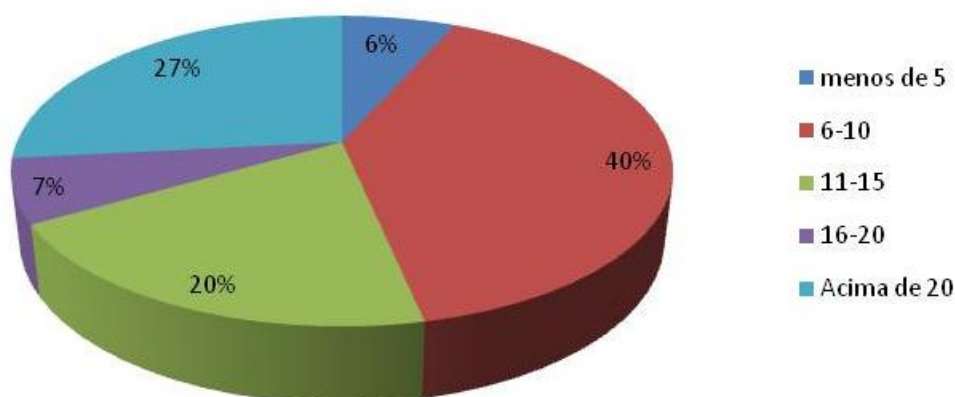


Fonte: Elaboração própria

Dos professores entrevistados, dez eram do sexo masculino e cinco do sexo feminino, conforme o Gráfico 1. A média de atuação junto à docência no ensino fundamental é de 14,5 anos, sendo o mais novo com três anos e o mais antigo com 29 anos de profissão. A maioria dos professores tem entre seis e dez anos de docência, de acordo com o Gráfico 2.

Gráfico 2: Perfil dos professores de Educação Física quanto ao tempo de docência

Tempo de docência (anos)

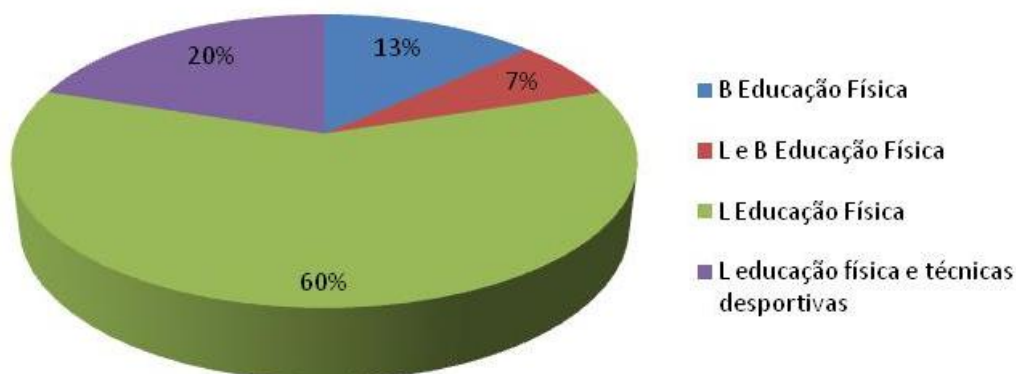


Fonte: Elaboração própria

Em relação à formação acadêmica, evidencia-se que todos os professores possuem formação superior na sua área de atuação, sendo que 13 tem o curso de licenciatura, conforme apresentado no Gráfico 3.

Gráfico 3: Perfil dos professores de Educação Física quanto à formação em ensino superior

Formação em ensino superior

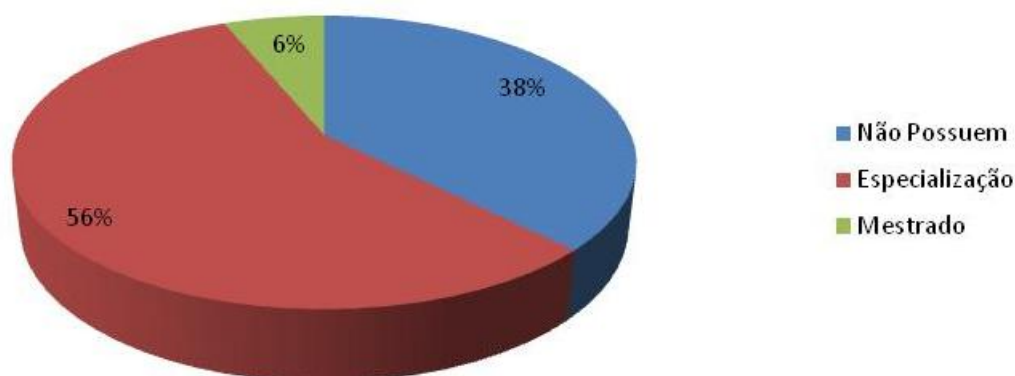


Fonte: Elaboração própria

Desse grupo, constituído por 15 professores, nove possuem um ou mais cursos de pós-graduação (*lato sensu*) e especialização, seis não cursaram nenhum curso de pós-graduação e apenas um concluiu o curso de pós-graduação (*stricto sensu*) em nível de mestrado e está cursando o doutorado, de acordo com o Gráfico 4.

Gráfico 4: Perfil dos professores de Educação Física quanto à formação em pós-graduação

Pós-Graduação

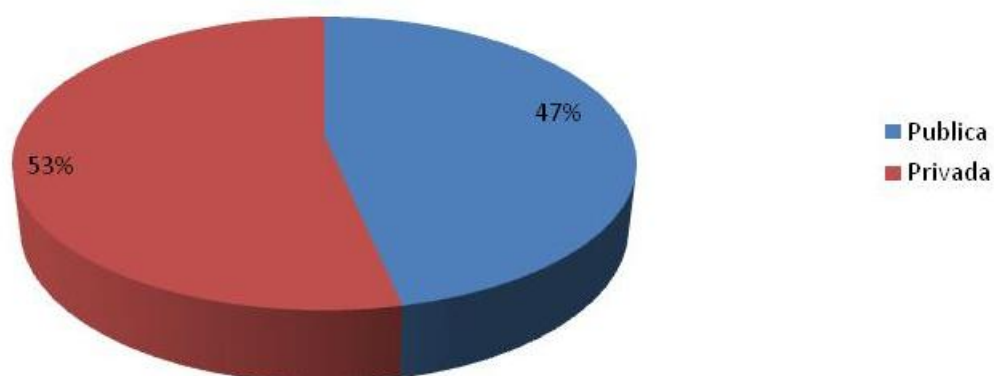


Fonte: Elaboração própria

Quanto à natureza da instituição da formação inicial, observa-se que oito professores realizaram sua formação superior inicial em instituições privadas, enquanto sete dos participantes frequentaram instituições públicas, conforme aponta o Gráfico 5.

Gráfico 5: Perfil dos professores de Educação Física quanto à instituição de formação

Instituição



Fonte: Elaboração própria

2.3 Participantes do Programa de Formação

O Programa de Formação Continuada foi elaborado e apresentado à Secretaria Municipal de Educação no ano de 2016 e, após sua aprovação, houve a apresentação da proposta aos professores que se mostraram interessados, fato evidenciado por uma ficha de pré-inscrição oferecida aos participantes. Assim, o programa ocorreu no primeiro semestre do ano de 2017, com dez professores inscritos e encontros realizados, semanalmente, durante o período de 06 de março a 26 de junho, no NAPEM, totalizando 12 encontros. No entanto, por motivos diversos, justificados por intermédio do coordenador responsável pela área no município, houve um número significativo de desistências, acarretando a finalização do programa com apenas quatro professores.

No quadro abaixo, apresentam-se as características dos professores participantes da etapa de formação continuada. Para a denominação dos participantes, continuou-se a atribuir-lhes a denominação de “Participante” referente a cada Professor, seguida do número correspondente à ordem de entrevista realizada no início da pesquisa.

Quadro 2: Características dos professores pesquisados – Formação Continuada

Professores	Sexo	Formação Superior	Ano de conclusão	Pós Graduação	Ano de conclusão	Carga Horária na Rede Municipal
P2	F	L e B Educação Física	2005/2010	Especialização (Educação Física Escolar)	2008	26
P3	M	L Educação Física	1994	Especialização (Educação Física Escolar)	2011	20
P5	F	L Educação Física	1986	Especialização (Psicodrama)	1998	26
P10	M	L Educação Física e técnicas desportivas	1988	Especialização (Ciências do Esporte) e Mestrado (Ciências da Motricidade) e Doutorado	1994/2011/ Em andamento	20

P- Participante; L- Licenciatura; B- Bacharel
 Fonte: Elaboração própria

Os professores participantes do programa tinham entre dez e 30 anos de atuação na Educação Física Escolar, ou seja, nenhum professor se encontra em fase inicial da carreira

docente e nenhum deles atua fora da escola; desses, apenas dois atuam também na rede estadual de ensino.

2.4 Procedimentos Éticos

Na abordagem aos participantes do estudo, foram apresentados os objetivos da pesquisa de forma escrita e verbal, por meio da carta convite (Apêndice A). Com a concordância desses, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), para a assinatura dos envolvidos.

Tal procedimento teve como objetivo atender aos dispositivos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, a qual regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos. Ressalta-se, além disso, que foi assegurada ao participante privacidade durante a entrevista, a sua não identificação e direito de desistir da pesquisa a qualquer momento.

O projeto de pesquisa foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), do Instituto de Biociências do *Campus* de Rio Claro-SP, e aprovado em 14 de abril de 2015, pelo parecer: 1.012.744 (Anexo A).

2.5 Análises

Os dados coletados nas entrevistas foram discutidos e tratados por meio da metodologia de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), entendida “como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 38).

Essa análise, de acordo com a autora, caracteriza-se por três fases diferenciadas: a) pré-análise, que consistiu em uma fase de organização, na qual os dados coletados foram sistematizados e operacionalizados; b) exploração do material, com a sistematização, pré-análise e administração dos dados, de modo sistemático, assim como as decisões previamente tomadas; e c) a inferência e a interpretação, com a codificação que permite a transformação dos dados em unidades de significados, definido por Bardin (2011) como unidade chave para a representação do conteúdo ou da sua expressão, esclarecendo ao pesquisador os pontos centrais coletados, permitindo a construção de quadros de resultados, com o objetivo de condensar e revelar as informações fornecidas pela análise.

A pré-análise consistiu na organização dos materiais que foram utilizados para a coleta dos dados, como as primeiras leituras dos textos, a escolha dos documentos, a formulação de hipóteses e objetivos (conforme especificados anteriormente) e a elaboração de indicadores que serviram de fundamentos para a interpretação final (os eixos norteadores definidos para as coletas), constituindo o *corpus* da investigação, ou seja, o conjunto de materiais que foram submetidos às análises. Esse momento também contemplou a preparação do material para a fase de análise, propriamente dita, em que os dados foram, primeiramente, digitados e organizados em planilhas, de acordo com a natureza da fonte de coleta. De modo sistematizado, iniciou-se a identificação dos elementos recorrentes e os que se diferenciavam, em busca de sínteses coincidentes e divergentes de ideias. A descrição analítica iniciou-se, então, com a definição de regras para a codificação, classificação e categorização do texto, a fim de se determinar os quadros referenciais de análise.

A etapa seguinte, de exploração do material, foi o período mais longo, consistindo no trabalho de codificação, no qual foram feitos recortes em unidades de contexto, o que fixou os limites para a interpretação e serviu de referência para as unidades de registro (frequência com que aparece uma palavra, um tema *etc.*).

Na fase da categorização, que, de acordo com Bardin (2011), baseia-se em operações de desmembramento do texto em unidades, por meio da descoberta dos diferentes núcleos de sentido, e, posteriormente, na realização do seu reagrupamento em categorias, atentou-se para as qualidades que um conjunto de categorias deve ter, como explicita a autora: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade e produtividade.

A última etapa consistiu no tratamento dos resultados e interpretações, pautados na reflexão, com embasamento nos materiais empíricos, e permitiu, além de propor inferências, fazer interpretações quanto aos objetivos propostos, assim como levou a descobertas inesperadas. Ainda, as interpretações podem servir de base para novas análises, como destaca Bardin (2011).

O emprego da análise do conteúdo requer alguns procedimentos sistemáticos, de forma a garantir a validade, confiabilidade, credibilidade e consistência dos resultados encontrados. Por conta disso, além das discussões, leituras e releituras do material coletado, recorreu-se também à utilização do *software* Nvivo (versão 10) para auxiliar na organização deste processo.

Podem-se destacar duas funções na aplicação da técnica. Uma se refere à verificação de hipóteses e/ou questões, ou seja, por intermédio da análise de conteúdo, pode-se encontrar

respostas para as questões formuladas e, também, confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções podem, na prática, se complementar e podem ser aplicadas a partir de princípios da pesquisa quantitativa ou da qualitativa (MINAYO, 2010). Para Minayo (2010), o objetivo básico dessa análise qualitativa é realizar uma reflexão generalista sobre condições de produção e apreensão do sentido e da significação de textos.

Nesse processo, por intermédio dessa ferramenta do *software*, permitiu-se a realização de uma série de consultas aos dados, que auxiliaram a identificar padrões, ideias e categorias. Um exemplo dessas consultas é a de frequência de palavras, que resultou em uma lista com termos mais mencionados nas falas dos professores pesquisados. De forma gráfica, esses resultados são revelados em uma “nuvem de palavras” (Figura 2), que pode facilitar a percepção das ideias contidas, neste caso, nas falas dos entrevistados para a pesquisa.

Figura 2: Nuvem de frequência de palavras referidas



Fonte: Elaboração própria

A partir das análises realizadas, optou-se por utilizar todas as fontes orais coletadas (entrevistas, grupo focal e curso de formação) no decorrer do texto. Dessa forma, foram feitas

inserções nos capítulos, o que contribui na articulação dos depoimentos e as reflexões de toda a literatura utilizadas na presente tese.

3 EDUCAÇÃO E SAÚDE

Após as considerações iniciais e metodológicas deste estudo, passa-se a apresentar, neste tópico, algumas discussões e relações do processo social da educação e Saúde e como se configura essa conexão. Sabe-se que esse desafio é amplamente reconhecido, pois se trata de um tema de grande complexidade, que pode ser interpretado à luz de várias linhas de pensamento, desde o senso comum à científica.

Diante desse pressuposto, buscaram-se na literatura informações acerca do processo social da educação, conceito de Saúde, condicionantes, sua promoção, como incide o processo de educação para Saúde e os principais enfoques, sempre de forma articulada com os depoimentos coletados.

3.1 Processo Social da Educação

A educação configura-se como uma prática humana, contribuindo para a construção de um sujeito social, em um processo permanente e inerente à vida. Esse fato é de suma importância para o processo educacional que leva à difusão da cultura ocorrida por meio das redes de ligação entre os indivíduos, ou seja, as influências que o indivíduo exerce sobre os outros em suas relações interpessoais. Assim, a educação, por meio da sua prática, pode ser considerada uma das mais importantes, senão a principal forma de diferenciação do homem das demais espécies.

As redes de ligações que se estabelecem no interior de uma sociedade não ocorrem por acaso; são reflexos de estratégias determinantes e mantenedoras das instituições dentro de suas relativas posições de poder que se fazem presentes em todo processo social, de acordo com Elias (2008).

Neste momento, é necessário o entendimento de Poder. Utilizando-se das ideias de Elias (2008), ele pode ser visto sob diferentes formas: poder político, econômico e educacional, expressando-se de variadas formas, sendo o monopólio desses diferentes núcleos o que permite as relativas posições de poder dentro do contexto social.

Dessa forma, a teoria elisiana de processos civilizadores fundamenta-se na ideia do monopólio de poder pelo Estado, inicialmente pela centralização do exercício da força e da cobrança de impostos – o poder militar e o poder econômico. Na obra “Introdução à Sociologia”, isso aparece justamente quando se trata dos “modelos de jogo” (ELIAS, 2008, p. 87–112) para pensar as relações sociais. Elias (2008, p. 80) afirma que “o equilíbrio de poder

não se encontra unicamente na grande arena das relações entre os Estados, onde é frequentemente espetacular, atraindo grande atenção. Constitui um elemento integral de todas as relações humanas”.

Os aspectos do poder nas relações sociais mereceram um destaque especial na análise que Elias e Scotson (2000) realizaram no bairro operário de Wiston Parva, mostrando, entre vários elementos, que nem todas as formas de opressão social assumem a forma de relações de classe. No estudo em questão, no lugar de relações de classe, a relação entre estabelecidos e recém-chegados é privilegiada no sentido de capturar melhor a realidade das relações de poder no cotidiano das pessoas, além das interdependências que se estabelecem no interior dessas configurações.

No processo educacional, Elias (2008) abre caminhos para a compreensão da formação do indivíduo e suas implicações em relação às apropriações dos objetos da cultura. O autor afirma que as pessoas modelam suas ideias a partir de todas as experiências que tiveram no interior do próprio grupo. É preciso entender as interconexões e configurações elaboradas por elas, configurações as quais são formadas por grupos interdependentes, organizados coletivamente, e não por indivíduos singulares, como a exemplo das relações constituídas na educação inseridas no contexto social (ELIAS, 2008).

Para Elias (2008), a sociedade é formada por indivíduos e esses só podem possuir características especificamente humanas, tais como capacidades de educar, ensinar, falar, brincar, jogar, competir, pensar e amar, o que adquirem pelas suas relações com as outras pessoas em sociedade, constituindo um ciclo de relações interdependentes.

No livro “Introdução à Sociologia”, a interpenetração de indivíduos interdependentes forma um nível de integração em que as formas de organização, as formas de estruturação social e os processos não podem ser deduzidos das características biológicas ou psicológicas que constituem os indivíduos (ELIAS, 2008). Conforme a teoria eliasiana, os processos sociais e culturais estão estruturados ao longo do processo civilizatório, com uma rede humana singular caracterizada pela interdependência, de acordo com as relativas posições de poder.

Existem relações de força que dão lugar a configurações concretas, de acordo com o contexto histórico em que estão colocadas. Assim é a escola, um espaço no qual existem relações de força que podem contribuir significativamente para a formação de indivíduos interdependentes, porém inseridos em uma sociedade e moldados de acordo com ela, na maioria das vezes. Segundo Elias (2008), a teoria configuracional inclui, expressamente, os

seres humanos em formação como educando e educadores em uma aula, que podem perceber diretamente em cadeias de interdependência que os ligam diretamente por meio do processo amplo de ensino e aprendizado.

Sendo assim, segundo Elias e Scotson (2000, p. 184):

Dizer que os indivíduos existem em configurações significa que o ponto de partida de toda investigação sociológica é uma pluralidade de indivíduos, os quais, de um modo ou de outro, são interdependentes. Dizer que as configurações são irreduzíveis significa que nem se pode explicá-las em termos que impliquem que elas têm algum tipo de existência independente dos indivíduos, nem em termos que impliquem que os indivíduos, de algum modo, existem independentemente delas.

Os conceitos da Sociologia Configuracional, propostos por Elias (2008), trazem a compreensão da sociedade como uma rede de relações em que o social é concebido como um sistema de relações entre grupos e indivíduos interdependentes em constantes mutações, exatamente como acontece no processo educacional. Para o autor, a interdependência dá-se como uma cadeia ininterrupta de ações que relacionam reciprocamente os indivíduos numa trama complexa que os ligam a outros grupos:

(...) a sociedade é constituída por estruturas que nos são exteriores – os indivíduos – e que os indivíduos são simultaneamente rodeados pela sociedade e separados dela por barreira invisível. Como veremos, estas concepções tradicionais serão substituídas por uma visão mais realista das pessoas que, através das suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras. Estas pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como a família, escolas, cidades, estratos sociais ou estados (ELIAS, 2008, p. 15-16).

Para Elias (2008), o saber é desenvolvido pelas configurações sociais ao longo da evolução da sociedade. Não se pode falar em educação para a Saúde sem políticas públicas de intervenção nas escolas, uma vez que educação e Saúde se inter-relacionam mutuamente. Ainda, os processos humanos e sociais são representados por pessoas (professores) que estão sujeitas às forças que as compelem (poder público), ou seja, forças, de fato, exercidas pelas pessoas sobre outras pessoas (alunos) e sobre elas próprias (sociedade) (ELIAS, 2008).

Nesse sentido, o ensino da sociologia e a prática de sua investigação sobre o ser professor deverá voltar-se para a aquisição de uma compreensão dessas forças, possibilitando domínio de conhecimentos seguros das mesmas. Em outras palavras, trata-se de uma compreensão clara do jogo de forças e poderes políticos, religiosos, educacionais e familiares presentes no contexto escolar, questões essas apontadas no estudo de Hunger, Rossi e Souza Neto (2011). No referido estudo, os autores fazem uma comparação propícia para

entendimento das relações de interdependências ocorridas no processo de educação ao afirmarem que:

(...) o pronome eu que desempenha na comunicação humana só pode ser compreendida no contexto de todas as outras posições relativamente às quais se referem os outros termos da série. As seis outras proposições são absolutamente inseparáveis, uma vez que não é possível imaginar um eu (professor) sem um tu (aluno), sem um ele (diretor) ou ela (supervisora), sem nós (pais), vós (ministros) ou eles (professoras, professores, alunos, diretores, supervisoras, pais, ministros, governadores, presidentes etc.). É ilusória a utilização dos conceitos de eu ou ego independentemente de sua posição dentro da trama de relações a que se referem os demais pronomes (HUNGER; ROSSI; SOUZA NETO, 2011, p. 705).

Elias (2008), neste ponto, afirma que é impossível dissociar a relação entre indivíduo e sociedade dos processos históricos que configuram as ações do indivíduo e que, ao mesmo tempo, moldam a sociedade. O autor parte do pressuposto de que sociedade e indivíduo (assim como educando e educadores; educação e Saúde) são perspectivas diferentes de uma mesma instância, sendo imprescindível compreender a relação entre a pluralidade das pessoas e a pessoa singular e vice-versa, visando esquivar-se da dicotomia entre os termos, usualmente empregada para explorar a tensa e dinâmica interação entre ambos.

Compreender a configuração da sociedade traz um significado especial, cujos objetivos conduzem ao estabelecimento de novas acepções sobre os padrões de comportamento dessa e, assim, obter-se um entendimento diferenciado do processo social, que, neste caso, em particular, é o processo educacional. Nesse sentido, Mezzaroba (2012) diz que a compreensão do processo social permite que se tenha uma visão histórica e sociológica das repercussões na relação dos indivíduos em seu conjunto, chamado de sociedade.

Para o autor, o mundo mudou de uma sociedade feudal/rural, passando para uma sociedade urbano/industrial, marcada pela máquina/indústria, pela tecnologia, pela mão de obra especializada, pelo conhecimento científico, pelas transformações de se viver em grandes cidades, gerando formas variadas de sociabilidade e de convívio, não só com as outras pessoas, mas com os problemas que decorrem deste “movimento moderno de viver”, como a própria Saúde.

Ao refletir sobre a função social da educação por intermédio da escola, entende-se a educação no seu sentido ampliado, enquanto prática social configura-se nas relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si, originando o processo de transformação da natureza humana que se estabelece e se solidifica. Assim, a escola, enquanto formadora de sujeitos históricos, inseridos em um espaço social, cujas representações interferem no modo de agir e

pensar, tem um papel imprescindível no processo de caráter formador, ou seja, a escola não é apenas uma transmissora de conteúdos, mas sim um instrumento de possibilidade da transformação da realidade.

Dessa forma, Oliveira (2013) concebe educação como orientação para formação do indivíduo de forma integral, comprometida com sua autonomia, empoderamento e consciência crítica. Assim, apresentam-se, abaixo, os depoimentos dos professores pesquisados que expressaram opiniões a respeito do papel da escola:

Participante 4: A escola tem uma importância grande na vida social das pessoas. Acho que a realidade da minha escola não é diferente. Vejo que, como é periferia, a coordenação e direção sempre orientam os pais em como lidar com a criança em casa. A escola tem uma importância muito grande na vida das crianças, em especial da comunidade.

Participante 6: É educar com o conhecimento.

Participante 7: Levar os alunos a descobrirem novos caminhos rumo à vida social.

Participante 9: Professor e aluno, professor e comunidade, escola e comunidade, o essencial é o dia a dia que vivemos, acolhendo as crianças, os problemas, as qualidades; é uma troca: eles aprendem conosco e nós aprendemos com eles porque o contato social é uma aprendizagem. Algumas informações as crianças não teriam acesso fora da escola.

Participante 12: O papel da escola é mudar e a vida das pessoas para melhor.

Na fala dos participantes, é possível perceber o papel social da escola como ambiente essencial na vida dos indivíduos e de transformação social, onde se estabelece uma rede de interdependência caracterizada pelas interações humanas (professores, gestores, alunos, comunidade escolar), resultando em uma diversidade de conhecimentos, além do conhecimento sistematizado que é adquirido exclusivamente no processo de ensino e aprendizagem.

A escola configura-se dentro de uma sociedade como instituição fundamental, cabendo a ela o dever de formar cidadãos humanizados, críticos e conscientes da realidade em que estão inseridos, compreendendo como função do sistema educacional a formação de um modelo de homem que atenda às exigências de cada época e de cada sociedade e constituindo seres capazes de integrar-se ao contexto social (BETTI, 1991; BRASIL, 1998). No entanto, encontrou-se na fala de um professor um discurso bem diferente, que restringe o papel da escola e da disciplina, excluindo qualquer função de formação crítica e reflexiva.

Participante 11: É papel da escola alfabetizar e o meu papel na Educação Física é informar da importância da prática da atividade física.

Para Silva (2011), é necessário pensar a escola enquanto espaço fértil de discussão social que pode contribuir para o fortalecimento da recepção crítica e a ressignificação de valores para os alunos. Oliveira (2013) ressalta que a escola é um espaço socialmente reconhecido para desenvolver o ato pedagógico e é a instituição em que o indivíduo passa longa e importante etapa da vida.

Dentro dessa perspectiva, essas aspirações configuram-se como tentativas de outra maneira de pensar Educação Física na escola, uma que introduza os escolares no universo dos conteúdos da disciplina de maneira que eles possam agir de forma autônoma e crítica e não somente reproduzir práticas escolares que acontecem conforme os valores de uma ordem social vigente. Compreende-se, dessa maneira, que a escola se estrutura de acordo com os valores predominantes de um determinado espaço social, podendo atuar numa perspectiva de crítica e superação desses mesmos valores. Nesse sentido, a escola pode determinar padrões de comportamento, ao mesmo tempo em que é determinada pelo conjunto de padrões de uma sociedade.

Com isso, a relação entre Educação Física e Saúde na escola dá-se, segundo Bracht (2013), por meio da forte influência da instituição médica e de sua correlata medicalização da Saúde. A Educação Física passou a ser compreendida, então, como a responsável pela Saúde dos escolares via desenvolvimento de hábitos higiênicos.

Assim, o tema Saúde no contexto da escola, por intermédio da Educação Física, não tem sido esclarecedor, de forma a compreender até que ponto essa prática contribui para a formação crítica e emancipadora do aluno. Entende-se, no entanto, a necessidade de estimular a compreensão do seu papel enquanto construtor de seu próprio conhecimento em Saúde, dentro do contexto social que ele pertence, além de atitudes individuais que colaborem para transformações sociais. Sendo assim, buscou-se, a seguir, a compreensão do conceito de Saúde e de que forma ela se relaciona com o contexto escolar.

3.2 Conceitos de Saúde

A Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 196, diz que:

A Saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988).

Conceituar Saúde pode parecer tarefa fácil, mas, ao refletir sobre tal conceito, compreende-se que não é tão simples assim, devido à quantidade de variáveis envolvidas e a subjetividade que elas representam para os indivíduos. A partir do conceito de Saúde, poder-se-á iniciar as reflexões sobre a temática em questão neste trabalho e a relação dessa com a Educação Física Escolar.

A gênese da palavra ao conceito construído depende da situação geográfica, cultural e histórica, o que significa dizer que está relacionada às crenças, aos valores e aos costumes de cada povo. Nessa lógica, conceituar Saúde implica em entender o contexto no qual sua significação é construída, isto é, compreender o ser humano enquanto ser histórico e sua interação com a natureza, corpo e sociedade (BRUGNEROTTO, 2008).

O conceito de Saúde vem sendo construído em diversos momentos da história da humanidade e configurado por diversos aspectos, de acordo com os valores sociais, históricos e culturais, como afirma Oliveira (2013). Segundo Berlinguer (1988), o conceito primitivo de Saúde era a ausência, ou a supressão, de algum princípio vital, ou seja, gozar Saúde significava não estar doente, tão somente.

O termo Saúde possui sua origem, de forma determinada, do latim *sanitas* e, etimologicamente, seu significado se refere à integridade anatomofuncional dos organismos vivos (SÁ JUNIOR, 2004). No entanto, o conceito de Saúde não possui um significado determinado, pois pode depender de toda uma estrutura, seja ela social, econômica, política ou cultural; não tem a mesma representação para grupos diferentes, pois depende da época, do local, da classe social, de valores individuais, de concepções científicas, religiosas e filosóficas, ou seja, das características sociais (SCLIAR, 2007).

A Saúde é uma preocupação histórica da humanidade, o que não poderia ocorrer de forma diferente, pois constitui o cerne da vida humana. Desde os primórdios, a vida e a Saúde, em sua plenitude, constituem anseios da humanidade, entretanto, essa plenitude está imbuída de tamanha complexidade e seu conceito faz-se tão complexo e multifacetado que a ciência tem buscado há séculos por explicações e formas de intervir sobre esse fenômeno (CARVALHO, 2012).

No início das civilizações, os povos possuíam como características a vida em grupos, com a busca por alimentos por meio da caça, da pesca e coleta de suprimentos, em diferentes locais, até quando as provisões fossem suficientes para a sobrevivência. Mantinha-se a crença de que o sol, a chuva, o vento, o trovão e o relâmpago eram espíritos que podiam sentir e agir com uma finalidade sobre a vida dos homens. Desenvolveram-se crenças místico-religiosas

com finalidade de explicar os mistérios da natureza, do nascimento, das doenças e da morte. Os cuidados com a Saúde tinham como objetivo a sobrevivência e se desenvolviam na estrutura social de convivência e socialização (BASTIANI *et al.*, 2011).

Com o tempo, a Saúde deixou de ser compreendida pela ausência de doenças. A Organização Mundial da Saúde (OMS), a princípio, tinha uma interpretação de que ela era obtida através de um completo bem-estar físico, mental e social, sem a clareza do que seria esse “completo bem-estar”; tal conceito circulou por muitos anos na Educação Física Escolar (MINAYO, 2006).

A proposição da OMS, ainda, apresenta algumas questões debatidas por alguns autores na literatura:

- a) O conceito de bem-estar apresenta um caráter utópico e subjetivo, pois o que é bem-estar para uma pessoa pode não ser para outra (FERREIRA, 2011; RODRIGUES, 2007; SILVA, 2011). Carvalho (2012) suscita algumas reflexões: o oposto a esses estados de bem-estar seria caracterizado como doença? Ou tanto a Saúde quanto a doença estariam na dependência desses estados de bem-estar?;
- b) Definir a Saúde como um estado de completo bem-estar faz com que a Saúde seja algo ideal, inatingível (FERREIRA, 2011); é preciso perceber que o conceito de Saúde está para além da dimensão estática e está firmemente centrado no indivíduo (OLIVEIRA, 2014);
- c) O conceito pode abrir portas para abusos por parte do Estado a título de promoção de Saúde de sua população, afinal é interessante refletir que o mesmo, politicamente, mostra-se conveniente para legitimar estratégias de controle e de exclusão de tudo aquilo que é considerado fora do convencional, indesejado ou perigoso (FERREIRA, 2011; SILVA, 2011).

Portanto, a Saúde não se caracteriza como a ausência de doenças, mas implica num processo no qual o indivíduo é capaz de aprender, decidir e agir em prol do próprio bem-estar. Nesse sentido, pensar Saúde significa compreender as condições gerais de produção e reprodução que propiciam o aparecimento das patologias e endemias, assim como levar em consideração os determinantes que promovem o bem-estar, longevidade e qualidade de vida em todos os seus aspectos (MINAYO, 2006).

O conceito da OMS que define Saúde tem uma profunda relação com o desenvolvimento e expressa a associação entre qualidade de vida e Saúde da população, sendo o resultado de um processo de produção social que sofre influência de condições de vida

adequadas de bens e serviços. A Saúde como produto social constrói-se coletiva e individualmente, por meio de ações de governo, da sociedade e de cada indivíduo; é um bem para o desenvolvimento pleno do ser humano, a partir de configurações sociais nas quais ele esteja inserido.

Oliveira (2013) sintetiza a Saúde como resultado dos cuidados que o indivíduo se dispensa a si mesmo e aos demais, da capacidade de tomar decisões e controlar a própria vida e assegurar que a sociedade em que se vive ofereça a todos a possibilidade de gozar de um bom estado de Saúde. Já o conceito atual apresentado pela OMS, em 1992, indica que Saúde é quando “o indivíduo deve ser capaz de identificar e realizar suas aspirações, de satisfazer suas necessidades e de mudar ou adaptar-se ao meio ambiente” (CARTA DE OTTAWA, 1986, p. 1).

Rodrigues (2007) destaca que esse conceito, embora atualizado e ampliado, não permite uma interpretação objetiva do que pode ser considerado Saúde, visto que desconsidera os fatores relacionados às condições sociais e ambientais, além de não levarem em conta que as dimensões do bem-estar humano não são estáticas e se encontram em constante evolução. Ainda com relação ao conceito ampliado da OMS, percebe-se o esforço em tentar superá-lo ao estabelecer uma ligação dinâmica dos sujeitos que desenvolvem seus projetos de vida em busca do bem-estar, como defende Oliveira (2014). Nesse prisma, o autor sintetiza que Saúde é a capacidade de um coletivo de pessoas desenvolver democraticamente seus projetos de vida em direção ao bem-estar. Segundo Oliveira (2014), de acordo com os achados de sua pesquisa, a ampliação do conceito de Saúde não é operacional, originando dificuldades para a sua aplicação da práxis pedagógica (transposição didático-pedagógica).

No que se refere à Educação Física, o conceito de Saúde, para os autores da concepção de Saúde renovada, conceito que será estudado na seção 4, associa-se à capacidade de o indivíduo apreciar a vida e resistir aos desafios do cotidiano, e não meramente à ausência de doença, considerando que o estado saudável não é algo estático e sim construído ao longo da vida. Desse modo, o conceito de Saúde está centrado no indivíduo (DARIDO; RODRIGUES; SANCHES NETO, 2007).

Oliveira (2013), neste ponto, ressalta que conceituar Saúde se constitui em um grande desafio, dada as dimensões estruturais e políticas que abrange o conceito, sendo necessário, ainda, contemplar os aspectos históricos e sociais. Assim, compreende-se que o termo Saúde é bastante generalista, possuindo várias interpretações, significados e utilizações. Com isso, observou-se duas vertentes do conceito Saúde expressados pelos professores pesquisados.

A primeira delas refere-se ao conceito de ausência de doenças e a saúde como resultado da atividade física, considerando outros fatores determinantes, mas ainda limitados à questão biológica:

Participante 4: A saúde é a ausência de doença, ter uma vida saudável é não estar doente.

Participante 8: A saúde está relacionada à questão do dia a dia, qualidade de vida ligada à alimentação e exercício físico, assim como sua prática; principalmente esses dois aspectos.

Participante 14: Saúde é ter uma vida ativa com alimentação saudável e atividade física constante.

Já a segunda refere-se à visão de Saúde partindo de fatores sociais e humanos nesse processo:

Participante 1: (...) bem-estar físico e emocional, ou seja, felicidade plena.

Participante 2: (...) indivíduo estar plenamente bem no seu ser integral tanto no seu físico quanto no psicológico.

Participante 5: É estar bem consigo mesmo, não só na parte física, mas também emocional. Eu acho que é importante você estar trabalhando legal em um lugar que você se sinte bem, com alimentação saudável e uma vida boa em todos os aspectos social e geral.

Participante 10: Coincide com relação ao que é preconizado, que não é só a ausência de doenças e Saúde, e sim a questão de habitação e bem-estar, compreendendo que tudo isso é mental e espiritual.

Participante 11: Conceito complexo que envolve vários contextos. A definição é bem-estar físico e psicológico que esbarram nos problemas sociais e que atividade física é importante nesse processo, porém ela por si só não contempla isso e a Educação Física não dá conta desses aspectos. É claro que é sabido que a atividade física consegue produzir em nosso organismo substâncias que levam ao bem-estar fisiológico, desde que o ambiente social e psíquico contribua para isso. Não se refere apenas à prática de atividade física, pois essa é muito ampla, tem uma série de questões que envolvem a Saúde desde a higiene, moradia, prática de atividade física, alimentação.

Muito se tem falado, na literatura, sobre a ampliação da Saúde. No entanto, três dos professores ainda têm uma visão restrita sobre o assunto, na qual é nitidamente percebida a ideia de causalidade entre a atividade física e saúde, relação essa amplamente divulgada na mídia e no meio científico e que agora tem sido fortemente criticada no meio científico.

Para Minayo (2010), a Educação Física, como área profissional da Saúde, assume, como outras áreas, uma concepção de Saúde limitada nos referenciais biomédicos e acaba por reproduzir o pensamento sanitário que a fundamentou por longos anos. É possível considerar que existe um grande movimento no processo de ampliação desse conceito que define Saúde como dimensão física, social e psicológica, caracterizada por um *continuum* com polos positivos e negativos que convergem uma passagem da concepção negativa (ausência de

doença) para uma concepção positiva (promoção da Saúde), como acreditam Oliveira (2014) e Rodrigues (2007).

Fala-se, ainda, em Saúde positiva e Saúde negativa, ignorando a visão simplista que procura tratar “Saúde” como mera ausência de doenças. A Saúde positiva caracteriza-se por apresentar uma combinação de fatores do estilo de vida positivo: boa nutrição, controle do *stress*, bons relacionamentos, comportamento preventivo e prática de atividade física. Já a Saúde negativa está associada ao estilo de vida ruim e também a riscos de doenças, morbidade e, no extremo, com a mortalidade prematura (NAHAS, 2003; GUEDES; GUEDES, 2006).

Nahas (2001), nessa perspectiva, considera que, para obter uma Saúde positiva, é preciso haver um equilíbrio entre os chamados fatores individuais e fatores externos. Os primeiros são formados por parâmetros relacionados aos hábitos de cada indivíduo e os últimos baseiam-se em parâmetros socioambientais, os quais mantêm relação com as condições oferecidas pelo meio em que os sujeitos estão inseridos.

A Saúde, em sua positividade, entende que o pensar e o repensar sobre Saúde, sem agregar a doença, é, por um lado, uma característica pouco frequente que, discretamente, vem ganhando espaço, tanto no pensar individual quanto no social. O que se percebe é uma evolução contínua nas políticas públicas de Saúde, bem como na atitude da população. Por outro lado, a preocupação está em tecer um novo paradigma que envolva a promoção da Saúde em todos os seus aspectos biopsicossocial. A Saúde positiva está voltada para o futuro e, sendo assim, passa a ser construída e vivida pelas pessoas no seu cotidiano, pautada no autocuidado e permeada pela atitude transformadora (BASTIANI *et al.*, 2011).

A definição negativa de Saúde é centrada no modelo biomédico, no qual a Saúde é vista e entendida como ausência de doença, sendo que nenhum fator psicossocial é agregado ao tratamento. Nesse sentido, infelizmente, o foco de atenção, estudo e tratamento é a doença em si. Todas as ações são realizadas com a intenção de controlar a evolução da doença, fazendo com que o indivíduo retorne ao estado de não doença (BASTIANI *et al.*, 2011).

Brugnerotto (2008) diz que a questão cultural-histórica sempre foi e sempre será fundamental na relação proposta que configura o movimento que influencia a interpretação simbólica do que significa “Saúde”. Apesar de todos os conceitos estabelecidos, sabe-se que, ao longo dos anos, têm sido compreendidos de acordo com as diversas figurações das sociedades, expressas em jogo de diferentes culturas e formas de disposição. Eles dependem do entendimento que se tem do ser e de sua relação com o meio em que está inserido; esse entendimento varia de acordo com a cultura de cada lugar e o momento histórico.

Diante de um fenômeno de tamanha complexidade, faz-se urgente e necessário lançar um olhar inter/transdisciplinar para tal entendimento, identificando formas eficazes de intervir nesse processo, o que já vem sendo feito por diversos estudos no campo da Saúde pública e por iniciativas e debates no meio científico. Entre essas iniciativas, tem-se buscado conceituar Saúde de forma mais ampla, considerando a influência de diversos fatores, como diz Mustafa (2006).

Por tudo isso, a conceituação de Saúde traz algumas dificuldades de entendimento, uma vez que está atrelada ao momento histórico e às condições de existência. Em consonância com Minayo (2006), entende-se que a Saúde é resultante de uma complexa interação de fatores sociais que envolvem os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais. Assim, a Saúde, indiscutivelmente, constitui uma das mais importantes dimensões da vida humana, podendo ela ser determinada pela própria biologia humana, pelo ambiente físico, social e econômico a que está exposto, pelo seu estilo de vida e, enfim, pelos seus condicionantes que revelam sua configuração social.

3.3 Condicionantes da Saúde

A OMS apresentou, em 1947, um conceito que contribuiu significativamente para o avanço no modo de conceber a Saúde, no que diz respeito ao modelo biomédico (mecanicista/biológico) que considerava o corpo humano uma máquina e a Saúde como uma engrenagem, ou seja, o bom funcionamento dessa máquina.

Lembrando que cada sociedade tem uma preleção sobre Saúde e que, usualmente, ela se relaciona com sua concepção do mundo e a configuração social, é perceptível que existe uma vinculação entre a forma de viver, adoecer e morrer e as condições sociais, o que permite relacionar as condições de vida, hábitos e adoecimento; os condicionantes são fatores que colaboram ou determinam a ocorrência ou não de um fato. Dessa forma, a Saúde possui alguns fatores que colaboram e/ou determinam o resultado final do seu processo.

Assim, a Saúde é compreendida como um equilíbrio dinâmico que considera diversos fatores, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na apresentação de um dos blocos temáticos:

Pode-se compreender que o estado de Saúde é condicionado por fatores de diversas ordens: físicos, psíquicos e sociais. A falta de um ou mais desses condicionantes da Saúde pode ferir o equilíbrio e, como consequência, o corpo adocece... O estado de Saúde ou doença decorre da satisfação ou não das necessidades biológicas, afetivas, sociais e culturais, que, embora sejam comuns, apresentam particularidades em cada indivíduo, nas diferentes culturas e fases da vida (BRASIL, 1997, p. 39).

Para entender que ter Saúde significa não somente a ausência de doenças, faz-se necessário atribuir os propósitos da promoção da Saúde como estratégia para pensar e repensar seu modelo, incorporando o indivíduo e a sociedade de acordo com suas necessidades, seus determinantes e condicionantes em Saúde (BASTIAN *et al.*, 2011). Essa noção mais ampla afirma que a Saúde não é apenas a ausência de doenças, passando a ser considerada um grande avanço, na medida em que incorpora outros aspectos - mental e social - como importantes para a Saúde do indivíduo.

Desse modo, a Saúde passa a ser de responsabilidade social e não individual, como era encarada na perspectiva da compreensão mecanicista/biologicista, e muitos fatores passam a ser considerados como importantes para o seu alcance e a manutenção. Apesar de representar um avanço, esse conceito de Saúde apresentado pela OMS recebeu críticas por ser pouco operativo, já que bem-estar é um conceito subjetivo e não mensurável. Além disso, é considerado pouco realista, pois remete a um estado estático, enquanto o processo de Saúde pode ser considerado dinâmico (CARVALHO; CARVALHO, 2006, p. 8).

A Saúde, ao longo do tempo, vem acompanhando uma grande e significativa evolução na história. Enquanto na Idade Moderna o pensamento científico tende à redução, à objetividade e à fragmentação do conhecimento, traduzindo os acontecimentos por meio de formas demonstráveis e calculáveis, na contemporaneidade surge a subjetividade e a complexidade, na tentativa de explicar a realidade através de modelos que procuram levar em conta as relações estabelecidas com o meio em que as pessoas vivem (BACKES *et al.*, 2012).

A Saúde se estabelece em meio a um processo que representa o conjunto de relações e variáveis que produz e condiciona o estado de Saúde de uma população e que se modifica em diversos momentos históricos, através do desenvolvimento científico da humanidade (CARVALHO, 2012). Para a autora, os estados de Saúde são gerados em processos que se dão em meio aos diversos condicionantes que os podem produzir, sejam biológicos ou sociais. O processo de Saúde, então, sofre interferências resultantes das relações entre homem e os aspectos físicos, sociais e culturais.

Dentre inúmeros fatores determinantes desse processo estão alguns condicionantes, apresentados por Iervolino (2000):

- a) Condicionantes biológicos: idade, sexo e características genéticas;
- b) Condicionantes físicos: condições geográficas, características de ocupação humana, consumo de água, alimentação e habitação;
- c) Condicionantes sociais: meio socioeconômico; e
- d) Condicionantes culturais: acesso à educação, lazer, liberdade e acesso a serviços de Saúde no âmbito da atenção, promoção e recuperação.

Com isso, pode-se destacar como positivo o fato de que o conceito aponta para outros aspectos da Saúde, além dos individuais. Apesar de não se tratar de um conceito ideal de Saúde, esse foi importante, pois a partir dele surgiram conceituações mais ampliadas. Um marco histórico importante no desenvolvimento de um enfoque mais ampliado foi a I Conferência Internacional Sobre Cuidados Primários de Saúde, convocada em 1978, pela OMS, em colaboração com o Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF). Essa Conferência realizou-se em Alma-Ata, na República do Cazaquistão (ex-República Socialista Soviética), e passou a considerar as dimensões socioeconômicas, políticas, culturais e ambientais como fundamentais para a manutenção ou/e recuperação da Saúde. A Conferência enfatizou que a Saúde era um direito humano fundamental e que a consecução do mais alto nível possível de Saúde era a mais importante meta social mundial, cuja realização requeria a ação de muitos outros setores sociais e econômicos, além do setor Saúde.

Esses avanços na conceituação de Saúde passam a destacar aspectos psicológicos, sociais e ambientais, que não eram considerados até então (CARVALHO, 2006), como condicionantes de Saúde. Melo (1998, p. 29-31) descreve alguns condicionantes de Saúde, como:

- a) Condicionantes biológicos: conjunto de fatores relacionados diretamente ao próprio homem e que dizem respeito às suas características constitucionais, inerentes à anatomia e à fisiologia do organismo, bem como à herança genética;
- b) Condicionantes psicossociais: conjunto de fatores que confirma a força da indivisível relação existente entre o corpo (estrutura biológica) e a mente (aspectos psíquicos). Por exemplo, a agressividade, a raiva, o comportamento depressivo ou a tendência ao isolamento são alguns fatores relacionados ao psiquismo humano que podem, eventualmente, determinar a ocorrência de algumas doenças, entre elas as psicossomáticas e as mentais;
- c) Condicionantes culturais: grupo de fatores relacionados ao estilo e às condições de vida, como crenças, educação, hábitos, etc. Destacam-se em especial os hábitos relacionados à alimentação inadequada, ao consumo de bebidas alcoólicas, ao uso do fumo ou outras drogas e, ainda, ao sedentarismo;

- d) Condicionantes socioeconômicos: determinam o perfil, o modo de viver e até mesmo a forma de consumir das pessoas. Levando em conta as condições de habitação, lazer, alimentação, transporte e da própria Saúde;
- e) Condicionantes ambientais: as condições e as características ambientais estão estritamente associadas não só à ocorrência de diversos tipos de doenças, como também o agravamento ou ao aparecimento de muitas enfermidades infectocontagiosas.

A proposição de determinantes e condicionantes de Saúde é um grande avanço, no entanto provém de compromissos políticos e ações governamentais como instrumentos necessários para a efetivação dos direitos sociais estabelecidos. O Brasil, por exemplo, é marcado por grandes diferenças sociais, políticas, culturais e econômicas. Assim, para a efetivação desses condicionantes e determinantes, devem-se adotar estratégias que permitam ampliar o acesso às ações e às políticas públicas governamentais de Saúde para alcançar a enorme parcela da população menos favorecida desses serviços e com menos recursos.

Desse modo, alguns condicionantes da Saúde podem ser observados nos depoimentos dos professores:

Participante 3: Saúde não seria só a ausência de doenças, seria mais amplo (...) tem outros fatores sociais principalmente, temos alunos aqui que não tem saneamento básico em casa, questão da higiene e família desestruturada.

Participante 5: É estar bem consigo mesmo, não só na parte física, mas também emocional (...) ter uma alimentação saudável e uma vida boa em todos os aspectos sociais e gerais. Eu acho que Saúde é isso, quando você consegue conciliar tudo isso. É lógico que temos problemas, mas devemos saber lidar com isso e saber viver apesar de todos os percalços da vida e principalmente saber administrar tudo isso.

Participante 10: Coincide com relação ao que é preconizado, que não é só a ausência de doenças e Saúde, e sim a questão de habitação e bem-estar, compreendendo que tudo isso é mental e espiritual.

A determinação social da Saúde aparece como um novo conceito, sendo o processo Saúde “determinado pelo modo como o homem se apropria da natureza em um determinado momento, apropriação que acontece por meio do processo de trabalho baseado em determinado desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção” (DELIZOICOV, 1995, p. 53). Nesse contexto, além das relações sociais, Barros *et al.*, (2005, p. 30) adotam um conceito de Saúde que “engloba os recursos pessoais, assim como as capacidades físicas, em que as condições de vida e o estilo de vida”.

Esse conceito multicausal da Saúde, ao contrário da concepção unicausal, preocupa-se com as diferentes ordens de complexidade dos fatores envolvidos com o processo Saúde/doença, entendendo-o como sendo o resultado de uma teia de condicionantes sociais, econômicos, políticos, culturais, ambientais, comportamentais, psicológicos e biológicos

interdependentes (BARROS *et al.*, 2005), que se relacionam entre si em uma interdependência.

Entende-se, com tudo o que foi exposto, que a Saúde, que sempre esteve atrelada aos aspectos biológicos, está estritamente relacionada com os demais aspectos da vida humana, estando esses diretamente ligados à Saúde de forma determinante também. Os condicionantes psicológicos, sociais e culturais desempenham um papel imprescindível neste contexto. Com isso, a promoção da Saúde deva ser admitida de forma ampla e integral, como é abordado no item a seguir.

3.4 Promoção da Saúde

Em decorrência das mudanças sociais, políticas e culturais, houve o esgotamento do paradigma biomédico e uma mudança no perfil epidemiológico, que se desenvolveu nas últimas décadas através do ideário que é conhecido como o da “Promoção à Saúde”, enquanto uma resposta aos desafios contemporâneos, como afirma Brugneregotto (2008).

Minayo e Miranda (2002) citam que Sigerist, um médico historiador canadense, foi o primeiro a utilizar o termo “Promoção de Saúde” para denominar as ações que fossem feitas pelo Estado, tendo a educação sanitária como apoio para a melhoria das condições de vida da população. Segundo marco histórico, a primeira “Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde”, no Canadá, cidade de Ottawa, no ano de 1986, na qual se definiu um novo panorama para a questão da Saúde mundial, partiu do seguinte pressuposto:

Promoção da Saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e Saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A Saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a Saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a Promoção da Saúde não é responsabilidade exclusiva do setor Saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global (CARTA DE OTTAWA, 1986, p. 1).

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2002) deixa explícito, neste momento, que a Promoção da Saúde consiste em proporcionar aos indivíduos meios necessários para a melhoria da Saúde e o controle sobre a mesma. A Carta de Ottawa é considerada como o documento referência da corrente da Nova Promoção da Saúde, cujos primórdios estão atrelados à Conferência de Alma-Ata, trazendo a reflexão de que o contexto social deveria ser

considerado, pois esse se tratava de um poderoso determinante da Saúde. Desse modo, os fatores gerais (desemprego, habitação, condições de trabalho, pobreza *etc.*) passaram a ser considerados, lembram Cavalcanti *et al.* (2015).

A Promoção da Saúde direciona também novas propostas de políticas públicas, com o envolvimento articulado entre governo e sociedade, partindo do pressuposto que a participação social é determinante para desenvolver ações que assegurem uma Saúde mais digna e que atenda às reais necessidades. Assim, mais do que nunca, as questões ambientais irão permear essas discussões, pois refletem o meio que os cidadãos vivem e determinam condições de Saúde, bem-estar ou de doença (BASTIANI *et al.*, 2011).

Ferreira, Castiel e Cardoso (2014) salientam, nesse contexto, que a Promoção da Saúde consiste em muito mais do que uma expressão; é ideário que serve de base para ações e políticas no campo da Saúde. Ainda assim ela está pautada em um contexto de ambiguidade e identificada em diferentes abordagens. Para os autores, a primeira delas, chamada de comportamentalista ou conservadora, funda-se nos preceitos de fatores de risco produzidos por vertentes reducionistas clássicas da epidemiologia e é, fortemente, orientada para mudanças comportamentais e de estilo de vida. Dessa forma, a Promoção da Saúde é vista como um meio de dirigir os indivíduos a assumirem a responsabilidade por sua própria Saúde e, assim, de reduzir os gastos com o sistema de Saúde.

Já a segunda refere-se à nova abordagem de Promoção da Saúde, que ficou conhecida como “Nova Promoção da Saúde” (ou abordagem socioambiental ou socioecológica), cujo marco mais expressivo foi a I Conferência Internacional de Promoção da Saúde, realizada em 1986, no Canadá. Embora também fundamentada na ideia de risco epidemiológico, tem seu foco dirigido para os condicionantes mais gerais da Saúde, como a indissociabilidade dos ambientes social, econômico e cultural. Nessa perspectiva, a Promoção da Saúde é vista como um meio de se contribuir para mudanças sociais (FERREIRA; CASTIEL; CARDOSO, 2014).

Entende-se, então, que a partir dessas novas perspectivas houve a ampliação de um marco referencial e passou-se a compreender a Saúde enquanto produção social. Assim, os determinantes socioeconômicos passaram a ser mais valorizados, o que apontou para a necessidade do compromisso político e de fomentar as transformações sociais.

A Promoção da Saúde sobrevém por intermédio de medidas sociais e políticas que conduzem o indivíduo a certo controle sobre a Saúde. Nessa perspectiva, a Saúde é encarada como um direito fundamental e uma necessidade para que o indivíduo e a comunidade tenham uma melhora na sua qualidade de vida (BOCCALETTO *et al.*, 2008).

Compreende-se, com isso, que ações pontuais, tais como atendimento médico, vacinação, palestras dos profissionais da área da Saúde, entre outras atividades, são significativas, mas não resolutivas no processo educacional. Nesse âmbito, não há a compreensão de que a escola seja responsável pelo bem-estar do aluno. Assim, quando são desenvolvidas algumas ações, como o encaminhamento de problemas de Saúde aos especialistas, identificados no dia a dia, não existe planejamento entre os profissionais, não considerando os objetivos pedagógicos da escola. Isso não possibilita o desenvolvimento de uma nova perspectiva para se pensar educação e Saúde, levando em consideração suas interfaces, como lembram Cavalcanti *et al.* (2015).

Algumas ações isoladas também foram percebidas na fala dos professores, que relataram que estas ações vêm de fora da escola, sem nenhuma reflexão do coletivo, e são realizadas sem a devida conscientização dos alunos e participação dos professores e coordenação:

Participante 1: (...) tem nutricionista que prepara o cardápio, existe a questão de restringir certos alimentos, refrigerantes, salgadinhos, doces.

Participante 2: (...) Saúde bucal, nutrição a fim de conscientizar o aluno sobre a alimentação em relação à obesidade.

Participante 4: Fiscalizar carteira de vacinação, vem uma enfermeira para medir e pesar os alunos.

Participante 5: Projeto da FOB (Faculdade de Odontologia de Bauru) de cuidados odontológicos para as crianças, nutricionista da prefeitura que vem cuidar da alimentação.

Participante 13: Projeto sobre a dengue.

Essas ações citadas pelos professores, notadamente, são importantes para a comunidade escolar, no que se refere ao processo social, no entanto, é importante que a inserção desses projetos e ações se alinhe aos objetivos da escola e dos componentes curriculares. Para Boccaletto *et al.* (2008) existe a necessidade de se incentivar a adoção de uma vida ativa entre crianças e jovens. Dessa maneira, as aulas de Educação Física devem ser agradáveis, incentivando a participação de todos os escolares. A Educação Física, visando a Promoção da Saúde, precisa vincular ações educativas, para que, dessa forma, o professor possa partir do diagnóstico das principais necessidades e demandas dos escolares (BOCCALETTO *et al.*, 2008).

A inclusão formal do tema Promoção da Saúde pela educação no Brasil adveio com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no ano de 1996, como lembram os autores Cavalcanti *et al.* (2015), além de definir o Norte para o planejamento e disposição da grade curricular - as disciplinas a serem trabalhadas; os PCN

também balizaram temas considerados de relevância para a sociedade, como questões referentes à ética, ao meio ambiente, à orientação sexual, à pluralidade cultural, à Saúde, ao trabalho e consumo e a outros temas que se configurem como importantes (CAVALCANTI *et al.*, 2015).

A Promoção de Saúde constitui uma estratégia fundamental no contexto escolar, partindo-se da necessidade de buscar o desenvolvimento global do indivíduo, estimulando suas competências e favorecendo sua integração junto à comunidade (RODRIGUES, 2007). Para o professor de Educação Física, a estratégia fundamental seria a busca pelo suporte existente em todo contexto escolar por meio dos gestores e comunidade escolar que formam uma rede de interdependências em busca de um objetivo comum, como afirma Rodrigues (2007). Neste prisma, ressalta-se a fala do Participante 8, salientando que sempre obtém apoio de seus gestores quando o assunto é Saúde, pois esse tema é sempre valorizado no contexto escolar.

Reconhecendo a importância da Prevenção, da Promoção da Saúde e do papel essencial do Profissional de Educação Física para uma qualidade de vida, surge a ideia da elaboração da Carta Brasileira de Prevenção Integrada na Área da Saúde, durante o Fórum Nacional de Prevenção Integrada da Área de Saúde, na cidade de Belo Horizonte, ocorrido nos dias 8 e 9 de setembro de 2005, promovido pelo Sistema CONFED/CREFs (Conselhos Federal e Regionais de Educação Física). A referida carta atende as diferentes profissões da área da Saúde, visando a intermediação do saber e do fazer e a construção do elo entre a teoria e a práxis pedagógica (CONFED, 2005).

Como referência principal sobre a prevenção de Saúde para os profissionais de Educação Física, a Carta Brasileira de Prevenção Integrada na Área da Saúde (CONFED, 2005), em um de seus parágrafos, afirma o compromisso dos mesmos na prevenção e na Promoção de Saúde, já que essa área se relaciona com a educação, a Saúde, a cultura, o esporte, o lazer e o turismo, atentos para uma atuação por estilos de vida ativo na população do país.

Na Carta Brasileira de Prevenção Integrada na Área da Saúde, o CONFED (2005) cita que a Saúde, há muito tempo, é reconhecida como um direito de todo ser humano. Como direito humano fundamental, é considerada essencial como fator de investimento social e econômico. Os aumentos de investimentos para a Saúde e uma reorientação dos recursos existentes provocam um processo permanente de avanço no desenvolvimento humano,

principalmente, nas perspectivas de longevidade, qualidade de vida e bem-estar social (CONFEEF, 2005).

É interessante lembrar, ainda, que a Prevenção e Promoção da Saúde, na sua interação, devem ser entendidas como ações relativas aos desafios referentes à Saúde e qualidade de vida. A prevenção e promoção da Saúde são dependentes, fundamentalmente, das próprias pessoas, de suas famílias, das comunidades e instituições, ou seja, em sua teia de interdependências, pela sua expressão cultural e exercício adequado do papel do Estado.

De acordo com Carvalho (2009), a Carta, em sua introdução, defende a atividade física pelas múltiplas potencialidades que possui, afirmando que o esporte, a ginástica, a dança, as lutas e a musculação apresentam-se como “práticas economicamente viáveis para Promoção da Saúde e da inclusão social, revelando-se ícones da prevenção integrada e holística” (CARVALHO, 2009, p. 4). Sendo assim, leva-se à reflexão do que se entende, nesse documento, por Promoção da Saúde, já que quase sempre traz os campos da prevenção e promoção da Saúde como sinônimos, segundo o autor.

A Promoção da Saúde possibilita, então, a tomada de consciência, a participação, a consciência crítica do momento histórico vivido e a formação de uma possível rede de suporte social, concentrando todos os esforços disponíveis para a melhoria da Saúde e qualidade de vida, que remetem diretamente para o exercício da cidadania (CONFEEF, 2005).

Carvalho (2009) afirma que a Carta Brasileira de Prevenção Integrada na área da Saúde, na perspectiva da Educação Física, tem como enfoque a Promoção de Saúde. Esse enfoque pode ser sintetizado na proposta da ligação entre Saúde e condições de vida que relaciona a atividade física e a Saúde com questões sociais mais amplas que impedem que os sujeitos tomem decisões mais saudáveis, tais como os fatores econômicos, culturais, étnicos e políticos.

Câmara *et al.* (2012) afirmam que a educação em Saúde tem papel central nas ações de Promoção da Saúde e, a partir de seus princípios e práticas, aparece como estratégia relevante e necessária para superar o assistencialismo da cura fundamentado na tecnificação dos procedimentos da Saúde focados na doença, exclusivamente. Isso contribui para o desenvolvimento do conceito de cidadania, entendido como direito e dever do cidadão de participar ativamente de processos relevantes de interesse público, como é o caso da Saúde, e para benefício da coletividade.

Ainda sobre a Carta Brasileira de Prevenção Integrada na área da Saúde, na perspectiva da Educação Física, ressalta-se como benefício da atividade física apenas os que

estimulam os vários sistemas orgânicos, no que tange aos aspectos biológicos, melhora no sistema cardiopulmonar e manutenção da pressão sanguínea em níveis aceitáveis, e defendem a atividade física como “uma arma eficaz para a Promoção da Saúde” (CONFEEF, 2005, p. 6). No mais, possui muitos benefícios a nível social.

Nesta ênfase, deixa-se claro a biologização quando se afirma que o aumento da atividade física tende a reduzir os casos de doenças arteriais e coronarianas, bem como é essencial para controle dos fatores de risco e um poderoso caminho para a melhoria da qualidade de vida, como destaca Carvalho (2009). O autor salienta que, para esse documento, a qualidade de vida restringia-se à ausência ou à redução das doenças. É importante ressaltar, segundo Carvalho (2009), que o aspecto biológico da Saúde deve também ser privilegiado. Contudo, quando apenas esse é abordado, acaba por ocorrer a aproximação com o modelo biomédico. Desse modo, a Carta Brasileira de Prevenção Integrada na área da Saúde, no que diz respeito à Educação Física, valoriza o aspecto biológico da Saúde por intermédio da prática do exercício físico.

A partir da ampliação do conceito de Saúde, a Educação Física pode se caracterizar como uma área de atuação na Saúde dos sujeitos de forma holística, podendo desempenhar papel importante na prevenção, promoção, manutenção e reabilitação da mesma, como defendem Bachetti e Borges (2016). Dessa forma, os autores salientam o fato de não desconsiderarem a dimensão biológica da atividade física, pois reconhecem sua importância na Saúde do indivíduo. Assim, os parâmetros fisiológicos são fundamentais para se avaliar a Saúde, que também deve ser levada em consideração quando se fala de Saúde ampliada. Com isso, a Educação Física tem demonstrado grande importância no ambiente escolar, no que se refere ao tema Saúde, podendo funcionar como um importante meio para a Promoção da Saúde, por ser um componente da área e obrigatória no corpo de disciplinas da escola (FERREIRA; OLIVEIRA; SAMPAIO, 2013).

Almeida, Oliveira e Bracht (2016) observam que a Educação Física tem uma importante contribuição para a Promoção da Saúde na escola, de modo que seja necessário superar o modelo biomédico de Saúde, uma vez que esse, além de possuir suas especificidades institucionais e sociais, já não é mais aceito como capaz de abarcar sozinho a complexidade que a análise da Saúde exige.

As múltiplas interconexões entre Educação Física e Saúde são a influência que o modelo biomédico e as ciências naturais exerceram ao longo da história sobre a produção de conhecimentos da área, bem como na construção de conceitos de Saúde relacionados à

Educação Física. Esse tipo de concepção é motivado por modelos que se baseiam na “medicalização” da vida, segundo Deive (2003).

Portanto, promover Saúde significa investir no processo de capacitação da sociedade para atuar na melhoria da qualidade de vida e Saúde, incluindo maior participação do indivíduo e da comunidade no controle das suas próprias condições de Saúde e de vida. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social, os indivíduos e os grupos devem saber satisfazer suas necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente.

Da mesma maneira, a Promoção da Saúde deve constituir-se como imprescindível no processo educacional, de forma que a Educação Física se utilize do espaço escolar, a fim de produzir mudanças por meio da práxis pedagógica que permitam aos escolares apropriarem-se de conceitos significativos para sua Saúde. Com isso, aborda-se, a seguir, a estratégia de educação para a Saúde e de que forma tal estratégia é significativa para o processo de ensino e aprendizagem.

3.5 Educação e Saúde

A educação em Saúde é uma estratégia que surge para promover Saúde e prevenção primária e secundária, devendo ser uma prática social centrada na problematização do cotidiano, na valorização da experiência dos indivíduos e grupos, tendo como referência a realidade na qual eles estão inseridos. Nesse contexto, Oliveira (2013) afirma que a educação para a Saúde é uma ferramenta para a promoção da Saúde e tem por objetivo capacitar os escolares para lutar por melhores condições de vida, tendo maiores acessos às informações em Saúde, e exigir garantia de que o Estado cumpra seus deveres conforme a Constituição Federal.

De acordo com Câmara *et al.* (2012), a educação para a Saúde busca desenvolver o senso de responsabilidade pela Saúde individual e da sociedade a que pertencem, além de estimular a capacidade de participar da vida social de uma maneira construtiva. Essa educação em Saúde tem grande papel para diminuir a distância existente entre descobertas/estudos científicos e a aplicação desses na vida diária das pessoas.

Dessa maneira, o ambiente escolar é o contexto ideal, cabendo a ele formar cidadãos humanizados, críticos e conscientes da realidade em que vivem, compreendendo como função do sistema educacional a formação de um modelo de homem que atenda às exigências de cada época e de cada sociedade (BETTI, 1991). Assim, a escola, por meio do processo ensino e aprendizagem, é o ambiente ideal para o desenvolvimento de práticas promotoras de Saúde, já

que exerce influência na aquisição de valores e estimula o exercício da cidadania por meio do poder que confere na formação humana.

Com base nesse pressuposto, por meio da educação em Saúde, pode-se estimular comportamentos, valores e atitudes entre os indivíduos, conforme afirmam Brito, Silva e França (2012). Para Menestrina (2000), a educação para a Saúde deve ocorrer por meio de ações pedagógicas adequadas para a promoção da Saúde de cada aluno e ela deve ser mediada pelo educador, com a finalidade de promover desempenhos sempre mais efetivos, podendo ser de nível individual ou em nível coletivo. O processo educacional, segundo Ferreira, Oliveira e Sampaio (2013), possui os requisitos necessários para ser o momento de partida na busca pelo conhecimento em Saúde, entre outras maneiras, pelo meio de ações de educação e promoção da Saúde. Nessa dinâmica de interação, o ambiente educacional é como um jogo que aparece como um modelo para a percepção das interdependências, interferências e entrelaçamentos que ligam os indivíduos em suas variadas e infinitas relações.

Não se pode, ainda, falar em educação para a Saúde sem políticas públicas de intervenção nas escolas, uma vez que educação e Saúde se inter-relacionam mutuamente. De acordo com Elias (2008), os processos humanos e sociais são representados por pessoas (professores) que estão sujeitas às forças que as compelem (poder público), ou seja, forças, de fato, exercidas pelas pessoas sobre outras pessoas (alunos) e sobre elas próprias (sociedade).

O ambiente escolar torna-se, então, um espaço privilegiado, por intermédio do processo educativo, para o desenvolvimento do tema Saúde (SILVA, 2010), considerando que desempenha um papel fundamental na aquisição de conceitos e valores. Nesse sentido, a escola exerce um papel estratégico no desenvolvimento de ações e na aplicação de programas educacionais capazes de melhorar as condições de Saúde, desde que possua um enfoque crítico, participativo, interdisciplinar, transversal e que consista em processos lúdicos e interativos. A escola, apoiada pela família e pelas políticas públicas, deveria ser o primeiro contato (de maneira sistematizada) das crianças com a compreensão de Saúde; essa relação constitui importante processo na vida do indivíduo, como apontam Brito, Silva e França (2012).

Desenvolver conhecimentos sobre Saúde não é papel exclusivo da escola (AZAMBUJA, 2014; CARVALHO, 2012; OLIVEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2014), porém, ela tem sido considerada um espaço adequado para essa prática, como afirma Carvalho (2012), já que consegue aproveitar todas as oportunidades do processo educativo e, assim, fomentar uma análise crítica e reflexiva sobre os valores, condutas e estilos de vida, buscando fortalecer

tudo que contribui para a melhoria da Saúde e do desenvolvimento humano (FERREIRA, 2011). A escola deve propiciar a participação da comunidade escolar na promoção de relações sociais entre os indivíduos na construção da cidadania, atendendo às necessidades do aluno em cada etapa do seu desenvolvimento, entendendo a Saúde como uma construção social e abordando a inter-relação dos problemas de Saúde com seus fatores determinantes, ou seja, formando uma teia de interdependências, dentro de cada contexto social.

A escola pode e deve criar seus próprios projetos, pois tem competência para isso, já que amplia suas ações na comunidade e envolve os escolares por meio de diagnósticos quanto às demandas dirigidas a ela. Pode-se discutir, então, com os diversos segmentos da escola, o planejamento de ações e conteúdos curriculares que podem ser desenvolvidos nas diversas áreas do conhecimento, com a integração de Temas Transversais e a formação de uma “teia” que seja um suporte para a construção de um Projeto Político Pedagógico (PPP), com conteúdos diferenciados e significativos, que possibilitem condições de mudanças culturais aos escolares (SANTOS; BÓGUS, 2007). Assim, a temática Saúde pode e deve ser inserida no PPP das escolas, a fim de propiciar essa aproximação entre o tema e os escolares.

No entanto, não é isso que se evidencia. Apenas três professores (Participante 1, Participante 5 e Participante 9), quando entrevistados, disseram que o tema Saúde é abordado no PPP em suas escolas. Os professores foram questionados sobre sua atuação, o papel da escola e as questões da temática Saúde nas aulas da Educação Física Escolar, e reafirmam a importância do papel da escola e suas aulas nesse processo:

Participante 3: A escola poderia fazer bem mais, cabe à escola prevenir e não tratar a obesidade, que seria responsabilidade de uma equipe multidisciplinar, mas a escola seria o lugar ideal para ações preventivas, para que quando as crianças saírem da escola continuem fazendo atividade física e se tornem pessoas fisicamente ativas.

Participante 4: Acho que é importante, mas não determinante, porque teria que vir dos pais, não adianta o professor de Educação Física propor coisas diferentes e conscientizar o aluno se em casa não tiver essa conscientização. Eu acredito que o trabalho também tenha que ser feito com os pais para que mude o geral, os filhos são reflexos dos pais, se o filho é gordo, você olha os hábitos alimentares dos pais, ele vai comer aquilo que o pai compra para ele comer.

Fazer a temática Saúde acontecer na escola significa superar a individualidade e produzi-la na coletividade, ou seja, a Saúde se faz não no cuidado ou na prescrição, mas na conscientização, na interação entre os indivíduos, como garante Carvalho (2012). Isso fica evidenciado na fala de um dos professores entrevistados:

Participante 8: O papel da escola e meu deveria ser junto, um trabalho em conjunto, e desenvolver um trabalho com apoio dos demais professores de uma forma geral.

Os professores ratificam a importância do tema Saúde, que não é privilegiado, no ambiente escolar e também nas aulas de Educação Física, embora se saiba que a elaboração do PPP deve ser construída coletivamente no ambiente escolar, devendo o projeto organizar o trabalho pedagógico visto os interesses e necessidades da comunidade escolar, subsidiando a práxis pedagógica, a fim de assegurar uma aprendizagem de qualidade em que o aluno possa ser um agente de transformação social. Fica evidente que o professor não aproveita esse momento imprescindível para colaborar com a inserção da Saúde no PPP de sua escola.

Ainda no que se refere à construção do PPP nas escolas, o estudo de Oliveira *et al.* (2015) revela que, além da efetiva participação na construção, há outros entraves que os sujeitos enfrentam como, por exemplo, mudanças de gestão, a burocracia, a falta de compartilhamento dos documentos *etc.*

Menestrina (2000, p. 33) entende que: “educação para a Saúde não é apenas uma disciplina escolar, constitui-se também como um princípio de vida que atue na formação de uma consciência corporal saudável, visando ações comprometidas e autônomas de integração biopsicossocial”. Para o autor, os objetivos da disciplina não podem se reduzir exclusivamente às temáticas da Saúde, mas a aula de Educação Física Escolar deve estar voltada para o desencadeamento de um processo social e educacional de caráter permanente do escolar.

Educação para a Saúde é um processo educativo que possibilita desenvolver uma consciência corporal saudável, a qual poderá ser adquirida através de uma correlação direta entre educação e Saúde. Logo, dentro da escola, é perfeitamente possível atingir as dimensões da educação para a Saúde no processo educacional, pois, à medida que proporciona a formação de um ser crítico e consciente das relações sociais e do meio em que está inserido, contribui para a formação integral do indivíduo, embora Azambuja (2014) ressalte que muitas ações educativas em Saúde continuam sendo trabalhadas apenas em caráter informativo.

Existe uma grande importância em trabalhar conceitos sobre Saúde na Educação Física Escolar, visto que os bons hábitos (alimentação e atividade física, principalmente), quando incorporados na infância e na adolescência, possivelmente, são transferidos para a idade adulta. A finalidade de programas de Educação para Saúde por meio da Educação Física Escolar é proporcionar fundamentação teórica e prática sobre o assunto (GUEDES, 1999).

Em contraste a isso, existe uma crítica, feita por Oliveira *et al.* (2015), na preocupação em abordar o tema da Saúde na esfera teórico-conceitual, questionando as abordagens que estão vinculadas a um conceito restrito ou biológico de Saúde, que, além de promover a culpabilização da vítima, parecem reduzir a complexidade da vida (e a Saúde) à dimensão biofisiológica, consubstanciando a ideia de que a Saúde para a Educação Física é uma questão pedagógica. Nesse sentido, os autores não eliminam a dimensão biológica, afirmando que a mesma deve ser ressignificada pedagogicamente.

Em síntese, a escola é considerada um ambiente propício para ações educativas de Saúde. Os professores reconhecem a importância do papel da escola, que poderia ser mais eficaz e utilizar o trabalho multidisciplinar para tratar o tema Saúde, considerando a disciplina de Educação Física como parte importante neste processo, embora haja também professores que pensam que a escola não tem como trabalhar sozinha se a vivência familiar não colaborar com a formação de hábitos saudáveis, uma vez que a família exerce um papel de grande influência na vida dos escolares quando comparada a escola.

Assim, percebe-se a extrema importância dos conhecimentos sobre a Saúde desenvolvidos na escola, um espaço apropriado para essa prática, no qual as discussões avançam no sentido de promover e fomentar uma análise crítica e reflexiva sobre o tema, facilitando a participação da comunidade escolar na promoção de relações sociais entre os indivíduos na construção da cidadania e atendendo as necessidades do aluno em cada etapa do seu desenvolvimento. A Saúde deve ser entendida como uma construção social, abordando a inter-relação dos problemas de Saúde com seus fatores determinantes, dentro de cada contexto social. Com isso, a seguir, discutir-se-á a Saúde no contexto da Educação Física Escolar e as principais influências que resultaram no cenário que é apresentado hoje.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SAÚDE

Para que se compreenda a Educação Física atual, é necessário considerar suas origens no contexto brasileiro, assim como suas principais influências, a formação profissional e também sua trajetória até os dias atuais, tratando das questões relacionadas à Educação Física Escolar e à inserção da temática Saúde no contexto da disciplina, que serão apresentadas neste capítulo.

4.1 Educação Física no Cenário Brasileiro

Os processos de construção e reconstrução da Educação Física, ao longo de sua trajetória na educação escolar brasileira, pode ser identificada por cenários políticos, históricos, culturais e econômicos, ou seja, processos sociais que cooperaram para distintos modelos deste componente curricular, conforme seu percurso.

Em consonância com o conceito de *habitus*, aquilo que muda com o tempo, as experiências de um indivíduo, no interior de uma configuração ou sociedade, nação e seus agrupamentos, estão em movimento contínuo, ora mais lento, ora mais acelerado. Ao mesmo tempo, nesse processo, vão se acumulando os novos *habitus* aos mais antigos, transfigurando-os, reformando-os ou sendo a eles incorporados, sempre com uma boa dose de tensão (ELIAS, 1994a).

Para a compreensão do papel da Saúde na Educação Física Escolar no Brasil, faz-se necessário um breve resgate da história da disciplina e seus respectivos períodos. A introdução da Educação Física nas escolas brasileiras deu-se, efetivamente, através da Reforma Couto Ferraz, em 1851. Com a reforma realizada por Rui Barbosa, em 1882, houve uma recomendação que ela fosse obrigatória, porém, é somente a partir de 1920 que vários estados incluem a Educação Física (inicialmente ginástica) em suas reformas educacionais (BETTI, 1991). As reformas educacionais, iniciadas na década de 1920, em diversos estados da federação, incluíram a Educação Física com o nome de ginástica. Bracht (2013) ressalta que a Saúde foi (e talvez ainda seja) o grande mandato atribuído a Educação Física Escolar, respaldada pelo discurso médico.

A Educação Física se constituiu na escola partindo de um enfoque higienista, que figurou por algum tempo e de forma bastante representativa, fortemente influenciado pela Medicina e pela Eugenia. Essa concepção possuía como preocupação principal os hábitos de higiene e Saúde, valorizando tanto o desenvolvimento físico quanto o moral, com procedência

no exercício. Outra tendência da Educação Física foi a militarista, fundamentalmente biologicista, que expressava a forma como os professores compreendiam os escolares, considerando-os de forma homogênea.

Na sequência, a área assumiu a vertente esportiva, vendo o aluno como sinônimo de atleta, e voltou-se para a identificação/treinamento de talentos esportivos que pudessem representar o país nas competições internacionais. Mesmo que haja uma certa resistência e um cenário de uniformidade, esses modelos de Educação Física são recorrentemente relatados em obras que tratam dos aspectos históricos e sociológicos da área (BETTI, 1991; CASTELLANI FILHO, 1988; SOARES *et. al.*, 1992).

Betti (1991) ressalta que, de 1969 a 1979, o Brasil observou a ascensão do esporte, devido à inclusão do binômio Educação Física/Esporte nos planos de estratégia governamental, embora o esporte de alto nível estivesse presente no interior da sociedade desde os anos 1920 e 1930. O modelo esportivista, como ficou conhecido, é bastante criticado pelos acadêmicos, principalmente a partir da década de 1980, mesmo que essa concepção ainda esteja bastante presente na realidade atual da escola.

Assim, a Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi desenvolvida pelos militares com o objetivo de formar indivíduos fortes e saudáveis, os quais eram indispensáveis para o processo de desenvolvimento do país. Essa associação que ocorria entre Educação Física, Educação do Físico e Saúde Corporal deve-se não só aos militares, mas também aos médicos. Baseados nos princípios da medicina social de índole higiênica, proclamaram-se a mais competente categoria profissional para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da família brasileira. Para cumprir suas atribuições, os higienistas utilizaram a Educação Física, definindo-a como a criação do corpo saudável (BETTI, 1991; CASTELLANI FILHO, 1988).

Em meados da década de 1980, com a abertura do regime político e o estabelecimento de processos democráticos, novas reflexões surgiram nos diversos campos da sociedade. Essa efervescência de ideias contribuiu, sobremaneira, para que a Educação Física passasse por um processo de autocrítica, denominado por Medina (1983) como a crise da Educação Física. Segundo o autor, a área deveria entrar em crise para que pudesse se avaliar e construir uma nova forma de ser.

A Educação Física passou por transformações significativas em suas dimensões acadêmicas e profissionais. Em termos acadêmicos, ocorreu um processo de legitimação enquanto área de conhecimento científico, atribuindo-lhe autonomia na produção intelectual

que norteia sua prática profissional. Em termos profissionais, consolidou-se o *status* de profissão regulamentada, atrelada a uma ampla discussão sobre as matrizes curriculares de formação no ensino superior, materializada nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física (VERENGUER, 1997).

Nesse contexto, a Educação Física buscava transpor um modelo pedagógico orientado, legitimamente, pela transmissão do conhecimento via manuais, saberes da experiência e de natureza, exclusivamente, biológica, a fim de encontrar uma expressão de valorização do conhecimento científico para as instâncias socioculturais, históricas e políticas (BAURU, 2016).

Os resultados para a Educação Física Escolar, inicialmente, apresentaram-se em livros que tentavam organizar esses processos de mudança com proposições curriculares bastante distintas do que vinha sendo realizado até aquele momento nas escolas. As obras “Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista” (TANI *et. al.*, 1988), “Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física” (FREIRE, 1989) e “Metodologia do ensino da Educação Física” (SOARES *et. al.*, 1992) foram produções de destaque nacional, sendo debatidas e discutidas em vários eventos da área. Porém, tais proposições, ainda em discussão evidente nos espaços acadêmicos da área, não alcançaram efetivamente a práxis pedagógica das aulas de Educação Física no âmbito escolar (BAURU, 2016).

Ainda assim, tais reflexões foram muito importantes para a constituição de novos debates, formação de grupos e mobilizações sociais que, certamente, influenciaram na redefinição de encaminhamentos para a Educação Física na atual LDBEN (BRASIL, 1996). Nesse momento, a Educação Física assumiu a nomenclatura de componente curricular, deixando de ser “atividade” nas escolas brasileiras, garantindo, pelo menos, como identificação, um reconhecimento, ao ser comparada com as antigas disciplinas escolares. Desse modo, com novos ajustes à legislação, o termo obrigatório é incorporado no texto da lei e, assim, a Educação Física passou a ser reconhecida como componente curricular obrigatório na Educação Básica (da educação infantil até o ensino médio).

Associado a essas mudanças, a partir de 1997, o governo federal de Fernando Henrique Cardoso iniciou um trabalho visando à produção de uma proposta de currículo para as escolas de todo o país. Tal projeto foi denominado por Referenciais Curriculares Nacionais/RCN (BRASIL, 1998) e Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN (BRASIL, 1997;

BRASIL, 1998) e foi destinado a toda educação básica, indo da educação infantil até o ensino fundamental e médio (BAURU, 2016).

Especificamente para a Educação Física, sobretudo para o ensino fundamental, os PCN trouxeram contribuições imprescindíveis. A primeira delas refere-se à expressão de certa convergência, a respeito da cultura corporal de movimento, como objeto pedagógico da Educação Física, destacando os conteúdos: esporte, jogos, lutas, conhecimento sobre o corpo, ginástica e atividades rítmicas; depois, veio o reconhecimento de três dimensões (procedimental, conceitual e atitudinal) para os conteúdos da Educação Física; e, ainda, a problematização dos temas transversais articulados à Educação Física (ética, pluralidade cultural, meio ambiente, orientação sexual, Saúde, trabalho e consumo). Apesar de todos esses esforços e avanços, a efetivação da proposta não se consolidou, pelo fato da grande dificuldade que seria enfrentar os desafios marcados pela diversidade do país, no que diz respeito às características e necessidades de cada região para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem (BAURU, 2016).

Com o ingresso da nova presidência do Brasil, as condutas relativas aos RCN e PCN foram sendo deixadas de lado e novas políticas públicas que não comungavam perspectivas curriculares nacionais foram surgindo. Após dez anos da tentativa de implantação dos RCN e PCN, outras iniciativas foram inauguradas, com o intuito de originar novas propostas de proposição curricular para a educação básica, porém com representações estaduais. É nesse contexto que surgem as propostas e referenciais curriculares em vários estados brasileiros, como, por exemplo: Proposta Curricular do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008), Proposta Curricular do Estado de Minas Gerais (MINAS GERAIS, sd), Proposta Curricular do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008) e Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2009). Especificamente no estado de São Paulo, a proposta significou um avanço nos aspectos de orientação do trabalho docente, uma vez que foi caracterizada por uma proposição curricular mais detalhada que os PCN, pelo fato de haver um caderno para o professor e outro para o aluno, contendo os conteúdos a serem desenvolvidos, tempo de duração das aulas para o desenvolvimento das temáticas, apresentação de estratégias de ensino, dinâmicas, atividades para os escolares e dicas para aprofundamento do tema (BAURU, 2016).

As falas dos colaboradores da presente pesquisa corroboram a ideia de que, apesar destes avanços, ainda se pode notar professores que resistem ao uso de propostas e orientam suas aulas de Educação Física por uma perspectiva esportiva— alguns escolares escolhem o

que querem jogar, outros ficam sentados nas arquibancadas e o professor exerce apenas o papel de observador. Há, também, aqueles que contemplam as dinâmicas expositivas da proposta, sobretudo em sala de aula, mas que na quadra realizam os esportes que conhecem, desarticulando-se da proposta; aqueles que seguem o currículo à risca; e aqueles que utilizam a Educação Física como suporte e ampliação daquilo que já planejam, elaboram e realizam em suas aulas (BAURU, 2016).

Esse marco da Educação Física Escolar foi inaugurado no final da década de 1980 e ampliado pelas políticas públicas educacionais tanto federais quanto estaduais. Em alguns municípios, contribuiu e vem contribuindo para a constituição de um corpo de conhecimento mais identificador que fragmentador da área, ou seja, são diversas as convergências que podem ser extraídas do currículo (BAURU, 2016), como a que reconhece que a Educação Física Escolar não se esgota na dimensão do saber fazer, mas também envolve o saber sobre, de natureza mais conceitual, que envolve fatos, princípios e reflexões, e o saber ser, com a constituição de atitudes, valores, hábitos e comportamentos. Nessa perspectiva, Betti (1991) ressalta que a função da Educação Física Escolar não está restrita ao ensino de habilidades motoras, embora sua aprendizagem também deva ser entendida como um dos objetivos da disciplina, mas não o único (BAURU, 2016).

A Educação Física Escolar precisa desenvolver conteúdos diversificados para, efetivamente, transitar no cenário da cultura corporal. Existe a necessidade de ampliação do corpo de conteúdo, de modo que se origine dinâmicas para além da aprendizagem e realização exclusiva do movimento, e de novos debates sobre os aspectos históricos desse conteúdo, assim como suas trajetórias na contemporaneidade, influências fisiológicas de sua prática e reflexões sobre todo esse processo. Nesta reconstrução da finalidade da Educação Física Escolar como componente curricular, não há enfoque apenas na teoria, já que não é possível esquecer a dimensão do significado da experiência corporal. O processo educativo acerca do movimento passou, necessariamente, pela experimentação corporal, uma experimentação que, como sugerem González e Fraga (RIO GRANDE DO SUL, 2009), carrega a vertente do saber para fazer e do saber para conhecer.

O conteúdo das aulas de Educação Física Escolar tem privilegiado algumas modalidades esportivas, como, por exemplo, Futebol, Futebol de Salão, Basquetebol, Voleibol e outras. Apesar de mudanças ocorridas ao longo do tempo, que privilegiaram outros conteúdos conhecidos como cultura corporal, essas são percebidas também pelos professores em sua práxis pedagógica, como disseram os Professores abaixo:

Participante 1: Hoje eu sinto quanta diferença na Educação Física ao longo dos anos. É muita diferença, a mudança nos conteúdos, nas formas de ensinar, pois o retorno vem de todos os lados, desde a coordenação até os próprios alunos, então é outra Educação Física, o reconhecimento inclusive de outras áreas e isso valoriza nossa profissão.

Participante 4: Hoje não é mais o conteúdo esportivo, a história da Educação Física no Brasil privilegiou o esporte. O esporte deixou de ser o centro da Educação Física e agora trabalhamos outros eixos que são muito importantes e percebemos que esses outros conteúdos são importantes e ainda agradam os alunos.

Os professores citam, ainda, quais conteúdos têm sido eleitos em suas aulas, de modo que algumas mudanças são observadas:

Participante 3: Trabalhamos os jogos, esportes, ginásticas, lutas, danças, conhecimento sobre o corpo que é bem abrangente e aborda a atividade física e Saúde.

Participante 9: Hoje dá para trabalhar com alunos de diversas formas, não mais só na quadra, existem outros caminhos através de pesquisas, projetos e isso valorizou o professor de Educação Física. Hoje já somos vistos como os outros professores das demais disciplinas.

Participante 10: A organização curricular trouxe uma facilidade para a prática pedagógica e nos aproximou da rotina escolar. Tem os limites daquilo que nós gostaríamos, por exemplo, a questão da carga horária, e outras questões que são bastante interessantes.

Evidencia-se na fala dos professores que o Currículo utilizado facilitou a práxis pedagógica e trouxe uma valorização dos professores de Educação Física, de forma que os conteúdos trabalhados foram, notadamente, ampliados e a quadra esportiva deixou de ser a única opção para as aulas.

A abordagem, ainda que em termos gerais, sobre conteúdo e práxis pedagógica da Educação Física e suas interfaces com a Saúde é rara. Nesse contexto, na pesquisa de Ferreira (2011), o autor afirma que é notável o fato de que o tema Saúde é pouco discutido nas aulas de Educação Física, fazendo-se necessário um projeto de educação permanente em serviço para habilitar o professor a abordar o assunto. Em conformidade a isso, alguns professores afirmam não trabalhar o tema em suas aulas:

Participante 7: Eu não sento exatamente para falar sobre isso, porque os alunos não gostam, aula teórica é um sacrifício.

Participante 13: Não, eu preciso ver esse tema com mais carinho e incorporar em minhas aulas.

Participante 14: É complicado, pois programamos um conteúdo e tem algum imprevisto como um passeio, por exemplo, e aí só na próxima semana, então é difícil, é complicado.

Conforme estudos de Mustafa (2006), os professores pesquisados podem mostrar conhecimentos em relação às tendências e/ou abordagens existentes para a Educação Física Escolar, no entanto, evidenciam uma imensa dificuldade para valorização e escolha dos conteúdos voltados para a Saúde e asseguram dificuldade para a aplicação na práxis pedagógica.

Os autores Knuth, Azevedo e Rigo (2007) afirmam que a utilização de conteúdos referentes à Saúde nas aulas de Educação Física é uma prática bastante recorrente, porém, essa prática abre espaço para discussões e controvérsias. Para os autores, as principais inadequações perpassam, fundamentalmente, por três eixos teóricos: a superficialidade como são tratados os conceitos de Saúde, principalmente, pela redução do conceito de Saúde apenas à sua dimensão biofisiológica; a predominância da abordagem teórica para tratar esses conceitos, o que acaba por afastar a Educação Física de uma de suas singularidades fundamentais, que é a sua intervenção direta com o corpo e com o movimento dos escolares; e o que pode ser denominado de epistemologia da segregação, que divide e fortalece uma posição de cisão entre os conhecimentos biológicos e aqueles oriundos das Ciências Humanas, tanto na formação como na atuação no âmbito da Educação Física.

Nesse sentido, a discussão alcança outros aspectos e o principal é a formação inicial, na qual os currículos de formação têm uma divisão, no que diz respeito à Saúde: nos cursos de Licenciatura, é vista como uma consequência dos conteúdos da Educação Física Escolar perspectivando a ideia de causa/efeito; no curso de Bacharelado, a Saúde está vinculada ao desempenho humano, limitado às questões biológicas (OLIVEIRA, 2009).

Uma questão importante foi citada por um professor entrevistado, que afirmou que mais relevante que a escolha do conteúdo é a escolha da práxis pedagógica (metodologia) aplicada e que essa determina o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Os professores foram questionados sobre a forma como utilizavam a inserção do tema Saúde em suas aulas:

Participante 9: Através de pesquisa na *internet*.

Participante 5: Recortes de jornais, pesquisa na *internet*, discussões e debates.

Participante 11: Aulas teóricas sempre relacionadas às atividades desenvolvidas durante as aulas e pesquisa na *internet*.

Participante 14: A prática pedagógica da nossa disciplina por si só já leva ao tema Saúde, que pode ser trabalhado em qualquer aula e de qualquer forma.

Notadamente, uma variedade de procedimentos foi evidenciada, com o professor adotando novas formas de abordar o tema saúde, ampliando as possibilidades da disciplina, e propiciando o entendimento de que a disciplina tem deixado de ser restrita às práticas esportivas. Desse modo, contribui-se para que o aluno entenda o verdadeiro sentido da disciplina, que vai além das práticas descontextualizadas, e promove-se discussões e debates, com a finalidade de desenvolver no aluno a capacidade de criticidade. Conforme Oliveira (2014), os professores, ao tratarem o tema saúde em suas aulas, devem acrescentar conteúdos novos e, ainda, adotar novas formas de abordar os conteúdos, a fim de ampliar as possibilidades das práticas corporais.

Para Silva (2011), é de suma importância o professor utilizar os recursos tecnológicos, como é o caso da *internet*, como um meio metodológico e, assim, propiciar ao aluno a oportunidade de ampliar e rever suas compreensões a respeito dos discursos veiculados na mídia correspondentes à temática Saúde. Entende-se, então, que os escolares, por meio do contexto produtivo da mídia-educação, podem exercitar críticas aos meios, talvez, ainda, de forma assistemática e pouco consciente para eles.

Quando a temática Saúde é trabalhada na Educação Física Escolar, as questões biológicas estão sempre presentes, como se pode conferir nos discursos dos professores:

Participante 3: Trabalho com pirâmide alimentar e os riscos da obesidade e as doenças cardiovasculares, diabetes e hipercolesterolemia (...).

Participante 8: Trabalho com IMC, balanço energético, alimentação adequada (...).

Participante 12: (...) obesidade.

Os temas citados (alimentação, pirâmide alimentar, obesidade, doenças cardiovasculares, diabetes, hipercolesterol, IMC e balanço energético) são temas inerentes aos aspectos biológicos, mas de grande importância, e que, se forem trabalhados, considerando além dos aspectos biológicos os aspectos comportamentais e psicológicos, certamente serão fundamentais na vida dos alunos, pois eles passarão a perceber o problema de forma integral. Cabe aqui reiterar que os aspectos biológicos da Saúde não precisam e não podem ser negados, e sim ressignificados, pois devem ser considerados a partir de uma visão mais ampla, em que o indivíduo é entendido de forma global.

Para Darido (2001), é fundamental a compreensão dos motivos para o afastamento dos pesquisadores da área biológica das questões escolares, cujo viés seja o sociocultural. O primeiro deles é o *status* - verbas, financiamento e reconhecimento da sociedade -, que é

superior no campo do rendimento esportivo. Assim, muitos pesquisadores acabaram dirigindo seus estudos na busca de alternativas para melhorar o desempenho e, paralelamente, com o aumento do número das academias de ginástica e a procura da atividade física pelo cidadão comum, uma atenção especial também foi dirigida aos aspectos relacionados à Saúde e qualidade de vida. Uma segunda razão para justificar o afastamento dos pesquisadores da área biológica das questões escolares pode ser atribuída ao próprio discurso dos trabalhos da área pedagógica, que, a partir da década de 1980, não entendiam e/ou não valorizavam a dimensão biológica nas suas propostas para a escola.

É indiscutível que a Educação Física Escolar deve sistematizar situações de ensino e aprendizagem que proporcionem aos escolares o acesso a conhecimentos práticos e conceituais. Para tanto, é necessário mudar a ênfase dada ao alto rendimento para uma concepção mais abrangente, que priorize a aptidão física relacionada à consciência corporal, à liberdade de expressão, à Saúde e que contemple todas as dimensões envolvidas em cada prática corporal (BRASIL, 1998).

No Brasil, no início do século XX, não havia escolas de formação de educadores físicos e o saber dos professores, geralmente, limitava-se à instrução prática. As atividades físicas, ainda que reconhecidas no plano educacional, praticamente, inexistiam nas instituições de ensino. Elas passaram a se popularizar a partir da intervenção dos médicos higienistas, que, sabedores da importância da educação do corpo, encarregaram-se de divulgá-la ao conjunto da população. Em nome da Saúde, os médicos interferiram no espaço privado das famílias e na intimidade dos indivíduos, orientando a conduta de mulheres e homens sobre asseio, banhos, vestimentas, hábitos alimentares, relações afetivas e sexuais e prática de atividades físicas (GOELLNER, 2010).

Em oposição à vertente mais tecnicista, esportivista e biologicista, surgiram novas abordagens na Educação Física Escolar, a partir do final da década de 1970, inspiradas no momento histórico social pelo qual passou o país, nas novas tendências da educação de uma maneira geral, além de questões específicas da própria Educação Física.

A vertente biológica, tão presente na Educação Física, parecia declinar. A Educação Física, na verdade, entrou em crise epistemológica. Ferreira, Oliveira e Sampaio (2013) ressaltam questionamentos importantes perpassados neste cenário: O que fazer? Não se respira mais os ares do higienismo e sua assepsia corporal; não se pretende mais produzir futuros soldados, como preconizava a tendência militarista; não há a necessidade de produzir atletas, pois a escola não possui essa função, como queria a tendência esportivista. Qual a

ciência da Educação Física? A que se destina? Qual o verdadeiro papel da Saúde na Educação Física? Desta crise, aflorada pela necessidade de sobrevivência, surgem as abordagens da Educação Física.

Posto isso, várias concepções passaram a figurar nesse cenário, todas elas tendo em comum a tentativa de romper com o modelo anterior. Essas abordagens, que serão discutidas nas seções a seguir, resultaram da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas e todas têm ampliado os campos de ação e reflexão para a área da Educação Física, aproximando-a das ciências humanas. Embora contenham enfoques diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, têm em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano.

4.1.1 Abordagem psicomotora

Essa abordagem foi o primeiro movimento articulado que surgiu na década de 1970 e seu mais influente defensor foi Frances Le Boulch. O envolvimento da Educação Física, nessa abordagem, deu-se com o desenvolvimento da criança com o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, buscando a formação integral. Essa abordagem descaracterizou a Educação Física, que, até então, servia de modelo nas escolas e restringia os escolares ao plano biológico, ao rendimento corporal e aos conteúdos predominantemente esportivos, para contrapor e valorizar/enfatizar a educação pelo movimento, tendo como pressupostos o interesse no desenvolvimento do comportamento motor e baseando-se na construção da aresta central da personalidade (DARIDO, 2001), pois entende que o “ato motor não é um processo isolado só tem significado se estiver em relação com a conduta de toda a personalidade” (LE BOULCH, 1983, p. 17).

4.1.2 Abordagem construtivista

A abordagem construtivista e interacionista tem na obra de João Batista Freire, “A Educação de corpo inteiro”, que foi publicada em 1989, o referencial que determinou a divulgação das ideias construtivistas na Educação Física no Brasil. A partir de um contexto que seja significativo para a criança, o autor propõe uma pedagogia centrada nos jogos e brincadeiras como uma das possibilidades de despertar consequências importantes no desenvolvimento dos escolares. Essa teoria vai de encontro às propostas anteriores da Educação Física, que tinham seus pressupostos no desempenho e na padronização dos

comportamentos e que deixavam à deriva experiências anteriores vivenciadas pelos escolares. Portanto, é uma proposta que entende o aluno como um sujeito histórico, que deverá ser educado através da simultaneidade dos seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos e culturais. A abordagem construtivista e interacionista é, portanto, uma proposta que entende o aluno como um sujeito histórico, que deverá ser educado através da simultaneidade dos seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos e culturais (MADEIRA, 2012).

4.1.3 Abordagem desenvolvimentista

Tal abordagem surge com a preocupação em ajustar as características biológicas à faixa etária dos escolares, estimulando-os a competências nas quais eles já possuam características necessárias para o desenvolvimento, pois “só assim, suas reais necessidades e expectativas serão alcançadas” (TANI *et. al*, 1988, p. 2), não acarretando em uma sobrecarga e um estímulo desnecessário, os quais não terão capacidade motora para responder. Os autores fundamentam sua teoria através dos processos de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem motora, existindo, assim, uma perceptível preocupação a respeito das capacidades a serem desenvolvidas em cada faixa etária do aluno. Essa abordagem é, então, adotada para o favorecimento do crescimento físico, desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social da aprendizagem motora.

4.1.4 Abordagem de Jogos Cooperativos

No Brasil, os jogos cooperativos como aprendizagem ganharam força na década de 1980, através de ensaios, tradução e publicação de livros internacionais e movimentos isolados (gincanas, jogos escolares, cursos, clínicas, oficinas, festivais *etc.*) e teve iniciação em um curso de pós-graduação *lato sensu* em jogos cooperativos (Santos-SP). A publicação do primeiro livro com autoria nacional sobre essa abordagem - “Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar”, de Fábio Otuzi Brotto - contemplava, exclusivamente, a temática. A concepção dos jogos cooperativos é construída com interface na Pedagogia do Esporte, vislumbrando o exercício da convivência, que, nos seus pressupostos, torna-se fundamental para o desenvolvimento pessoal e para a transformação, estimulando o aperfeiçoamento das Habilidades de Relacionamento, propiciando o sistema de relações uns com os outros, em vez de uns contra os outros. A abordagem baseada nos jogos cooperativos é mais uma possibilidade metodológica que tem por objetivo a “fuga” da

dinâmica imposta pelo capitalismo que, como é sabido, visa à competição e à sobrepujança; ela retrata uma maneira pedagógica do professor inserir, no contexto educacional, uma nova possibilidade de reflexão aos escolares, não condenando a competição, mas demonstrando as possibilidades e valorizando o processo de ensino e aprendizagem através do cooperar (MADEIRA, 2012).

4.1.5 Abordagem da Saúde Renovada

A abordagem de Saúde renovada também contrapõe a valorização exacerbada dada ao esporte formal no contexto escolar, defendendo que ele não pode ser o único meio para que se alcancem os benefícios educacionais esperados da Educação Física, que é desenvolver as habilidades motoras, aptidão física, caráter sociopessoal e um estilo de vida ativo (NAHAS, 1996), pois, como em outras abordagens presentes neste estudo, ela sugere que o esporte exclui grande número de escolares menos aptos, pouco habilidosos ou menos dotados geneticamente, que poderiam usufruir e se beneficiar de uma atividade física regular mais inclusiva. Nahas (2001) faz uma ressalva, neste ponto, acreditando que o esporte e seus jogos são fundamentais para o currículo da Educação Física, mas não podem substituir outros componentes da disciplina.

Dado o exposto, a Educação Física Escolar, vinculada aos pressupostos da Aptidão Física, deveria proporcionar a elaboração de conhecimentos sobre a atividade física para o bem-estar e a Saúde; estimular atitudes positivas em relação aos exercícios físicos; dar oportunidades para a escolha e a prática regular de atividades que possam ser continuadas após os anos escolares; e promover a independência na escolha de programas de atividades físicas relacionadas à Saúde (NAHAS, 1996). A revisão de literatura, neste aspecto, entende que as práticas de atividades físicas vivenciadas na infância e adolescência se caracterizam como importantes atributos no desenvolvimento de atitudes, habilidades e hábitos que podem auxiliar na adoção de um estilo de vida ativo fisicamente na idade adulta.

Concepções referentes às questões da Saúde no âmbito da Educação Física Escolar são bem plurais, sendo possível enxergá-la sob diferentes olhares. Autores como Guedes e Guedes (1993) defendem a proposta de que a Educação Física Escolar necessita, em sua proposta pedagógica, se direcionar a novos rumos, de modo que a disciplina deva superar suas raízes técnicas e biológicas, voltadas unicamente para desenvolvimento de habilidades esportivas e atléticas, e incluir em seus conteúdos o tema Saúde.

A teoria de Guedes e Guedes (1993) e Guedes (1999), denominada, mais tarde, de Saúde Renovada, por Darido e Rangel (2005), faz uma crítica à Educação Física tradicional, cujo objetivo da disciplina deveria se concentrar na fundamentação teórica e práxis pedagógica que levassem os alunos a incorporar conhecimentos de atividade física relacionada à Saúde e que os conduzissem a praticar uma vida saudável, não só na infância e adolescência, mas também na fase adulta, ou seja, por toda a vida. Entretanto, a teoria sofre diversas críticas no que se refere aos aspectos coletivos da Saúde, que são inexistentes ou, na verdade, não considerados pelos autores.

Para Maitino (1998) a Educação Física Escolar deve ter como objetivo principal a inclusão da atividade física relacionada à Saúde e à compreensão da mesma, ou seja, atingir a finalidade de proporcionar aos alunos a independência quanto às suas atividades além do entendimento de Saúde. Neste ponto, Miranda Junior (2006) alerta para o fato de que a Educação Física Escolar possui uma grande possibilidade de proporcionar o entendimento de Saúde a todos, pois é o único lugar em que crianças, não importando sua classe, cor, credo, sexo, habilidades técnicas e desempenho motor, praticam atividades físicas e, desta forma, deveriam ser instruídas para a compreensão de Saúde e hábitos saudáveis.

Muitos aspectos da escola e do próprio desenvolvimento dos alunos em fase escolar favorecem que a Educação Física proporcione o entendimento de Saúde. Miranda Junior (2006) sustenta, então, que as curiosidades dos alunos com o próprio corpo e a descoberta das possibilidades corporais favorecem a receptividade às informações de Saúde.

Rocha e Centurião (2007), neste âmbito, afirmam que pensar centrado na doença conduz a uma noção de Saúde relativa apenas aos aspectos orgânicos. Desta forma, pensar na Educação Física apenas como um remédio para o sedentarismo e a obesidade é pensar uma Educação Física preocupada apenas com alguns aspectos e não com a integralidade do ser humano. Os mesmos autores explicam que a importância em demasia aos princípios científicos na área da Saúde tem levado a uma atenção centrada na doença.

Bagrichevsky (2007) faz uma crítica sobre a relação atividade física *versus* Saúde como sendo única preocupação da Educação Física. Para o autor, a década de 1980 foi marcada por intensas discussões sobre aptidão física e isso significava preocupações com a Saúde. Outros autores demonstram preocupação com o axioma inquestionável da Educação Física - atividade física é Saúde -, como a exemplo de Ceccim e Bilibio (2006), que relatam que a Educação Física foi sendo considerada positivista pela relação de causa e efeito entre

exercício físico e Saúde, uma vez que a falta da atividade física é considerada a causa de doenças e sua aplicação é a restauração da Saúde.

A Educação como área de conhecimento passa a admitir que a Saúde é uma questão ampla/transversal, da qual se exige múltiplos olhares e saberes complexos, a partir do crivo de todos os componentes curriculares, em especial da disciplina de Educação Física. Dessa forma, o professor de Educação Física é influenciado por sua formação, de modo a privilegiar algumas questões que subsidiam essas ações de educação e Saúde no ambiente escolar em sua disciplina.

4.1.6 Abordagens Críticas ou Progressistas

Com base nas discussões que vinham ocorrendo nas áreas educacionais e na tentativa de romper com o modelo hegemônico do esporte/aptidão física praticados nas aulas de Educação Física, a partir da década de 1980, são elaborados os primeiros pressupostos teóricos num referencial crítico, de tendência marxista. Estas abordagens, denominadas críticas ou progressistas, passaram a questionar o caráter alienante da Educação Física na escola, propondo um modelo de superação das contradições e injustiças sociais (DARIDO, 2001). Assim, uma Educação Física crítica estaria atrelada às transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades sociais. É importante ressaltar, ainda, que surgiram alguns desdobramentos da abordagem crítica, com posições nem sempre convergentes, como a perspectiva crítico-superadora e a crítico-emancipatória.

A abordagem Crítico-Superadora tem como referencial o livro que reúne um coletivo de autores com vivências nas mais diversas áreas do conhecimento da Educação Física Escolar e outros níveis do conhecimento, instigados a partir do contato que tiveram com os professores que são sufocados por inúmeros fatores que dificultam sua prática diária, levando-se em conta as condições reais. Já a Crítico-Emancipatória teve como objetivo contrapor o entendimento quanto ao “pessimismo teórico” encontrado nos trabalhos com tendência crítica em Educação Física, acerca das questões de classe, vislumbrando, assim, alcançar um “otimismo prático”, com possibilidades reais de mudanças na práxis pedagógica. Por isso, a abordagem proposta por essa abordagem tenta e/ou desvincula-se da luta de classes, não enfatizando a Educação Física como veículo de propagação de uma delas ou com a preocupação de superação de uma sobre a outra.

Dentro desta abordagem, a cultura corporal, objeto de estudo da Educação Física, se faz presente e articula os conteúdos/temas de ensino ao programa pedagógico, que, por sua vez, deve ser orientado por um projeto político-educacional comprometido com os grandes problemas sociopolíticos, a exemplo da Saúde pública, papéis sexuais, ecologia, problemas provenientes da ergonomia, preconceitos sociais, raciais, de deficiência, velhice entre outros. Na Cultura Corporal, a temática Saúde não é tratada sob forma direta, e é considerada conhecimento fundamental a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física, ou seja, focaliza Saúde como um problema sociopolítico, dentre vários, que deve ser discutido como uma subcategoria de conhecimentos, durante as reflexões construídas no decorrer do processo ensino e aprendizagem. No entanto, quando aborda a temática Saúde, o faz sob o pressuposto de Saúde pública. Entende-se, então, que a relação entre homem e Saúde, assim como os demais temas, deve ser interpretado a partir do referencial histórico, que será configurado pelas condições materiais e concretas da existência do próprio homem, num processo dialético, no qual tanto as circunstâncias exercem influência nos homens quanto os homens transformam as circunstâncias (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

4.1.7 Parâmetros Curriculares Nacionais

Baseando-se em um modelo educacional espanhol, o Ministério da Educação e do Desporto lançou três documentos para a área de Educação Física, um para o 1º e 2º ciclos – 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental –, em 1997, outro para o 3º e 4º ciclos – 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental –, em 1998, e um terceiro que abrange o Ensino Médio, em 1999. Foram desenvolvidos por um coletivo de autores, para que os professores tivessem em mãos um instrumento que os auxiliasse na execução do seu trabalho, apontando metas de qualidade para ajudar os escolares no enfrentamento do mundo atual como cidadãos críticos, participativos, reflexivos e autônomos, conhecedores de seus direitos e deveres. Entendendo que essas dimensões dos conteúdos não são estáticas para cada objetivo a ser ministrado pelo professor e nem para cada forma de desenvolver a atividade pelos escolares, elas estão em constante diálogo, transitando umas pelas outras, possibilitando um processo de ensino e aprendizagem que não é virtual e nem ideal, mas sim real, vinculado às possibilidades em cada situação e momento (MADEIRA, 2012).

O conceito de Educação Física que norteou o PCN é da área de conhecimento da cultura corporal e a Educação Física Escolar oportunizou aos escolares desenvolver suas

potencialidades, de maneira democrática e não seletiva, no intuito de seu aperfeiçoamento como seres humanos, de modo que fossem capazes de praticá-las e apreciá-las criticamente (Brasil, 1998, p. 29-30). Este referencial considera a Saúde como tema transversal a ser trabalhado com responsabilidade no projeto de toda escola, tornando escolares, professores e o ambiente escolar elementos chaves para tal realização (AZAMBUJA, 2014).

4.1.8 Abordagem Sociocultural

Darido (2001) observa que as discussões mais acadêmicas possibilitaram um diálogo maior entre os profissionais, acabando por conduzir alguns a refletirem sobre a Educação Física na escola dentro de uma perspectiva biológica, mas, na tentativa de superação dos modelos higiênicos e eugênicos, tão presentes na construção histórica da área.

Na Educação Física, a introdução à cultura corporal, novamente, se apresenta como linha mestra numa abordagem intitulada “sociocultural” e como ressignificação do “movimentar-se” para o “se-movimentar”, recebendo destaque nas edições de propostas e referenciais curriculares elaborados por alguns estados (SP, MG, PR e RS). Tais documentos assumem, de início, a perspectiva de subsídio para a ação docente, colocando-se claramente como ponto de apoio docente (OLIVEIRA, 2009).

4.1.9 Base Nacional Comum Curricular

A BNCC, fruto de amplo processo de debate e negociação com diferentes atores do campo educacional e com a sociedade brasileira em geral, apresenta os Direitos e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento que devem orientar a elaboração de currículos para as diferentes etapas de escolarização. A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. O documento é uma exigência colocada para o sistema educacional brasileiro pela LDBEN (BRASIL, 1996; 2013), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2009) e pelo Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), devendo constituir-se como um avanço na construção da qualidade da educação.

O documento afirma que, nas últimas décadas, a Educação Física brasileira vem empreendendo esforços para se alinhar aos propósitos republicanos que regem a Educação Básica, a fim de possibilitar às novas gerações a preservação e a reconstrução crítica da

herança cultural acumulada pela humanidade, sob a forma de conhecimentos sistematizados (BRASIL, 2017).

Nessa perspectiva, é responsabilidade da Educação Física tratar das práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, por meio da gestualidade e do patrimônio cultural da humanidade, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nas aulas, tais práticas devem ser abordadas como um fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório, assegurando a construção e a reconstrução de um conjunto de conhecimentos necessários à formação do cidadão que permita a participação dos escolares de forma confiante e autoral na sociedade, bem como a ampliação dos recursos para o cuidado de si e dos outros (BRASIL, 2017). Com isso, achou-se essencial que houvesse, também, a compreensão da formação profissional e o entendimento dos caminhos percorridos pela área da Educação Física Escolar e suas relações com a práxis pedagógica da temática, o que será apresentado na sequência.

4.2 A Saúde no âmbito da Educação Física Escolar

A relação entre a Educação Física e a Saúde vem sendo mais discutida a cada dia, pois o tema toma maior espaço na atualidade e isso nos remete à busca da compreensão deste processo de imensa complexidade na sociedade. Evidências científicas mostram que a Saúde está muito mais relacionada ao modo de viver das pessoas do que sua determinação genética e/ou biológica. O sedentarismo e a alimentação não saudável, hábitos de vida, entre outros fatores, são condicionantes diretamente relacionados à Saúde. Uma tendência dominante na área da Educação Física estabelece uma forte relação entre a prática da atividade física e a Saúde. Sabe-se que a interpretação do significado do termo Saúde estabeleceu-se historicamente e tais interpretações trazem, até hoje, resquícios que se manifestam no modo de viver dos indivíduos, afirma Brugnerotto (2008).

A relação entre Educação Física e Saúde tem uma longa história relacionada à própria origem da Educação Física, tanto como componente curricular das escolas, quanto de seu surgimento nos Programas Governamentais de Saúde para as populações, como explicam Almeida, Oliveira e Bracht (2016). Desde meados do século XIX, constata-se a importância das atividades físicas como forma de potencializar a Saúde dos indivíduos nos discursos da elite política e cultural do país. Tal necessidade era indicada para o fortalecimento da raça, pois a constituição homogênea do povo brasileiro passou a ser o pilar fundamental de um

projeto de humanidade centrado na eliminação de tudo aquilo corporalmente intolerável (GOELLNER, 2010).

A escola apresenta-se como uma possibilidade viável para dar suporte a uma concepção que possa viabilizar a transformação da sociedade através da disciplina de Educação Física (BRITO; SILVA; FRANÇA, 2012). Assim, a escola deve ser reconhecida como um espaço significativo para a construção e o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e capacidades pessoais, de maneira que a ação docente seja parte integrante e fundamental nesse processo, tendo a Educação Física como aliada.

Para Ferreira (2011), a Educação Física Escolar não tem sido reconhecida socialmente como um campo do saber, e sim tratada apenas como um momento de prática de ginásticas ou esportes, como acreditam muitos professores da disciplina, tecnicistas que realizam suas atividades meramente práticas e desprovidas de discussões teóricas, não só sobre Saúde, mas a respeito de qualquer tema.

Dessa forma, Miranda Junior (2006) afirma que a Educação Física não é efetivamente resolutiva quando se pensa em proporcionar conhecimento sobre Saúde aos escolares. Possivelmente, a transmissão de conhecimento de Saúde, quando efetivada, tem se realizado por meio de meras informações sobre os aspectos biológicos do corpo, descrição de doenças e suas causas e hábitos e higiene, tudo isso desvinculado do contexto das aulas e, também, da realidade social dos escolares; assim, essas situações não são eficazes para que os escolares desenvolvam conhecimentos sobre Saúde e, conseqüentemente, atitudes de vida saudável.

A LDBEN (BRASIL, 1996) não trouxe recomendação quanto aos conteúdos das aulas de Educação Física, somente preconizou-a como componente curricular obrigatório na Educação Básica. Os PCN, publicado no final década de 1990, com a intenção de melhorar o ensino no país, selecionou o tema Saúde como tema transversal a ser trabalhado de forma interdisciplinar no ambiente escolar, com o objetivo de que o aluno devesse compreender que Saúde é um direito de todos e uma dimensão essencial do crescimento e desenvolvimento do ser humano; que a condição de Saúde é produzida nas relações com o meio físico, econômico e sociocultural; e que é preciso conhecer e utilizar formas de intervenção individual e coletiva sobre os fatores relacionados à Saúde (BRASIL, 1998).

A BNCC (BRASIL, 2017) elencou elementos fundamentais comuns às práticas corporais: movimento corporal, como elemento essencial; organização interna (de maior ou menor grau), pautada por uma lógica específica; e produto cultural, vinculado com o lazer/entretenimento e/ ou o cuidado com o corpo e a saúde. Na BNCC, cada uma das práticas

corporais tematizadas compõe uma das seis unidades temáticas abordadas (jogos e brincadeiras, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura) ao longo do Ensino Fundamental. Segundo o documento, a categorização apresentada não tem pretensões de universalidade, pois se trata de um entendimento possível, entre outros, sobre as denominações das (e as fronteiras entre as) manifestações culturais tematizadas na Educação Física Escolar. A saúde, no documento, aparece como competência específica da Educação Física, a ser desenvolvida especialmente na unidade temática de práticas corporais de aventura (BRASIL, 2017).

A Educação Física Escolar passou por diversas transformações e diferentes objetivos que se denominaram tendências. Dentro de uma visão histórica quanto ao papel da Educação Física na sociedade brasileira, verifica-se que suas tendências e concepções pedagógicas foram afetadas por influência de diferentes áreas: a médica, a militar, a biopsicossocial e a esportiva (GUEDES, 1999).

Baseadas ou não nas tendências, surgiram algumas proposições para abordagem da Saúde no âmbito da Educação Física Escolar. São exemplos a concepção de Saúde renovada defendida por Guedes e Guedes (1993) e Nahas (1996); temas transversais definidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998); concepção da Educação Física enquanto veículo de educação para a Saúde, apresentada por Devide (2006); o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Ministério da Saúde (2007) e que traz, entre outras, a proposição da promoção das práticas corporais e atividade física nas escolas. Essas e muitas outras possibilidades são encontradas na literatura, entretanto, a análise específica dessas proposições não constituiu o objeto de estudo deste trabalho, sendo apenas de interesse como a temática está inserida no espaço institucional da escola.

Quando questionados sobre a literatura científica, na questão “Quais autores você conhece que tem estudos e/ou aplicações aos conteúdos referentes à Saúde”, apenas dois professores, Participante 3 e Participante 10, disseram conhecer:

Participante 3: Dartagnan Pinto Guedes.

Participante 10: Guedes e Nahas; são esses autores que fazem a abordagem com a Saúde dentro da escola, são os mais conhecidos.

No Brasil, as concepções da Aptidão Física Relacionada à Saúde foram difundidas, inicialmente, por Nahas (1996) e Guedes (1999), como já mencionado. Tais autores foram pioneiros nos estudos apresentados no Brasil sobre a atividade física relacionada à saúde

dentro do espaço escolar, que evidenciaram um novo modo de conceber a Educação Física de forma também teórica, o que não era realizado na disciplina.

Nesse sentido, tal abordagem concebe que a Educação Física Escolar deve criar nas crianças e adolescentes o prazer pela atividade física e pelo desporto, de forma a levá-los a adotar um estilo ativo de vida (CORBIN; FOX, 1986). Essa ideia foi admitida na área por algum tempo e logo foi ofuscada pelas críticas, no que diz respeito à culpabilização dos sujeitos por adotarem ou não um estilo de vida saudável.

Para Oliveira (2014), culpabilizar o sujeito por adotar ou não um estilo de vida ativo é uma perspectiva embasada no desenvolvimento das capacidades físicas que, conseqüentemente, reduz a dimensão da vida humana exclusivamente a uma dimensão biofisiológica, ou seja, dessa forma é possível admitir que os professores participantes possuem, ainda, uma visão restrita da saúde.

Sob a perspectiva de Ferreira, Oliveira e Sampaio (2013), a Educação Física Escolar, apesar de ter passado por diversas transformações e ressignificações ao longo da sua história, ainda privilegia o foco biológico que trata a Saúde como ausência de doenças e como uma simples atividade para treinar o corpo, adestrá-lo ou habilitá-lo, dissociando os aspectos sociais e psicológicos em detrimento dos elementos socioculturais. A complexidade dessa problemática permite análises sob diversos ângulos e enfoques distintos da vida do indivíduo, baseado no princípio da integralidade, conduzindo-o a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais, favorecendo o desenvolvimento de atitudes positivas para levá-lo à compreensão da sua própria Saúde e comportamentos de manutenção da mesma (FERREIRA; OLIVEIRA; SAMPAIO, 2013).

A Educação Física, ao longo dos anos, assumiu diferentes papéis e diversos significados dentro e fora do ambiente escolar. Com isso, a inserção da temática Saúde nas aulas ainda se constitui um verdadeiro desafio, como ressalta Silva (2011, p. 223):

Adentrar em um movimento de complexas redes de saberes pessoais e trazer conteúdos “de fora” para dentro no espaço escolar é um processo árduo, mas rico de significados. Árduo porque tematizar conteúdos que usualmente e aparentemente não correspondem ao que se espera da Educação Física, pode mostrar-se estranho, em um primeiro olhar; e rico de significados, porque a intenção aqui não é promover um jogo de verdades, sobrepondo uma contra a outra, mas possibilitar ao aluno, a partir deste componente curricular escolar, refletir, se perceber, se reconhecer enquanto sujeito pertencente a uma cultura e saber-se capaz também de (re) construí-la criticamente.

A Educação Física Escolar pode contribuir para a popularização da prática da atividade física e, indiretamente, para a melhoria das condições de Saúde da sociedade. Essa proposição é apontada, inicialmente, pelo movimento da Aptidão Física Relacionada à Saúde (*Health-Related Fitness*), que começa a ganhar espaço em países como Grã-Bretanha, Canadá, Estados Unidos e Austrália, no final da década de 1970 e, no Brasil, no final da década de 1980. Essa nova perspectiva para a Educação Física Escolar passa a abranger a questão da aptidão física para toda a vida, trazendo a discussão sobre os conceitos de estilo de vida com finalidade de contribuir para a melhoria da Saúde da sociedade.

Os programas de Educação Física Escolar eram vistos como objetivo de aquisição e manutenção da Saúde, de forma bastante equivocada, na medida em que se preocupavam unicamente com a realização de exercícios físicos sem nenhuma consequência para a formação educacional. Assim, Guedes (1999) sugere que a escola e a disciplina de Educação Física, em particular, assumem papel de desenvolver programas que levam os escolares a perceberem a importância de se adotar um estilo de vida saudável, fazendo com que a atividade física direcionada à promoção da Saúde se torne componente habitual no cotidiano, na infância e durante toda a vida.

Embora essa abordagem multidisciplinar para a temática Saúde nas aulas de Educação Física Escolar seja mais bem vislumbrada no ensino médio e nos últimos anos do ensino fundamental, ela pode perpassar todas as séries escolares, respeitando-se, para isso, a capacidade de compreensão dos escolares (FERREIRA, 2001).

Os profissionais de Educação Física, utilizando os conhecimentos relacionados à área, podem acatar estratégias para determinar a prevalência, orientar sobre a prevenção e controle da obesidade, além de encaminhar os casos graves para tratamento. Uma das estratégias que pode ser utilizada para detectar a prevalência é a Antropometria, ramo da Antropologia que estuda o conjunto dos processos de mensuração do corpo humano ou de suas partes (CEZAR, 2006).

Os estudos epidemiológicos utilizam a antropometria com o objetivo de realizar levantamento de dados importantes no ambiente escolar, de modo que a determinação da prevalência de doenças seja evidenciada e, a partir das ações, devem ser elaboradas e desenvolvidas na escola. No entanto, esses dados nem sempre retornam à escola e, assim, reforça a distância entre a pesquisa científica e a práxis pedagógica.

O estudo de Ferreira, Oliveira e Sampaio (2013) buscou saber qual o conhecimento que os professores possuíam sobre Saúde e como o tema era trabalhado em sala de aula. O

autor concluiu que, apesar de se restringir a poucos professores, o tema em sala de aula era abordado em consonância com determinadas propostas de Saúde coletiva, extrapolando a atividade física.

Para Mussi *et al.* (2016), a Educação Física Escolar deve se responsabilizar pelo desenvolvimento de práticas e discussões contextualizadas e intencionais, considerando as práticas, suas dimensões e representações como elementos importantes para a promoção da saúde e prevenção de doenças. Para o autor, as aulas devem promover a interação das questões teóricas e práticas da atividade física e da Saúde, a partir do seu repertório de esportes, manifestações culturais, danças, ginásticas e lutas, considerando as questões inerentes à vida humana como sociais, culturais, econômicas, ambientais, biológicas e psicológicas, relacionadas, direta ou indiretamente, como fomentadoras ou limitantes de sua prática.

Os professores entrevistados, Participante 3 e Participante 8, afirmaram trabalhar com aulas teóricas, através de projetos sobre a pirâmide alimentar, riscos da obesidade, doenças cardiovasculares - diabetes e hipercolesterolêmica -, Índice de Massa Corporal e balanço energético, desde os anos iniciais até os anos finais, de forma gradativa, aprofundando temas e dizendo que as crianças devem encontrar motivação para desenvolver tais atividades.

Sabe-se, a esta altura, que a Educação Física Escolar não tem unicamente o objetivo de apresentar uma formação educacional direcionada à Saúde, mas que dê aos escolares o acesso a um mundo de informações e experiências que venham a permitir a independência e o empoderamento quanto à prática da atividade física ao longo da vida, tendo como consequência a qualidade de vida (GUEDES, 1999).

Percebe-se, então, que a Educação Física está relacionada à compreensão de hábitos saudáveis e assim deve discutir, refletir, relacionar e compreender situações coletivas de Saúde. Defende-se que a Educação Física deve ultrapassar os aspectos individuais e biológicos de suas práticas e partir para um novo rumo coletivo, ou seja, sugere-se que a Educação Física deva romper com os conceitos de Saúde tradicionais, dimensionados no individual, procurando compreender o assunto como algo de construção coletiva, rumo à cidadania (FERREIRA, 2011).

Diante desta problemática, devem-se criar condições para que o aluno possa compreender criticamente suas condições de Saúde, proporcionando experiências educativas que viabilizem uma educação direcionada à promoção da Saúde, utilizando-se do movimento e das relações interpessoais, garantindo-lhes a interdependência. Portanto, a ideia é que,

coletivamente, os professores de Educação Física e comunidade escolar reflitam e estabeleçam estratégias de ações educativas para as questões de Saúde e ofereçam aos escolares formação com conteúdo e procedimentos metodológicos adequados às atividades relacionadas à Saúde, buscando novos olhares para um problema legítimo, com o intuito de promover mudanças de atitudes, para que os escolares adquiram hábitos saudáveis (GUIMARÃES, 2009; MUSTAFA, 2006; RODRIGUES, 2007).

As aulas de Educação Física constituem-se de um dos momentos mais oportunos para enfatizar a relação existente entre a prática da atividade física e alimentação com a Saúde. Ela deveria assumir o papel de cuidar da Saúde dos escolares, considerando como prerrogativa da disciplina o desenvolvimento das habilidades e capacidades físicas e conscientização sobre hábitos alimentares saudáveis, além da importância da prática regular de atividades físicas para manutenção da Saúde. Assim, é necessário tornar a Educação Física a disciplina mais completa do ambiente escolar, para prevenir e controlar a obesidade em crianças e adolescentes (ARAÚJO; BRITO; SILVA, 2010). Nesse âmbito, um professor entrevistado declarou que:

Participante 3: A Educação Física proporciona um momento diferenciado quando comparado a outras disciplinas, o de criar hábitos de atividade física com aulas práticas e também teóricas, explicando a importância tanto da boa alimentação quanto da atividade física para nossa Saúde e isso é a chave para criar esse hábito nas crianças, fazendo com que elas tomem gosto para que ela incorpore em sua vida mesmo depois que ela saia da escola.

A fala citada alinha-se com as ideias de Ferreira (2001) ao afirmar que a Educação Física tem caráter multifatorial da Saúde e, portanto, da qualidade de vida. Como disciplina escolar, ela não deve abandonar sua preocupação em subsidiar e encorajar as pessoas a adotarem estilos de vida ativa, porém, esse seu papel estará limitado se ela não for capaz de promover o exame crítico dos determinantes sociais, econômicos, políticos e ambientais, diretamente relacionados a seus conteúdos, de forma que as pessoas tenham autonomia para a prática de exercícios.

Atividades interdisciplinares devem ser exploradas em sua mais ampla abordagem, a partir de perspectivas pedagógicas crítico-construtivista, sendo trabalhadas com potencialidade e em seus conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, tendo como meta real a capacitação dos indivíduos para o exercício de um estilo de vida mais ativo e saudável. O professor deve ter bem delineada a tarefa de propiciar momentos de aprendizagem que conduzam o desenvolvimento de competências cognitivas dos escolares,

educando-os para a autonomia, promovendo a conscientização do papel social de cada aluno, levando em conta a participação da família e da comunidade escolar junto às questões da temática Saúde e sua devida importância ao longo da vida.

Tais relações entre as ações individuais dentro da sociedade, ações dependentes uns dos outros, formam uma teia flexível entre interesses dos grupos e/ou indivíduos e as relações de poder existentes. Esse poder é um atributo das relações sociais e um fruto do contato entre os indivíduos e das suas ações a todo instante, sejam elas nos diversos segmentos sociais. Na Educação Física, disciplina que, pelas suas características apresenta uma relação de poder com a abordagem da Saúde, visto que compete dentro da sua proposta pedagógica, essa inserção ocorre de forma a colaborar com a promoção da Saúde.

Com isso, Nahas (2003) propõe a redefinição do papel dos programas de Educação Física na escola, voltados agora como meio de promoção da Saúde, uma indicação para um estilo de vida ativa. O autor acredita que a Educação Física Escolar, numa perspectiva relacionada à Saúde, pode auxiliar na tentativa de reverter a elevada incidência de distúrbios orgânicos associados à falta de atividade física. Ao relacionar a Educação Física Escolar à Saúde, o professor Participante 11 pontua:

Participante 11: Tenho consciência que a obesidade e seus males crescem a cada ano, não atribuo apenas ao sedentarismo, mas também à má alimentação e não orientação dos pais e da escola, onde eu vejo que as cartilhas não abordam esse tema, que é importante, como se fosse um tema irrelevante que quem quiser trabalha e quem não quiser não trabalha. Mas a disciplina de Educação Física deve trabalhar não só a importância da atividade física, mas também da má alimentação e as consequências disso na sua Saúde.

O relato aponta para uma questão com dimensões que ultrapassam o aspecto biológico. A obesidade doença, considerada um problema de saúde pública em todo o mundo, tem uma diversidade de fatores que contribuem para o seu desenvolvimento, o que requer uma mobilização social grande, em que os diversos segmentos da sociedade (família e escola, especialmente) têm um papel importante no desenvolvimento de atitudes que interferem nos hábitos humanos. Assim, o modo de viver dos indivíduos é determinante nesse processo.

Para Elias (2008), as pessoas modelam as suas ideias sob todas as suas experiências e, essencialmente, sob as experiências que tiveram dentro do seu grupo. Assim, é preciso promover a evolução de um pensamento e de uma imaginação social, relativo à percepção das interconexões e configurações elaboradas pelas pessoas, pois as configurações são formadas por grupos interdependentes de pessoas e não por indivíduos singulares.

Darido (2001) observa que alguns trabalhos analisados consideram a Saúde como uma das finalidades da Educação Física Escolar, entretanto não apresentam uma proposta metodológica que indique como tratá-la no contexto escolar. Parte dos estudos que, aparentemente, procuram relacionar Saúde e Educação Física Escolar, na verdade, tem por objetivos a avaliação da capacidade física, composição corporal e nutricional dos escolares. Escassas são as pesquisas em relação à concepção, seleção de conteúdos e procedimentos metodológicos mais relevantes a serem tratados nas aulas. Aponta-se, aqui, a necessidade de uma ampliação das discussões envolvendo essas temáticas, a fim de possibilitar a elaboração de uma proposta didático-pedagógica que articule essas diferentes concepções de Saúde com os conteúdos tratados nas aulas, ou seja, que realmente aborde a Saúde como um dos objetivos da Educação Física Escolar, sobretudo que se preocupe com as condições socioeconômicas dos escolares, contextualizado com a realidade, e visando a formação do cidadão crítico.

A relação pedagógica entre a Educação Física Escolar e a Saúde ainda requer propostas práticas de aplicação do tema em aulas e solicita maior adesão nos planos de aula e curso dos professores (FERREIRA, 2011). Essa relação é citada quando o professor Participante 10 afirma:

Participante 10: (...) a prática pedagógica no ambiente escolar não pode ser desvinculada da área da Saúde porque essa relação é histórica e impossível de dividir, no entanto necessita de uma atenção especial de nossa parte.

A fala do participante fortalece a relação da Educação Física Escolar e da Saúde, que é histórica pelo fato da disciplina ter surgido na escola com objetivo de alcançar a Saúde, ou seja, ao oferecer condições para o indivíduo praticar ginástica (como ela era denominada), certamente, esses indivíduos estariam mais saudáveis. Desse modo, essa relação, mesmo tendo passado por muitas ressignificações ao longo do tempo, sempre é lembrada.

A disciplina de Educação Física pode se tornar um meio eficaz na aquisição e no conhecimento sobre Saúde. Existe uma relação direta entre as tendências da promoção da Saúde e da atividade física relacionada à Saúde que permeiam o ambiente escolar. Nesse sentido, considera-se relevante que se tenha amadurecimento sobre a real função da disciplina no que se refere ao tema, sempre levando em consideração a realidade na qual seus escolares estão inseridos. A relação da disciplina escolar com a Saúde propõe ultrapassar a barreira de simplesmente praticar atividades físicas. Temáticas como a promoção e proteção à Saúde, prevenção de doenças ou agravos de maneira geral, na diagnose, no tratamento, na

reabilitação e na manutenção da Saúde, entre outros, devem ser discutidos, não desprezando os determinantes sociais inerentes ao aluno (FERREIRA; OLIVEIRA; SAMPAIO, 2013).

De tal modo, a utilização de conteúdos referentes à Saúde nas aulas de Educação Física é uma prática bastante recorrente, não minimizando a complexidade do assunto, sobretudo se forem levadas em conta as discussões e controvérsias existentes sobre o mesmo. Dessa forma, as principais inadequações perpassam fundamentalmente três eixos teóricos: a superficialidade; a predominância da abordagem teórica para tratar esses conceitos; e o que pode ser denominado de epistemologia da segregação. Tais eixos constituem a reflexão apontada por Knuth, Azevedo e Rigo (2007).

Darido, Rodrigues e Sanches Neto (2007) percebem, em seu estudo, que apesar dos professores concordarem que a Saúde pode e deve ser tratada na Educação Física Escolar, ainda não apontam uma proposta didático-pedagógica que possa estar integrada à proposta pedagógica da escola. Os autores tecem uma crítica sobre a necessidade de uma reinterpretação da abordagem voltada à Saúde nas aulas de Educação Física:

A Educação Física na escola ainda é tida como pano de fundo em vários trabalhos acadêmicos na área da Saúde, que utilizam protocolos de pesquisas laboratoriais no contexto escolar sem o devido aprofundamento das interferências contextuais. É como se a investigação fosse realizada com crianças e adolescentes, na faixa etária correspondente aos níveis da Educação Básica, e que isso bastasse para sua aplicação na Educação Física Escolar (DARIDO; RODRIGUES; SANCHES NETO, 2007, p. 8).

Sendo assim, existe a necessidade de uma nova proposta política pedagógica para a Educação Física Escolar, no sentido de desenvolver os conteúdos e conceitos de Saúde. Essa nova proposta deve ser ancorada nos princípios da Saúde Coletiva, como defende Ferreira, Oliveira e Sampaio (2013). Para os autores citados, a Saúde Coletiva deve ser entendida como uma área da Saúde que compreende fatores sociais, culturais, econômicos e históricos como requisitos de Saúde. Tais fatores devem ser discutidos nas aulas de Educação Física Escolar de forma teórica ou prática, associando os aspectos procedimentais e atitudinais com os temas. A presença das ciências sociais e humanas (antropologia, sociologia, economia, política, história, filosofia, ética, estética) foi se consolidando e sendo considerada como fundamental para a compreensão da Saúde Coletiva. Na Educação Física Escolar também há a necessidade da inclusão dessas ciências para entender o aluno de forma integral, não sendo possível compreender o indivíduo somente a partir da biologia e suas funções orgânicas.

Ferreira, Oliveira e Sampaio (2013), ao abordar as temáticas contemplando os determinantes sociais inerentes ao aluno, podem propiciar melhorias com benefícios voltados para a sociedade, haja vista a capacidade dos escolares de multiplicarem saberes. Por isso, que para os autores, a Educação Física deve romper com os conceitos tradicionais de Saúde e buscar compreender o tema como construção coletiva.

A Educação Física, neste contexto, se destaca no espaço escolar pelo fato de ser o único curso da área da Saúde que atua diretamente na escola como disciplina curricular. Assim, a disciplina deve contribuir para que a Saúde possibilite tornar o aluno um cidadão capaz de alterar seus hábitos e comportamentos e estar em condições de reivindicar seus direitos e assumindo, portanto, que a prática educativa em Saúde ajuda a construir um cidadão consciente de seu papel enquanto agente social, afinal, todos devem estar comprometidos com sua própria Saúde, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade mais consciente. Desse modo, essa relação se constitui em uma rede de interdependência mútua, em que os indivíduos influenciam uns aos outros, formando uma teia de interesses (individuais/sociais) comuns.

Neste contexto, a Educação Física, como um componente curricular, apresenta uma multiplicidade de olhares acerca da inserção do tema Saúde em suas aulas, o que conduz a alguns dissensos sobre distintos vieses, cuja aceção se faz necessária para garantir a efetivação da abordagem desse tema na práxis pedagógica, como a clareza do conceito Saúde na Educação Física Escolar; a determinação dos conteúdos de Saúde que competem à Educação Física Escolar; a identificação de estratégias didático-metodológicas para a sistematização desse conhecimento na práxis pedagógica; a clareza sobre o tipo de conhecimento que se pretende construir no processo de ensino e aprendizagem; o direcionamento das formações inicial e continuada; entre muitos outros. Além desses dissensos, existem lacunas na produção científica, já que pouco tem sido pesquisado em relação à concepção, seleção de conteúdos e procedimentos metodológicos mais relevantes a serem tratados nas aulas, tais como os entraves enfrentados. Neste contexto, é necessário ressaltar a formação profissional, que tem papel essencial neste processo, como apresentar-se-á a seguir.

4.3 Formação Profissional em Educação Física

A constituição dos cursos de Educação Física, sobretudo após os anos de 1920, quando começaram a se estruturar os cursos superiores, foi fortemente influenciada por

determinantes higienistas e militares. Tais influências serviram para compor o perfil do profissional que iria atuar na Educação Física Escolar nas próximas décadas, afirma Oliveira (2009).

O referido autor lembra que as escolas de Educação Física do país tinham as mesmas características e objetivos, os quais foram elaboradas para atender um plano nacional que visava uma juventude forte, saudável, pronta para o combate e apta ao trabalho em um país em processo de industrialização, regidos por práticas dos métodos ginásticos, ainda sob forte influência europeia.

Entre as décadas de 1920 e 1930, alguns fatos marcaram o término e o início de um ciclo da Educação Física, no qual deixava sua condição de atividades e exercícios físicos imbricados do militarismo, que contribuíram e continuam a contribuir com a área, para uma formação mais sistematizada, ganhando novas vertentes na formação em cursos ofertados por instituições de ensino superior (CORRÊA *et al.*, 2016).

A relação entre Educação Física e a Saúde é histórica e amplamente reconhecida, visto que os profissionais de Educação Física fazem parte da área da Saúde, de acordo com a Resolução CNS –218, de 6 de março de 1997 (BRASIL, 1997). A proposta de reestruturação curricular, a partir das Resoluções n.º 01 e 02, de 2002, e da Resolução 07, de 2004, para os cursos de Educação Física, resulta em uma divisão na formação da Educação Física - curso de licenciatura e de bacharelado.

Luz (2007) ressalta a complexidade da área, que embora situada na grande área da Saúde, com disciplinas básicas como fisiologia e anatomia, é herdeira de um conjunto de saberes e práticas tradicionais ligadas ao treinamento do corpo que antecedeu a medicina. Tais saberes estão ligados à tradição militar, ao esporte e possivelmente a culturas orientais.

A educação tem acompanhado o processo de mudanças que a sociedade exige como contribuição para a formação do indivíduo, ou seja, vive-se uma época de muitas transformações, na qual ocorre uma valorização da produtividade e da competitividade nos diversos segmentos da vida humana. Na educação não é diferente, já que a figura do educador e os saberes que servem de base para sua práxis pedagógica são saberes que não podem ser desvinculados das dimensões do ensino, formação e profissionalização.

Para Hunger, Rossi e Souza Neto (2011), o professor é um ser eminentemente social e histórico que não vive isolado e é inseparável do meio em que se encontra inserido; é um ser embriagado de cultura e sua forma de pensar e agir é direcionada por suas percepções e manifestações diante do contexto sociocultural e histórico de seu tempo, que é fruto de todo

um passado. Neste contexto, a formação e intervenção profissional do professor de Educação Física assume um papel crucial para o processo educativo, no que se refere à inserção da temática Saúde na disciplina.

Por meio do processo de formação profissional, os sujeitos são responsáveis por transformações sociais no espaço onde vivem, assim como o ambiente gera modificações nas subjetividades dos indivíduos, tornando-se imprescindível desvendar as redes de interdependência existente entre esses e que são passíveis de interferir no *habitus* dos profissionais. *Habitus* corresponde à maneira como o indivíduo comporta-se dentro de sua teia de interdependência, gerada a partir de dois fenômenos: o controle social e o autocontrole (ELIAS, 1994).

O tema Saúde tem espaço garantido no currículo de formação de profissionais de Educação Física, conforme a definição apresentada pelas diretrizes curriculares ao indicar a área de conhecimento e de intervenção acadêmico e profissional. Assim, é possível notar uma cisão entre as áreas: a Saúde, nos cursos de Licenciatura, é vista como uma consequência dos conteúdos da Educação Física Escolar, sob uma perspectiva de causa/efeito; no curso de bacharelado, a Saúde é vinculada ao desempenho humano, limitado às questões biológicas (OLIVEIRA, 2009).

Santos e Bógus (2007) dizem, sobre isso, que para uma escola trilhar os caminhos da Promoção da Saúde, o conhecimento e o envolvimento com a realidade local são fundamentais, aliados a uma boa formação profissional, com cursos de graduação, especialização, pós-graduação e de capacitação profissional que mantenham uma regularidade e possam ser, também, planejados e ofertados pelas políticas públicas.

Para Ferreira (2011), é importante ressaltar que o fato de determinados professores não apresentarem em suas aulas conceitos e práticas sobre o tema Saúde, também, pode estar relacionado com as condições de trabalho, ausência de políticas públicas para capacitação de professores e formação deficitária, assim como expressa o professor:

Participante 10: A formação era voltada totalmente para a área biológica, para a questão da aptidão física, os testes padronizados, tinha o conhecimento, e não voltada para a aplicação e também para a pesquisa, mas quando cheguei à escola, vindo com essa formação, me preocupei em fazer avaliações voltadas para a aptidão física, a questão do sedentarismo, obesidade e com grupos especiais. Não era a preocupação, mesmo na pós-graduação o tratamento era dado à questão da aptidão física do esporte, e a questão de Saúde. Já na pós graduação, que eu me lembro, era a disciplina de nutrição relacionada à atividade física; muito ruim não ter tido essas informações e conhecimento e deixa-se de lado, sabemos que precisa ser trabalhada, mas vamos começar por onde, pelas avaliações físicas, eu tinha a preocupação de

avaliar a aptidão física, mas não era uma preocupação com a Saúde dos alunos muito menos a conscientização deles sobre o tema.

Para o autor, a formação do profissional de Educação Física deveria levar a uma prática relacionada à compreensão de hábitos saudáveis, discutir, refletir, relacionar e compreender situações coletivas de Saúde. Assim, a formação profissional em Educação Física deveria ultrapassar os aspectos individuais e biológicos de suas práticas e partir para um novo rumo coletivo, ou seja, sugere-se que a Educação Física interrompa com os conceitos de Saúde tradicionais, dimensionados no individual, e procure compreender o tema como algo de construção coletiva, rumo à cidadania (FERREIRA; OLIVEIRA; SAMPAIO, 2013), como pode ser observado na fala abaixo:

Participante 9: Quando estamos tratando da temática Saúde com os alunos é como trabalho de formiguinha, porque eles levam para a casa, eu falo da importância da atividade física, eu incentivo para que eles saiam para caminhar com os pais e acredito que eles repassem o que aprenderam.

O professor afirma que o processo educacional acontece de forma crescente, pois o conhecimento é disseminado no contexto social, de forma que os professores ensinam, os alunos aprendem e tendem a repassar o conhecimento adquirido no ambiente que vivem. De tal modo, a pequena transformação de algum gesto ou comportamento pode representar algo referente a um processo de mudança social abrangente. Seu início dá-se num movimento em círculos relativamente pequenos da sociedade, disseminando-se aos poucos para segmentos maiores deste grupo (ELIAS, 1994).

Entender a relação existente entre a Educação Física e a Saúde, exclusivamente através dos benefícios orgânicos da aptidão física, deve ser encarada como um reducionismo do conceito Saúde e também da própria profissão (DEVIDE, 2003). Ignorar a complexidade dessa relação torna o profissional da Educação Física alheio ao ambiente social no qual seus escolares estão inseridos, não contribuindo para uma efetiva transformação social. Existe, ainda, uma forte relação do profissional de Educação Física com a área biológica atribuída por influências do seu processo formativo, que é refletido em toda sua atuação profissional (FERREIRA; OLIVEIRA; SAMPAIO, 2013).

Assim, Elias (1994b) faz uma reflexão pertinente em torno do conceito de *habitus*. Para ele, os indivíduos, ao relacionarem-se uns com os outros, ao mesmo tempo em que modelam a sociedade, modelam-se a si próprios. As ações individuais não ocorrem num vazio de determinações sociais, pois o indivíduo (o professor) porta em si o *habitus* de um grupo.

Tal *habitus* representa o que a pessoa individualiza em maior ou menor grau. Deste modo, “a existência da pessoa como ser individual é indissociável de sua existência como ser social” (ELIAS, 1994b, p. 151).

A formação superior do professor de Educação Física tem privilegiado, no decorrer de sua trajetória, uma concepção técnica, prevalecendo-se de conhecimentos pautados na medicina e esporte, em detrimento da formação pedagógica, a fim de atender uma demanda de mercado que cada vez mais transforma professores em instrutores técnicos de atividades físicas e esportes, como afirma Oliveira (2009).

Luz (2007), ao comentar a formação do professor de Educação Física, alerta sobre a complexidade da área, situada no campo biomédico, na grande área da Saúde, permeada por disciplinas como fisiologia e anatomia, direcionada pelo quadro epistemológico biomecânico moderno e herdeira de práticas ligadas ao treinamento e adestramento do corpo.

Entretanto, a formação profissional do professor de Educação Física, enquanto processo político-ideológico, deve ter papel incisivo nesta questão. Algumas considerações, portanto, devem ser ressaltadas, como: as configurações iniciais da formação profissional; os professores atuantes, que encontram subsídios para abordar essa temática no ambiente escolar; e os educandos e educadores, que formam essa relação de interdependência, a fim de completar o processo de ensino aprendido.

Rodrigues (2007) afirma, quanto a isso, que, em sua pesquisa, foi possível verificar que grande parte dos estudos apresentados por ele procura tratar a Saúde enquanto um dos objetivos da Educação Física Escolar e, na verdade, acabam focando a avaliação da capacidade física, analisando a composição corporal e nutricional dos escolares, sobretudo numa perspectiva de diagnosticar as condições da população escolar ou para denunciar os problemas de formação profissional.

Para Silva (2010), no seu estudo realizado com professores que atuaram e que ainda atuam na rede pública de São Paulo, esse é um aspecto a ser destacado, que diz respeito aos cursos de formação de Licenciatura em Educação Física e o tema da Saúde. Para o autor, professores recém-formados pesquisados demonstraram que o tema é pouco explorado nos cursos de graduação, com certo descaso, e, quando tratados, são voltados ao aspecto biológico. Os cursos de Educação Física precisam explorar mais o tema em suas grades, principalmente no que diz respeito aos aspectos sociais da área com objetivos voltados à formação profissional do professor (SILVA, 2010).

A práxis pedagógica voltada ao tema da Saúde, quando existe, é ainda de cunho biológico, reducionista e sem nenhuma reflexão. Possíveis causas desse quadro podem estar na formação profissional dos cursos de Licenciatura em Educação Física, na falta de formação continuada por parte das Secretarias de Educação e nas divergências que existem nos documentos que orientam as práticas profissionais nos dias de hoje, como ressalta Silva (2010).

Ainda sobre os aspectos biológicos tratados na disciplina, Guimarães (2009) diz que a práxis pedagógica que relaciona a Educação Física e Saúde dentro do contexto escolar deve tomar como fundamento a compreensão da complexidade do indivíduo e da impossibilidade de educá-lo em fragmentos, isto é, separando o intelecto, a moralidade e o físico, para conseguir intervir visando a sua transformação social.

Brugnerotto e Simões (2009) afirmam, ao analisar, em seu estudo, o conceito de Saúde presente nos currículos de formação em Educação Física, nas principais universidades públicas do Paraná, que os projetos político-pedagógicos ainda apontam a predominância da ideia de que compete ao profissional de Educação Física dar ênfase, em sua prática, à prescrição, ao monitoramento e à avaliação de atividades físicas através das bases biológicas do ser humano.

Silva (2010), ao concluir seu estudo, aponta que uma dificuldade que o profissional da Educação Física encontra para a inserção e desenvolvimento de programas escolares da temática Saúde na disciplina é o fato do professor não saber como utilizar o tema na práxis pedagógica, o que leva o autor a levantar a questão de a formação acadêmica ser voltada para a teoria em detrimento da prática.

Outro aspecto a ser levantado pelo autor são as formações iniciais e continuadas que pouca importância tem dado à questão da Saúde no ambiente escolar. O próprio autor declara, como professor de Educação Física, ter tido poucas informações na graduação e, praticamente, nenhuma informação no que diz respeito às formações continuadas decorrente do seu trabalho. Todo conhecimento, curiosidade e instigações em pesquisar o tema, advêm do prazer de estudar e da oportunidade de cursar um programa de pós-graduação *stricto sensu* nessa área (SILVA, 2010).

De acordo com Oliveira (2009), a estrutura de formação superior em Educação Física tem privilegiado uma concepção técnica, prevalecendo de conhecimentos pautados na medicina e no esporte em detrimento da formação pedagógica, atendendo, assim, uma

demanda do mercado de trabalho que absorve cada vez mais professores de Educação Física, transformando-os em instrutores e técnicos de atividades físicas e esportes.

Rodrigues (2007) afirma que professores são apontados como os “grandes culpados”, uma vez que não conseguem desenvolver, na práxis pedagógica, um programa de educação para a Saúde, pois estão pouco familiarizados com conceitos atualizados, associados à atividade física relacionada à Saúde no contexto educacional. Percebe-se, em seu estudo, que os professores participantes culpam a formação profissional e que ela deve ser vista como um *continuum* em que a formação inicial faz parte apenas de uma fase que se completa ao longo da carreira de professor.

Buscando maior qualidade para a formação continuada e a possibilidade de trocar experiências com outros professores, a formação básica não suporta tal formato, e não é essa sua função primordial. Consequentemente, o domínio pleno de todo conteúdo profissional não se completa com o término de um curso e esse deve mostrar, principalmente para os professores iniciantes, que o conhecimento também acontece na prática e no saber acumulado, por meio da experiência adquirida, e tem grande peso na aprendizagem profissional, como defende Rodrigues (2007). Sobre tal temática o professor afirma que:

Participante 6: Dentro da nossa formação eu vejo que há dificuldades, não só da nossa formação, mas nossa formação de currículo mínimo não dá conta e eu precisei me capacitar para dar aulas nos primeiros anos. A dificuldade é com aqueles alunos obesos que os próprios pais vêm aqui pedindo para não dar atividades por que eles não podem fazer isso ou aquilo. Esses que mais precisam são aqueles que menos querem que force. As mães reclamaram há pouco tempo que as crianças ficavam cansadas e tive que diminuir a intensidade das aulas.

Neste contexto, a partir do conceito de configuração, é possível dizer que a constituição do ser professor resulta das diferentes configurações nas quais ele está imerso, pois, de acordo com Elias (1994b), os indivíduos modelam suas ideias a partir de todas as suas experiências e, essencialmente, das experiências vividas no interior do próprio grupo (HUNGER; ROSSI; SOUZA NETO, 2011).

Oliveira (2009) acredita que deve ser proposto um eficiente processo de formação continuada para maior e efetiva participação dos professores nas políticas públicas, que, até o presente momento, tem se estabelecido de forma vertical, não favorecendo a apropriação de conceitos, ideias e, principalmente, atitudes facilitadoras do processo de inserção da temática Saúde no espaço escolar.

Vale, pois, destacar a afirmativa de Darido, Rodrigues e Sanches Neto (2007, p. 8):

Discussões envolvendo a Educação Física e a Saúde não podem configurar-se como uma aproximação superficial, merecendo ser aprofundada tendo em vista a sua complexidade e a possibilidade diversificada de olhares que seguramente extrapola as discussões relacionadas ao exercício físico exclusivamente.

São diversas as lacunas que se apresentam para uma abordagem pedagógica da Saúde enquanto conhecimento construído no processo de ensino e aprendizagem. É relevante a conscientização dos profissionais da Educação Física para atuar perante o tema Saúde na escola, o que pressupõe a abordagem desse conhecimento durante a formação profissional inicial e continuada. Faz-se necessária a identificação de referenciais para seleção dos conteúdos da Saúde a serem tratados no âmbito escolar, entre muitos outros aspectos que constituem o processo de ensino e aprendizagem, como assegura Carvalho (2012).

Além da formação dos professores, existe a necessidade da definição de perspectivas para a aprendizagem do aluno. Destaca-se a importância de desenvolver uma aprendizagem na busca por atingir o empoderamento, levando o indivíduo a extrapolar as possibilidades de ação perante a Saúde individual e coletiva da escola para a comunidade e para a vida. Muito se discute, atualmente, sobre o empoderamento e o controle social das comunidades no campo da Saúde pública, buscando estratégias para desenvolvê-lo e garanti-lo. Entretanto, faz-se necessário repensar o papel da escola enquanto formadora do futuro cidadão, no desenvolvimento do senso crítico que levará ao empoderamento social quando da inserção do indivíduo na comunidade a qual faz parte (CARVALHO, 2012).

Os professores de Educação Física são peças fundamentais nesse processo, uma vez que professores se constituem como um grupo de indivíduos interdependentes, imerso em determinadas configurações, numa rede de relações que as pessoas constroem entre si (ELIAS, 2008).

4.4 Intervenção Profissional na Educação Física Escolar

Atualmente, a disciplina Educação Física, no contexto escolar, possui um amplo conteúdo formado pelas diversas manifestações corporais e culturais criadas pelo ser humano ao longo dos anos. Esse conjunto de práticas pode ser chamado de cultura corporal e trata de saberes diversificados e riquíssimos (RODRIGUES, 2007).

Esses saberes são elementos do processo educativo que tem como grande aliado o professor, cabendo a esse colaborar para o desenvolvimento do pensamento crítico, além de

contribuir para que as crianças adotem comportamentos favoráveis à Saúde. Os professores, em especial da educação fundamental, desempenham um importante e imprescindível papel nesse contexto, por atuar diretamente com crianças em processo de formação intelectual e desenvolvimento de condutas.

O tema Saúde sempre teve presença na Educação Física Escolar, seja como objetivo principal ou secundário. Com uma lógica estritamente biológica, a princípio, e, depois, com o avanço da área, ganhou um sentido mais amplo, voltado a uma concepção mais social e global do indivíduo (OLIVEIRA, 2014).

Segundo Oliveria (2014), mesmo com os avanços da Educação Física Escolar, existe ainda um descompasso em relação à ampliação do conceito de Saúde e isso gera práticas tradicionais com base nos postulados médicos de uma parcela significativa de professores. Da mesma forma, Mezzaroba (2012) aponta que existe uma lacuna em relação à compreensão do tema Saúde por parte dos professores de Educação Física analisados em seu estudo.

No estudo de Mustafa (2006), a autora aponta que parcela significativa dos professores por ela investigados compreendem o tema Saúde única e exclusivamente por intermédio da aplicação de programas de atividade física, reforçando, deste modo, o discurso esvaziado de que a mera prática de atividade física resulta em Saúde.

Sobre a ampliação do conceito de Saúde, Bracht (2013) lembra que tal conceito parece ser reorganizado em duas direções: a primeira, nos próprios determinantes da Saúde-doença e, a segundo, na modificação da Saúde já não mais como ausência de doença, mas como um estado de bem-estar. Sendo assim, passa-se de um “sentido negativo da Saúde (ausência de doença) para uma noção positiva de Saúde (qualidade de vida)” (BRACHT, 2013, p. 185).

Da antiguidade até os dias atuais, são diversas as lacunas que se apresentam para uma abordagem pedagógica da Saúde enquanto conhecimento construído no processo de ensino e aprendizagem. É relevante e de suma importância a conscientização dos profissionais da Educação Física para atuar perante o tema Saúde no contexto escolar, o que pressupõe a abordagem desse conhecimento durante a formação profissional inicial e continuada (CARVALHO, 2012).

A interpretação do conceito de Saúde se constitui em um desafio amplamente reconhecido, dada a complexidade envolvida, sendo possível fazê-la a partir de numerosas perspectivas, por muitos vieses e diferentes olhares. Considerando essa dinâmica e sabendo que os profissionais de Educação Física fazem parte da área da Saúde, com a finalidade de

buscar as relações existentes entre a formação profissional e a temática Saúde no contexto das aulas escolares, faz-se necessário uma análise reflexiva de como se dá esse processo.

Os profissionais de Educação Física devem incorporar uma nova postura frente a estrutura educacional, procurando proporcionar em suas aulas, não mais uma visão exclusiva à prática esportiva e recreativa, mas, também, alcancarem metas voltadas à educação para a Saúde, mediante seleção, organização e desenvolvimento de experiências que possam propiciar aos escolares não apenas situações que os tornem crianças e adolescentes ativos fisicamente, mas, sobretudo, que os conduzam a optarem por um estilo de vida saudável ao longo de toda a vida (GUEDES, 1999).

Nota-se esse discurso bem presente na fala de um professor:

Participante 5: Hoje em dia a Educação Física está muito preocupada com a Saúde dos alunos, com atividade física e alimentação, tem uma série de coisas que a criança deve aprender para se cuidar. Quando eu comecei a atuar, a Educação Física tinha a preocupação em dar exercícios e hoje existe a preocupação com a seleção dos conteúdos, por exemplo, a importância da atividade física desde que você nasce e até quando você morre, que deve estar aliada a boa alimentação e outros hábitos saudáveis.

A passagem da Saúde do sentido negativo para o sentido positivo foi claramente elucidada a partir do tema transversal prescrito nos PCN, que foi um importante analisador, no que diz respeito às mudanças nos modos de conceber o trato com a Saúde pelo campo da Educação, de forma que o campo da Educação passou a admitir que a Saúde é uma questão ampla/transversal, da qual sua análise exige múltiplos olhares e saberes que se tornam mais complexos a partir do crivo de todos os componentes curriculares (e da formação escolar de modo geral) e não apenas das disciplinas de Educação Física, como afirmam Almeida, Oliveira e Bracht (2016).

Os autores citados anteriormente entendem que o problema para a Educação Física é enfrentar os desafios do trato didático-pedagógico da Saúde em um sentido amplo no espaço escolar, cuja transformação seja não apenas no que diz respeito ao saber sobre a Saúde (plano conceitual, discurso sobre Saúde), mas também um “saber-fazer” no plano das práticas, ou seja, como colocar em operação um conceito(s) de Saúde nas aulas de Educação Física Escolar que permita aos alunos a aprendizagem de forma a problematizá-lo e ampliar a compreensão, a atenção e a experimentação (corporal) dos elementos da cultura corporal na direção da promoção da Saúde.

Desta forma, ampliar a Saúde não significa apenas aumentar o escopo de elementos que possam ser arregimentados como contribuintes da Saúde, mas pensar como a própria

intervenção pedagógica da Educação Física na escola não se reduz à exercitação corporal abstrata e naturalizada das práticas corporais, como ressaltam Almeida, Oliveira e Bracht (2016). Para Mussi *et al.* (2016), a Educação Física Escolar deve, a partir do tratamento didático-pedagógico das atividades físicas, reconhecer suas influências biológicas, sociais, econômicas, ecológicas e históricas, buscando a perspectiva para a promoção da Saúde.

Entende-se que esse desafio do trato didático-pedagógico seja plural, além de promover o entendimento da ampliação do conceito de Saúde, pois a percepção de Saúde depende do conhecimento de Saúde que cada pessoa possui. Essa pode se fazer no sentido ampliado, considerando os vários fatores influenciadores ou, ainda, de forma reducionista, considerando as questões estritamente biológicas. Além disso, faz-se necessário uma concepção ampla da disciplina de Educação Física no que diz respeito a conceber o indivíduo de forma integral e, ainda, lidar com os desafios do cotidiano escolar.

Os professores do presente estudo, quando questionados sobre as dificuldades, indicaram alguns entraves encontrados na inclusão do tema Saúde em suas aulas: a estruturação curricular em relação ao número de aulas foi o mais recorrente entre as queixas. Nos anos iniciais, a aula é de 50 minutos, uma única vez na semana, enquanto que nos anos finais são duas aulas de 50 minutos divididas em duas vezes na semana, o que leva à escolha de outros conteúdos, como jogos e brincadeiras, que são mais aceitos pelos escolares, pois a rejeição de conteúdos teóricos é grande por parte deles. Outra questão importante citada foi sobre o tema obesidade; quando introduzido nas aulas, faz com que os escolares obesos se sintam intimidados e constrangidos, o que é difícil de ser contornado pelo professor. Atividades de medidas corporais são evitadas porque podem ter uma interpretação equivocada por parte dos escolares, coordenação e pais.

Para Ferreira (2011), a aula teórica é o melhor caminho para tratar o tema nas sessões de Educação Física realizadas pelos professores de sua pesquisa, pois, para a maioria desses, a aula prática não é o local ideal para a aplicação do tema Saúde. A pesquisa identifica a utilização de aulas práticas e teóricas para a transmissão do conceito de Saúde, portanto, uma parcela mínima dos professores entrevistados compreende que teoria e práxis pedagógica se completam.

Para os professores da presente pesquisa, esse distanciamento entre teoria e práxis pedagógica também pode ser observado quando indagados sobre as dificuldades em trabalhar o tema Saúde com os alunos, os quais se manifestaram da seguinte forma:

Participante 7: A falta de conteúdo prático para você trabalhar dificulta, é possível trabalhar mais com a teoria e orientando eles. A única coisa prática para trabalhar é incentivar com as regras para a participação geral.

Participante 8: A maior dificuldade é o tempo, de conciliar a prática com a teoria, mas, a questão é que os alunos querem sempre aula prática mesmo.

A tradição das aulas práticas de Educação Física ainda são recorrentes e os alunos entendem a aula como uma mera prática descontextualizada de tudo que os cerca. No que se refere às questões da temática Saúde nas aulas da Educação Física Escolar e sobre sua atuação, os professores pesquisados afirmaram que:

Participante 1: (...) eu tento sempre incentivar os alunos, se eles não gostam eu tento incentivar a prática fora.

Participante 2: Eu acredito que podemos sempre melhorar, sempre estamos aprendendo e acredito que há sempre uma ação e reflexão, tenho trabalhado com esses temas.

Participante 4: Acho que é importante, mas não determinante porque teria que vir dos pais, não adianta o professor de Educação Física propor coisas diferentes e conscientizar o aluno se em casa não tiver essa conscientização.

Participante 8: O papel da escola e meu deveria ser junto, um trabalho em conjunto, e desenvolver um trabalho com apoio dos demais professores de uma forma geral.

Participante 10: A minha atuação é muito mais relacionada à questão relacionada ao corpo, das funções e movimento.

Percebe-se que o tema Saúde tem espaço nas aulas de Educação Física dos professores pesquisados, no entanto não existe uma adequação no tratamento didático-pedagógico da temática em questão. A ênfase no incentivo e conscientização dos alunos sobre a importância da atividade física para a Saúde é ressaltada pelos professores, assim como os aspectos biológicos são tratados por eles. Tal fato leva à reflexão de que os professores necessitam de uma formação que proporcione uma ampliação mais atualizada do tema Saúde, na tentativa de ultrapassar o conceito sustentado na perspectiva biológica, na qual o aluno é visto como um ser integral. Nesse contexto, o professor deve possibilitar aos seus alunos, através de estímulos, reflexões e discussões que façam, também, uma análise crítica no ambiente cotidiano no qual eles estão inseridos.

4.5 Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo

A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, em 2008, adotou um currículo básico para cada disciplina que compõe sua matriz curricular, contemplando o Ciclo II, que abrange do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e todo o Ensino Médio. A Proposta foi elaborada atendendo as seguintes áreas: Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Matemática,

Ciências Humanas e suas Tecnologias e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, na qual está inserido o componente curricular Educação Física. Com relação a essa, o currículo do Estado de São Paulo teve a colaboração dos seguintes professores: Adalberto dos Santos Souza, Carla de Meira Leite, Jocimar Daolio, Luciana Venâncio, Luiz Sanches Neto, Mauro Betti, Renata Elsa Stark e Sérgio Roberto Silveira, passando a orientar a práxis pedagógica dos professores dessa disciplina em todas as escolas públicas estaduais (SÃO PAULO, 2012). De acordo com o currículo, a disciplina de Educação Física deve contribuir, juntamente com outras disciplinas, para que os alunos tenham uma vivência que permita compreender as diferentes linguagens e usá-las como meios de organização da realidade. Assim:

A Educação Física compreende o sujeito mergulhado em diferentes realidades culturais, nas quais estão dissociados corpo, movimento e intencionalidade. Ela não se reduz mais ao condicionamento físico e ao esporte, quando praticados de maneira inconsciente ou mecânica. O aluno de Ensino Fundamental e Médio deve não só vivenciar, experimentar, valorizar, apreciar e aproveitar os benefícios advindos da cultura do movimento, mas também perceber e compreender os sentidos e significados das suas diversas manifestações na sociedade contemporânea (SÃO PAULO, 2012, p. 28).

Atualmente, três diferentes materiais compõem o currículo de Educação Física e subsidiam o trato pedagógico dessa disciplina: o primeiro deles é o Documento Base, no qual são explicitados a fundamentação conceitual adotada para a disciplina, os princípios pedagógicos que orientam os conteúdos e uma sistematização dos conteúdos/temas sugeridos para serem contemplados em cada série/ano escolar; o segundo são os chamados Cadernos do Professor, um para cada bimestre de cada série/ano escolar, que foram formulados como materiais de apoio à práxis pedagógica docente, contendo propostas de situações de aprendizagem correspondentes aos conteúdos/temas previstos no documento base, orientações de estudo aos professores, avaliação e recuperação da aprendizagem dos alunos; o terceiro são os Cadernos do Aluno, que foram elaborados posteriormente à implementação dos dois primeiros materiais curriculares e contemplam a mesma organização de conteúdos presente no Documento Base e nos Cadernos do Professor confeccionados para uso exclusivo de cada aluno durante e após as aulas. Esses materiais subsidiam e orientam, oficialmente, o trato dessa disciplina nas escolas da rede paulista (SÃO PAULO, 2012).

Autores como Rocha e Daolio (2014) ressaltam que a adoção de referenciais curriculares em grandes redes escolares públicas estaduais tem sido uma tendência que apresenta diversos questionamentos acerca dos resultados alcançados. Algumas das críticas

surgidas são que esses referenciais ferem a autonomia de professores e escolas ao padronizarem os conteúdos ministrados nas aulas e desconsiderarem o contexto sociocultural.

Deste modo, a Proposta Curricular está estruturada com a proposição a todos os componentes curriculares, aula a aula, e situações de aprendizagem desenvolvidas com os alunos. Da Educação Física, espera-se a atenção ao repertório de conhecimentos que os alunos já possuem sobre diferentes manifestações corporais e de movimento, bem como a busca pela sua ampliação, aprofundamento e qualificação críticos, o que indica uma intenção de superação da visão reducionista, comumente encontrada na práxis pedagógica da Educação Física Escolar. Também, intenta-se a oferta de melhores oportunidades de participação e usufruto no jogo, esporte, ginástica, luta e atividades rítmicas, assim como “possibilidades concretas de intervenção e transformação desse patrimônio humano relacionado à dimensão corporal e ao movimentar-se – o qual tem sido denominado cultura de movimento” (SÃO PAULO, 2012, p. 42).

Em relação aos conteúdos, espera-se que no, Ensino Fundamental I, os alunos vivenciem um grande repertório de movimento, por meio dos jogos, brincadeiras, atividades rítmicas e lutas, pois, a partir do Ensino Fundamental II, haverá maior exigência no que se refere a conceitos e significados. Ainda, existem cinco grandes eixos (jogo, esporte, ginástica, luta, atividade rítmica) para o Ensino Médio, que se cruzam com os seguintes eixos temáticos: Corpo, Saúde e Beleza; Contemporaneidade; Mídias; Lazer e Trabalho.

No eixo temático Corpo, Saúde e Beleza, atenta-se para as doenças relacionadas ao sedentarismo e ao chamamento para determinados padrões de beleza corporal, em associação com produtos e práticas alimentares e de exercício físico, o que coloca os jovens na “linha de frente” dos cuidados com o corpo e a Saúde. Em Contemporaneidade, a ênfase dá-se nos conceitos e nas relações que as pessoas mantêm com seus corpos e com as outras pessoas, advindos das grandes transformações da atualidade, tais como aumento do fluxo de informações que geram, por vezes, reações preconceituosas em relação a diferenças de gênero, etnia, características físicas, dentre outras. No eixo Mídias, estão os meios de comunicação, televisão, rádio, jornais, revistas e *sites* da *internet*, como influenciadores do modo como os alunos percebem, valorizam e constroem suas experiências com os conteúdos, muitas vezes atendendo a modelos que apenas dão suporte a interesses mercadológicos e que precisam ser submetidos à análise crítica. Em Lazer e Trabalho, está a intenção de incorporar os conteúdos da Educação Física como possibilidades de lazer, no tempo escolar e pós-escolar, de modo autônomo e crítico, além de propiciar a compreensão da importância do controle sobre o

próprio esforço físico e o direito ao repouso e lazer no mundo do trabalho (SÃO PAULO, 2012).

Diante dessa visão para os conteúdos, ao menos no plano teórico, possibilidades educacionais com a obrigação da inserção de outros temas estão sendo “oferecidas” ao componente curricular da Educação Física no ensino público estadual paulista, o que pode estar gerando um processo educativo mais efetivo, tendo em vista, conforme está estruturada a proposta, a realização de reflexões e críticas sobre o feito.

Tal ponderação, acerca das possibilidades educacionais, advém do entendimento de que, por exemplo, se o esporte, conteúdo hegemônico da área, ensinado nas escolas enquanto cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para a minoria e o fracasso ou a vivência de insucesso para a maioria, então, não apresenta elementos de formação geral (nem mesmo para a Saúde física, mais preconizada para essa prática). Para se constituir uma realidade educacional, em outra perspectiva, havendo uma transformação didático-pedagógica, o esporte, que é uma das objetivações culturais expressas pelo movimento humano mais conhecidas e mais admiradas, até mesmo entre as mais diferentes manifestações culturais existentes, pode tornar-se uma realidade educacional potencializadora de uma educação crítico-emancipatória (KUNZ, 2006).

Tais possibilidades, se efetivadas, poderão colaborar para a não ocorrência da desconsideração da especificidade do Ensino Médio. Na atual realidade, acaba-se, comumente, repetindo os programas do Ensino Fundamental, esquecendo-se das características próprias dessa fase vivenciada pelos alunos. Costuma-se investir esforços às etapas anteriores, afinal, nessas, como indicado por São Paulo (2012), os alunos vivenciam (ou deveriam vivenciar) um amplo conjunto de experiências, incluindo o contato com as culturas esportiva, gímnica, rítmica e de luta, as quais, no Ensino Médio, vão ser inter-relacionadas com eixos temáticos interdisciplinares, gerando sub-temas a serem tratados como conteúdos ao longo das três séries.

Existe, com isso, uma forte indicação de que a Educação Física Escolar para o Ensino Médio pode deixar de se restringir ao desenvolvimento físico acrítico dos alunos, às repetições dos “treinamentos” oferecidos nas etapas anteriores e passar a, efetivamente, assumir a responsabilidade educacional que lhe cabe.

De acordo com Silva (2010), na proposta curricular do Estado de São Paulo, documento publicado no ano de 2008, com a finalidade de orientar a prática dos profissionais do Ciclo II e ensino médio da rede, a concepção de Educação Física está colocada numa

perspectiva cultural, abrangendo também a Saúde como conteúdo das aulas, propondo o tópico de “Organismo humano, movimento e Saúde” no ciclo II e “Corpo, Saúde e beleza” no ensino médio.

No ensino fundamental – ciclo II –, há a predominância de temas como capacidades físicas aplicados aos esportes e princípios de treinamento físico. Já no ensino médio, os padrões de beleza, os interesses mercadológicos, meio ambiente, condições dos exercícios e fatores de adesão à atividade física aparecem como meios de discussão que fogem do clássico modelo biológico, e que permite, por meio desses, refletir com os alunos a concepção de Saúde presente na sociedade atual, bem como conceitos de corporeidade. No mesmo ensino médio, aparecem propostas de cunho biológico da área da Educação Física, como gasto calórico ligado à alimentação e exercício físico, esporte e ginástica, efeitos fisiológicos do treinamento físico, exercícios resistidos e aumento da massa muscular (relacionados à benefícios e riscos à Saúde).

Freitas *et al.* (2016) fazem uma crítica de que geralmente as novas propostas curriculares, como, por exemplo, a “Proposta Curricular do Estado de São Paulo” para o Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio, surgem e os professores se deparam com elas sem ao menos terem tido uma capacitação prática para que consigam aplicar esses conteúdos. Para os autores, não basta, simplesmente, inserir os conteúdos em uma revista; é necessário dar subsídios suficientes para que o professor consiga colocar em prática a proposta.

Sobre o tema Saúde no currículo do Estado de São Paulo, o Participante 3, que além de atuar na rede municipal também atua na rede estadual, afirmou não ter recebido nenhum curso de formação continuada sobre Saúde na rede estadual durante sua atuação profissional. Embora haja uma falta de capacitação por parte do poder público, o professor tem uma afinidade com o tema e desenvolveu o projeto elaborado no curso de formação continuada também na escola estadual e afirma:

Participante 3: Não encontrei dificuldades em desenvolver o tema, pois já trabalho há alguns anos em minhas aulas. Foi possível cumprir todo o cronograma planejado. No currículo do estado, o tema Saúde aparece no 7º ano, porém eu preferi trabalhar com os alunos do 6º.

O tema Saúde aparece no currículo do Estado de São Paulo ao trabalhar o organismo humano, movimento e Saúde. Sem uma orientação adequada aos professores, esses tópicos podem ser entendidos apenas sob o viés biológico, o que limita a ampliação de outros determinantes tais como: fatores sociais, econômicos, políticos e ambientais, que são

imprescindíveis para a aprendizagem do aluno. Desta maneira, a Saúde continua sendo um desafio para os professores de Educação Física, que mesmo orientados por um currículo encontram tais desafios para sua práxis pedagógica. Com isso, tratar-se-á, a seguir, do currículo que orienta os professores que atuam na rede municipal.

4.6 Currículo Comum da Educação Física do Município de Bauru

A Educação Física é um importante componente curricular escolar que, apesar de seu contexto histórico descaracterizado de uma prática educativa de formação integral dos escolares, vem buscando seu espaço dentro do âmbito educacional. Sobre isso, críticas vêm sendo apontadas pela literatura a respeito de propostas/referenciais curriculares que consideram o professor como “mero executante” das propostas impostas, uma vez que em grande parte das vezes elas são elaboradas pelo meio científico, que está sempre distante da realidade escolar. Reconhecendo a necessidade de valorização dos professores nos processos de construção de propostas curriculares, um novo esforço vem sendo realizado por algumas prefeituras. Assim se deu a construção da proposta de trabalho para a Educação Física Escolar no Ensino Fundamental junto à prefeitura municipal de Bauru/SP. O documento foi elaborado por um grupo de professores: Lilian Aparecida Ferreira, Rita Regina da Silva Santos, Aguida Maria da Silva Souza, Camila Mieli Moreira Ramos, Flaviane da Silva Mendes Cesário, Flávio Ismael da Silva Oliveira, Hebert Wilson Duarte Leiser, Isabella Blanche Gonçalves Brasil, Manáira Gonçalves, Márcio Rodrigo Chioca e Roberto Silva Miranda Souza (BAURU, 2016).

Alguns elementos que caracterizam o que se denomina por “orientações curriculares” foram elaborados, a partir de uma divisão por ciclos utilizada como estratégia pedagógica, em virtude dos professores entenderem que as necessidades e expectativas dos escolares das faixas etárias correspondentes em cada ciclo estavam muito próximas. Deste modo foi estabelecido um objetivo com características mais flexíveis, oferecendo mais tempo e arranjos, tanto da parte do professor quanto do aluno, para a consecução das metas definidas (BAURU, 2016).

No CICLO I - 1º, 2º. e 3º. anos (alunos de 6 a 8 anos de idade): Ciclo de experimentação variada dos conteúdos da Educação Física por parte dos escolares e iniciação à sistematização do conhecimento escolar. Neste Ciclo o foco está em possibilitar ao aluno o maior número e variedade possível de experiências corporais, uma vez que a criança tem uma forte demanda pelo movimento na sua relação com o mundo e as pessoas. Essa diversificação amplia suas referências e possibilidades

corporais, dando condições para que o aluno se conheça melhor (enquanto corpo e movimento) e comece a estabelecer as primeiras relações de abstração acerca do conhecimento escolar, tanto entre os outros componentes curriculares quanto para a Educação Física. Demarcam este ciclo os seguintes conteúdos temáticos: jogos e brincadeiras, jogos com atividades rítmicas, jogos de atividades gimnicas, jogos de conhecimento sobre/do corpo e jogos de luta. O termo “jogos” se faz presente em todos os conteúdos temáticos na medida em que se pretende “recheiar” as experiências corporais dos escolares deste ciclo com vivências que sejam nutridas pelo elemento lúdico. Em tal perspectiva, o lúdico deve ser o recurso fundamental para a construção do prazer, da inclusão, da diversidade, da criatividade, da sensibilidade. Como escreve Snyders (1988) em sua obra “A alegria na escola”, não se trata de uma alegria despropositada ou do não fazer nada, mas da alegria de superar o desafio, de ir além, de descobrir-se fazendo coisas que antes lhe parecia impossível de serem feitas (BAURU, 2016, p.570).

No ciclo II as metas definidas são (BAURU, 2016, p.574):

No CICLO II - 4º, 5º. e 6º. anos (alunos de 9 a 11 anos de idade): Ciclo de identificação dos conteúdos da Educação Física Escolar por parte dos escolares e ampliação da sistematização do conhecimento escolar. Neste Ciclo a lógica empreendida está assentada na ideia de que é preciso partir do todo para as partes e não o contrário. Neste sentido, deve-se romper a tradição do ensino da Educação Física, sobretudo nos esportes, marcada pelo ensino dos fundamentos técnicos e táticos para depois propor o jogo. A proposta aqui é que iniciemos o ensino do jogo, de modo simples, porém, com sua ideia de totalidade. Contemplam este ciclo os seguintes conteúdos temáticos: jogos e brincadeiras; jogos esportivos coletivos; jogos esportivos individuais; atividades rítmicas e danças; atividades gimnicas; lutas; conhecimento sobre/do corpo. Embora o termo “jogos” permaneça na composição dos conteúdos temáticos denominados jogos e brincadeiras populares, jogos esportivos coletivos e jogos esportivos individuais, a concepção se modifica em relação ao ciclo anterior, ou seja, aqui o objetivo é permitir que os escolares aprendam sobre estes conteúdos vivenciando-os numa perspectiva de totalidade e não das partes. Deste modo, interessa mais ao professor avaliar se o aluno, ao jogar um jogo esportivo coletivo da família do basquete, está compreendendo mais qual seu papel no ataque do que se ele está fazendo um drible tecnicamente adequado.

Os escolares estarão prontos para aprender as especificidades de cada prática corporal, caracterizando a meta do ciclo seguinte (BAURU, 2016, p.579):

No CICLO III - 7º., 8º. e 9º. anos (alunos de 12 a 14 anos de idade): Ciclo de aprofundamento das especificidades dos conteúdos da Educação Física por parte dos escolares e aprofundamento da sistematização do conhecimento escolar. Dois princípios são fundamentais para a construção e efetivação da proposta curricular de Educação Física que ora se apresenta: o princípio da espiralidade e o princípio que nos conduz em ir do genérico para o específico. O princípio da espiralidade (SOARES *et. al.*,1992) demarca que os conteúdos da Educação Física podem sim ser retomados de um ciclo para o outro, desde que esta retomada implique em ampliação do nível de conhecimento anterior. Exemplo: Se os conteúdos jogos e brincadeiras serão retomados com os escolares do 9º. ano eles precisam ser desenvolvidos de um modo mais elaborado do que fora antes, no 3º. ano. No 9º. ano, embora a experiência corporal também seja importante, o ensino deste conteúdo não pode ficar refém deste propósito. Neste sentido, é preciso ampliar este cenário de análise, envolvendo a vivência, as reflexões sobre os jogos e brincadeiras na sociedade contemporânea, a presença ou ausência deste conteúdo

temático nas culturas jovens e adultas, dentre tantas outras possibilidades (BAURU, 2016). Outro princípio também relevante é o que aponta para o ensino dos conteúdos temáticos partindo de uma dimensão genérica para outra mais específica. Não são poucos os estudiosos que vem defendendo uma perspectiva mais ampliada para que possamos nos relacionar com o mundo e as pessoas holisticamente, com vista a compreendermos o outro e a nós de um modo melhor, isso nas mais diversas áreas como: medicina, astrofísica, biologia, sociologia, filosofia. Essa ideia foi extraída para pensarmos esta proposição curricular da Educação Física para o ensino fundamental na prefeitura municipal de Bauru. Neste princípio defende-se a perspectiva de que o aluno precisa, antes de se aprofundar em uma determinada prática corporal, conhecer de modo amplo o cenário destas práticas corporais. Este conhecimento amplo implica em saber que tal prática corporal está assentada em um determinado conteúdo temático, que lhe confere identidade, sentido, dinâmica. De posse deste conhecimento geral podendo partir para as especificidades, é o que é estabelecido para este 3º. ciclo. Demarcam este ciclo os seguintes conteúdos temáticos: esportes coletivos; esportes individuais; jogos e brincadeiras; lutas; ginásticas, atividades rítmicas e danças; conhecimento sobre/do corpo (BAURU, 2016). Tal demarcação, ainda que defenda a especificidade, possibilita adaptações dependentes das mobilizações dos escolares, dos professores, dos pais dos alunos, da direção, do projeto pedagógico da escola, da comunidade escolar como um todo, bem como, das estruturas físicas e materiais da escola. Por exemplo, nos esportes coletivos, podem estar presentes: futebol, basquetebol, voleibol, rugby, biribol, handebol, futebol americano, badminton, dentre tantos outros.

O desenvolvimento dos conteúdos apresentados passa, necessariamente, por uma práxis pedagógica comprometida com reflexões conceituais (exemplos: história das práticas corporais, frequência cardíaca, estética corporal *etc.*) e das aprendizagens sociais (exemplos: preconceito, gênero, exclusão, corpo, respeito, violência *etc.*) que estão intrinsecamente articuladas com as experiências corporais que o aluno vivencia na Educação Física (BAURU, 2016).

No que se refere à organização curricular, o Ciclo I apresenta a Ementa intitulada “Valorização das vivências e das reflexões iniciais sobre as práticas corporais”. O Ciclo II apresenta Ementa intitulada “Desenvolvimento da noção de especificidade de cada eixo”, conferindo-lhe identidade (exemplo: O que é o eixo jogos? Qual a semelhança entre as atividades feitas nesse eixo? E qual a diferença desse eixo para com o eixo lutas?). No Ciclo III, a Ementa é “Reconhecimento e aprofundamento das peculiaridades das diversas práticas presentes em cada eixo” (exemplo: No eixo lutas está o judô. O que é o judô? Qual a característica dessa prática corporal? Quais suas origens e histórias? Quais são seus fundamentos e seu funcionamento? O que essa prática corporal representa na atualidade?). Deste modo, de acordo com as sugestões de atividades elaboradas pelos professores, a Saúde aparece no ciclo III, no eixo: jogos de conhecimento do/sobre o corpo conhecimento do/sobre o corpo.

Apresentada a organização curricular, tem-se algumas proposições dos professores a respeito dos temas que consideram importantes a serem trabalhados nas aulas de Educação Física, a fim de contribuir com a temática Saúde:

Participante 1: (...) nutrição, sedentarismo, a importância da atividade física, as doenças que podem ser trazidas pela obesidade e sedentarismo e também os problemas pela má nutrição.

Participante 2: (...) a relação do exercício físico, sua prática, a questão da queima de caloria, quantidade de alimento que você pode ingerir e o que você não pode ingerir, não comer muito carboidrato, comer mais frutas e legumes.

Participante 3: Alimentação e prática de atividade física.

Participante 4: Gasto energético, alimentação, treinamento, que serve tanto para emagrecer como para aumentar massa muscular e ganhar peso.

Participante 7: Alimentação, valorização da prática esportiva, sentar e conversar sobre esses benefícios de higiene que cabe também a nossa área trabalhar.

Participante 8: Questão de alimentação, avaliação do peso correto e avaliar se o peso está adequado, o IMC, como manter o peso através do balanço energético.

Participante 10: (...) questões básicas de anatomia e fisiologia trazendo na questão pedagógica essa questão da Saúde, que precisa ser melhor tratada.

Participante 14: Pirâmide alimentar.

Nos relatos dos professores, é possível perceber o vasto repertório de conteúdos trabalhados, cujos temas são relevantes para a saúde dos escolares, no entanto, existe uma preocupação com a superficialidade com que podem ser tratados os assuntos de alimentação, gasto energético, IMC e higiene, além da forma trabalhar de maneira isolada, como, por exemplo, as questões básicas de anatomia e fisiologia citadas pelo participante.

A partir desses relatos, pode-se concordar com Ferreira (2011) quando ele afirma que os conteúdos da Educação Física necessitam romper com os conceitos de saúde tradicionais dimensionados no individual e procurar compreender o tema como algo de elaboração coletiva, rumo à cidadania, de forma significativa para os escolares. O estudo de Ferreira (2011) aponta uma importante reflexão sobre a práxis pedagógica do professor de Educação Física na escola, cujo tema Saúde é discutido como conteúdo da Educação Física desde a década de 1990, existindo a necessidade e a relevância de se discutir problemas sociais nas aulas, dentre eles a Saúde pública, como é o caso da obesidade e seus problemas associados advindos do sedentarismo e alimentação inadequada. Para o autor, a reflexão sobre esses temas e os problemas sociais leva o aluno a compreender a realidade em que vive.

Levando em consideração os conteúdos apresentados no currículo, os professores foram questionados sobre a possibilidade de aplicação do tema Saúde nos conteúdos da Educação Física Escolar (jogos, brincadeiras, esporte, lutas, conhecimento sobre o corpo, e atividades rítmicas e expressivas). Para os professores, é possível a inserção do tema Saúde em suas aulas e, assim, eles afirmam:

Participante 10: O conteúdo de conhecimento sobre o corpo é um tema propício para a inserção do tema Saúde durante as aulas, adequado ao nível de compreensão dos alunos.

Participante 11: É possível, mas não o tempo todo, pois alguns conteúdos têm atividades e regras próprias que não cabe falar sobre o tema Saúde e já alguns conteúdos, como conhecimento sobre o corpo, é pertinente e te abre mais espaço para a abordagem. No esporte podemos fazer inserções a respeito da prática, pensando na fisiologia e enfatizando os benefícios da prática, apresentar dados e explicar os efeitos e as respostas do corpo fisiológicas e metabólicas ao realizar o exercício, mas nada na Educação Física está desvinculada do tema Saúde. Até a sociabilidade pode ser relacionada à Saúde, pois o bem-estar da convivência social pode ser associado.

Diante dos relatos dos professores, evidencia-se a possibilidade de inserção do tema Saúde nas aulas de Educação Física no conteúdo de conhecimento sobre o corpo, conforme aparece no documento oficial. Um dos professores admite, ainda, não ser possível desvincular a Saúde da disciplina, no entanto diz que ao trabalhar alguns temas na disciplina não existe a possibilidade de falar sobre Saúde, ou seja, o professor apresenta dificuldades para associar a Saúde a todos os conteúdos.

Para Guedes (1999), é de suma importância a transmissão de conceitos sobre Saúde na Educação Física Escolar. Para o autor, os hábitos da prática da atividade física, incorporados na infância e na adolescência, possivelmente, são transferidos para a idade adulta, o que leva a reflexões sobre a importância da transmissão e articulação com a realidade sobre o tema, de forma que direcione os alunos à compreensão dos conceitos e práticas sobre sua própria Saúde e da Saúde coletiva, a fim de que a conscientização seja eficaz e que boas práticas realmente sejam levadas durante a vida, embora seja fato que tal realidade é um grande desafio para o professor.

Ressalta-se, assim, a importância da participação do professor na elaboração do currículo, pois a participação de todos os envolvidos é fundamental para a obtenção do sucesso no processo de ensino e aprendizagem. A participação ativa do professor, não apenas na elaboração do currículo, mas também na construção de temas relevantes para seu cotidiano, necessita ser levada em consideração pelo poder público, pois a formação continuada tem contribuição fundamental na práxis pedagógica. Com isso, o próximo capítulo trata da formação continuada e a intervenção realizada com professores e os projetos elaborados e desenvolvidos na Educação Física Escolar.

5 CONCEPÇÕES DA FORMAÇÃO CONTINUADA E INTERVENÇÃO SOBRE SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A formação continuada apresenta-se como opção fundamental para o aprimoramento da formação docente. Buscando a compreensão da realidade da prática pedagógica dos professores, surgiu a necessidade de interagir com eles, a fim de aproximar sua realidade com o conhecimento científico produzido. Assim, será apresentado, neste capítulo, o modo como a literatura tem tratado o assunto e como se consolidou nossa proposta.

5.1 Formação Continuada de Professores

A busca pela formação deve ser constante para todo profissional, independente da sua área de atuação. Essa, por consequência, deve servir como mecanismo de qualificação profissional; neste contexto a formação continuada torna-se essencial. Libâneo (2011) acredita que os momentos de formação continuada levam os professores a uma ação reflexiva, uma vez que, após o desenvolvimento da sua práxis pedagógica, os professores poderão reformular as atividades para um próximo momento, repensando os pontos positivos e negativos ocorridos durante o desenrolar da aula, buscando, assim, melhorias nas atividades desenvolvidas.

Para Freitas *et al.* (2016), a formação continuada deve ser considerada uma ação relevante na atuação profissional docente e deve ser uma constante na carreira do professor, pois, a partir dela, os professores podem refletir e, assim, modificar sua práxis pedagógica, ampliando seu repertório teórico e dinamizando suas práticas. A formação de professores vem sendo foco de análise por vários estudos e pesquisas nas últimas décadas. “O debate em torno do professorado é um dos polos de referência do pensamento sobre a educação, objeto obrigatório da investigação educativa e pedra angular dos processos de reforma dos sistemas educativos” (SACRISTÁN, 1999, p. 64).

Para Imbernón (2010), a formação continuada de professores é considerada como uma intervenção que tem o intuito de propiciar mudanças no comportamento, na informação, nos conhecimentos, na compreensão e nas atitudes dos professores em exercício. Segundo os organismos internacionais, a formação implica na aquisição de conhecimentos, atitudes e habilidades relacionadas ao campo profissional. Ainda de acordo com Imbernón (2010), a formação deve intervir a partir das demandas dos professores ou das instituições educativas, assumindo o papel de contribuição para solucionar situações problemáticas profissionais,

mediante negociação entre o grupo e envolvimento do professor num processo de compromisso de reflexão na ação.

Os saberes advindos da formação do professor são elementos do processo educativo, uma vez que o professor é um grande aliado do seu próprio processo de formação e formação dos alunos, pois cabe a ele colaborar com sua capacitação para o desenvolvimento do pensamento crítico e, no caso específico dos colaboradores pesquisados, eles devem contribuir para que as crianças desenvolvam autonomia e criticidade para a adoção de comportamentos favoráveis à Saúde.

Por atuar diretamente com crianças em processo de formação intelectual e desenvolvimento de condutas, os professores, em especial da educação fundamental, alvos desta pesquisa, desempenham um importante e imprescindível papel nesse contexto. A formação continuada buscou, nesta etapa, um processo de mudança da práxis pedagógica.

O processo de mudança tem sido considerado como aspecto importante da formação continuada, segundo Hargreaves (2002). O autor diz que ela é um processo que envolve aprendizado, planejamento e reflexão e, ainda, envolve valores, propósitos e conceitos associados ao que está sendo modificado. Dessa forma, existe a necessidade de se fazer parte constituinte dessas mudanças e elaborando-as dentro de um contexto mais amplo de reflexão. Assim sendo:

Os professores não alteram e não devem alterar suas práticas apenas porque uma diretriz lhes é apresentada, e eles se sentem forçados a cumpri-las. Eles não podem evocar novas práticas a partir de nada ou transpô-las de imediato do livro didático para a sala de aula. Os profissionais necessitam de chances para experimentar a observação, a modelagem, o treinamento, a instrução individual, a prática e o feedback, a fim de que tenham a possibilidade de desenvolver novas habilidades e de torná-las uma parte integrante de suas rotinas de sala de aula (HARGREAVES, 2002, p. 114).

Constata-se que agentes formadores devem intervir junto à realidade do grupo, construindo a aprendizagem em torno de situações do cotidiano, com a intenção de contribuir para mudanças. Não seria suficiente formular avaliações diagnósticas, formativas e somativas, procedimentos didático-pedagógicos e selecionar conteúdos se os procedimentos fossem organizados e aplicados a partir da leitura linear da realidade em questão ou se esses se mantivessem distantes do contexto.

Verifica-se que a postura de integração no processo de reflexão da práxis pedagógica, dos problemas e das necessidades contribui para a visualização de possibilidades concretas de mudanças, afirma Rossi (2013) ao concluir sua pesquisa. Para a autora, a formação se

configura como um elemento multidimensional que envolve questões acadêmico-científicas, atitudinais e emocionais.

O professor em processo de formação pode estabelecer e redimensionar a relação que se tem entre a sua prática, o campo teórico e os aspectos que permeiam a construção do seu trabalho, como a escola, os alunos, as políticas educacionais *etc.* “Refletir sobre a prática educacional, mediante a análise da realidade do ensino, da leitura pausada, da troca de experiências. Estruturas que tornem possível a compreensão, a interpretação e a intervenção sobre a prática” (IMBERNÓN, 2010, p. 43).

Sobre a importância de um programa de formação continuada, os professores participantes desta pesquisa reconheceram tal importância afirmando que:

Participante 2: É importante durante o nosso processo de formação de trabalho escolar, termos cursos para nos reciclarmos e continuar nossos estudos, para mim é uma “injeção de ânimo” saber que temos um grupo e trabalharmos em prol de nossos alunos e conseqüentemente para nós mesmos.

Participante 3: Muito importante, pois é a forma mais eficiente para o profissional se manter atualizado.

Participante 5: É muito importante nos mantermos atualizados nesse mundo em constante transformação.

Participante 10: Essencial para capacitar e atualizar os docentes com conhecimentos atuais e ressignificar os conceitos ainda obscuros.

Em consonância a isso, Pimenta (2012) afirma que o professor deve ser abordado na sua tripla relação com o saber: como sujeito que domina saberes, que transforma esses mesmos saberes e que, ao mesmo tempo, mantém a dimensão ética desses saberes. O saber docente não é formado somente pela prática, mas é também nutrido pelas teorias da educação. Assim, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise, para que eles compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais.

A atualização, como mencionado pelos entrevistados Participante 3 e Participante 5, é destacada por Libâneo (2013), quando o autor diz que a formação continuada é a condição permanente para o desenvolvimento de professores que deve ir além de uma atualização sobre conteúdos, tornando-se um exercício permanente de formação pessoal. Já ressignificar a práxis pedagógica, como ressaltado pelo Participante 10, pode ser entendido, de acordo com Pimenta (2012), como práxis construída no caráter dialético da realidade socioeducativa,

porque a educação, enquanto prática social humana, é um fenômeno móvel, histórico, inconcluso, que não pode ser captado na sua integralidade.

Freitas *et al.* (2016) identificou, através de uma revisão sistemática, que a produção de estudos relacionada à formação continuada de professores de Educação Física ainda é incipiente em algumas regiões do Brasil, visto que não foram localizados estudos realizados nas regiões norte e nordeste. Os autores também ressaltaram o esforço por parte de algumas redes de ensino em proporcionar cursos de formação continuada em que são abordados conteúdos específicos da Educação Física.

Deste modo, tem-se identificado um aumento considerável na quantidade de propostas de formação continuada, cujas modalidades podem ser presenciais ou a distância. No entanto, existe uma tendência contemporânea da educação a distância que facilita o acesso dos professores distantes dos grandes polos universitários. Esse aumento nos cursos de formação continuada no país foi incentivado pela LDBEN (BRASIL, 1996), que reforça a necessidade de elevar o nível de formação dos profissionais em exercício.

Os professores participantes falaram a respeito da sua atuação profissional em relação ao ensino da Saúde, após a participação no Programa de formação continuada:

Participante 2: Minha atuação vejo com outro olhar após o curso, consigo visualizar melhor os temas transversais para trabalhar com o tema saúde.

Participante 3: Sou professor há aproximadamente 15 anos e sempre tenho o cuidado de abordar a saúde em algum momento do ano letivo, mesmo que esse tema não esteja contemplado no currículo (o que não é o caso). A participação no programa me fez aprofundar mais o assunto e ter contato com outros projetos, isso nos faz crescer e buscar novos conteúdos relacionados ao tema.

Participante 5: Com mais consciência, sobre a importância de trabalhar a Saúde de forma mais fundamentada, aliada aos fundamentos da Educação Física. Maior atenção em observar e pesquisar as necessidades dos nossos alunos, diante dos diversos problemas de saúde, devido à má alimentação, o sedentarismo e o uso inadequado de suplemento e de atividade física.

Participante 10: Penso que, após a minha participação, pude adquirir novos conhecimentos, bem como aperfeiçoar os já adquiridos, no sentido de aprofundar o conteúdo: saúde e suas interfaces com os outros conteúdos da Educação Física contemplados no currículo comum da rede municipal de Bauru.

A narrativa do Participante 3 expressa a necessidade de buscar novos conteúdos sobre o tema durante a formação. Para Libâneo (2013), é no conteúdo que reside a base das informações do processo educativo, que estarão, de forma mais explícita, nos saberes que o professor trata em sua disciplina, considerando que os conteúdos de ensino compreendem as matérias nas quais são sistematizados os conhecimentos.

Diante das falas, foi possível perceber que pode haver uma transformação da práxis pedagógica devido aos conhecimentos adquiridos e às reflexões que a formação continuada

promoveu nos participantes. Destaca-se que formação continuada, segundo Libâneo (2013), é o prolongamento da formação inicial que visa o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional. O autor complementa enfatizando que a formação continuada consiste de ações de formação dentro e fora da jornada de trabalho; ela se faz por meio do estudo, da reflexão, da discussão e da confrontação das experiências dos professores e é responsabilidade não apenas da instituição, mas também do próprio professor, porque o compromisso com a profissão requer que ele tome para si o interesse pela própria formação.

Os participantes avaliaram a formação continuada da seguinte forma:

Participante 2: O curso começou com um formato e foi modelando conforme as necessidades do grupo, isso achei muito legal, além dos encontros que discutíamos temas relevantes a nossa prática e realizar um projeto foi muito bacana.

Participante 3: Muito boa, o acompanhamento realizado foi excelente, pois no meu caso não pude participar de todos os encontros e as orientações foram muito fundamentais para a execução do trabalho. Trata-se de um tema complexo e de difícil abordagem, mas os textos de apoio e as conversas foram muito produtivas.

Participante 5: Foi fundamental para despertar sobre a importância de desenvolver, de forma fundamentada, o tema Saúde aliado as aulas de Educação Física.

Participante 10: A formação alcançou os seus objetivos, resalto que foi ótima, quanto à sua proposta e viabilidade para que o produto final da mesma fosse emergisse a partir da aplicação na prática pedagógica.

As discussões, orientações e trocas de experiências, de acordo com Imbernón (2010), são importantes, pois um processo de comunicação entre os profissionais e troca de experiências possibilitam a atualização e reflexão sobre o contexto e a prática educacional. Os professores também falaram que o material disponibilizado, as discussões e esclarecimento da parte teórico-conceitual foram mais significativos nos encontros, assim como expressa o participante:

Participante 10: Esclarecimentos profícuos sobre o conteúdo: Saúde e Educação Física Escolar e suas possibilidades de interfaces, as quais foram apresentadas pela formadora com propriedade, com o objetivo de que pudéssemos atender o corpo discente da unidade escolar, seja na forma de projeto ou conteúdo curricular, de maneira plenamente viável.

A formação ocorre durante todo o percurso pessoal e profissional dos professores, mas faz-se necessária uma formação sólida e consistente como destaca Sousa (2016). Quando questionados sobre os principais pontos positivos da formação continuada, os participantes disseram que:

Participante 2: Foi sempre ter o retorno da palestrante do que estava realizando, sempre foi muito solícita nas discussões e trocas de experiências no grupo e na realização do projeto.

Participante 3: A relevância do tema, o material de apoio, as reuniões realizadas na escola, a receptividade dos alunos com relação ao tema abordado, o empenho dos alunos em realizar as tarefas e o resultado final.

Participante 5: O próprio tema, despertando a atenção para um assunto que na atualidade é muito abordado. Esse tema nos levou a estudar mais sobre o assunto, descobrindo formas para atender os alunos em suas diversas faixas etárias, e assim, otimizando a nossa prática para que os objetivos sejam atingidos.

Participante 10: A aquisição de conhecimentos novos e atualização dos já adquiridos.

A troca de experiências e atualização do conhecimento foram mencionadas pelos professores e, sobre isso, Imbernón (2010) aponta a importância do processo de comunicação entre os profissionais e a troca de experiências, para possibilitar a atualização dos conhecimentos, intervenção e reflexão da práxis pedagógica, salientando as “estruturas que tornem possível a compreensão, a interpretação e a intervenção sobre a prática” (IMBERNÓN, 2010, p. 43).

Já quando questionados sobre os principais pontos negativos da formação continuada, os participantes disseram que:

Participante 2: Não houve.

Participante 3: Foi de minha parte a impossibilidade de participar de todas as reuniões presenciais, acredito que esse fato possa ter prejudicado um pouco o andamento do projeto nas minhas escolas.

Participante 5: Os poucos integrantes no curso. Eu penso que o trabalho de todos ficaria mais enriquecido com a contribuição de mais integrantes na partilha.

Alguns entraves foram apontados pelos participantes e a queixa recorrente foi a respeito dos poucos participantes do programa; para os professores, se tivesse um número maior de participantes certamente a troca de experiências seria mais rica. Quanto às expectativas em relação ao programa, todos os participantes afirmaram que foram atendidas e que foi de suma importância esse assunto ser abordado de forma sistemática nas aulas de Educação Física, como afirmou o Participante 10.

A insegurança existente com relação ao tema Saúde pode ser percebida repetidamente ao se analisar os relatos dos professores participantes desta pesquisa. Surgiu a necessidade de levar o conhecimento sobre o assunto e, desse modo, surgiu a proposta de formação continuada que buscava inserir fundamentação teórica sobre o tema da Educação Física e Saúde sob a ótica do corpo e movimento articulados com a práxis pedagógica, conforme apresentada abaixo.

5.2 Formação Continuada – Educação Física e Saúde: Corpo e Movimento/Construção da Prática Pedagógica

A presente etapa da pesquisa consistiu, com base nos princípios da pesquisa-ação, na elaboração do programa de formação continuada em Educação Física e Saúde, voltado à questão da Saúde na Escola, e objetivou proporcionar aos professores de Educação Física da rede municipal de Ensino Fundamental conhecimentos sobre a fundamentação teórica, as dimensões históricas, culturais e sociais da Saúde e os processos de transformações da Saúde no contexto da Educação Física Escolar. Elaboração de projetos no âmbito da Educação Física Escolar articulada com o Projeto Político Pedagógico das escolas tendem a contemplar as dimensões da Saúde.

O programa de formação teve seu início com dez inscritos, sendo que no primeiro encontro estiveram presentes seis professores e, depois disso, apenas quatro concluíram todas as etapas da formação. As justificativas para a desistência foram diversas. A respeito da pouca aderência ao curso e as desistências, um dos professores expressa sua opinião:

Participante 10: Penso em duas hipóteses. A primeira é que a pouca aderência se deve ao fato do tema Saúde não ser considerado como conteúdo de intervenção na Educação Física Escolar, pois já estão estabelecidos outros conteúdos no currículo comum da rede, havendo a não necessidade de se aprofundar sobre o assunto. A segunda hipótese é que os docentes possuem domínio suficiente sobre o assunto, portanto não consideram que uma formação continuada possa acrescentar algo as suas práticas pedagógicas.

Destaca-se que a hipótese provável seja a primeira levantada pelo Participante 10, uma vez que nas entrevistas realizadas no início da pesquisa evidenciou-se uma preocupação com o tema Saúde pelos professores em suas falas. No entanto, eles disseram não levar o tema para suas aulas, de forma que outros conteúdos da disciplina são priorizados por eles.

A partir da avaliação diagnóstica aplicada aos professores no primeiro dia do curso de formação continuada, foi possível perceber as expectativas iniciais em relação ao programa, o que possibilitou identificar as necessidades e anseios do grupo e, assim, direcionar as ações formativas desenvolvidas durante o curso, como o planejamento, as estratégias de intervenção e o desenvolvimento dos conteúdos propostos.

Deste modo, os professores que concluíram a formação puderam expressar suas expectativas como mencionado abaixo:

Participante 2: (...) espero poder levar algo para a escola e aplicar, gerando uma mudança comportamental em relação aos hábitos alimentares e prática de atividades físicas.

Participante 3: Sempre gostei de trabalhar com o tema obesidade infantil, desenvolvo atividades nas escolas e fora delas relacionadas ao exercício físico, como forma de prevenção, e a conscientização é um elemento que ajuda no tratamento de crianças e adolescentes.

Participante 5: Obter informação e conhecimento, a partilha para a otimização do meu trabalho durante o ano letivo.

Participante 10: As expectativas são as melhores, pois considero que não tenho ainda um conceito de Saúde e também pouco consigo estabelecer relações com a atividade física em nível mais aprofundado.

Os professores participantes do programa tiveram, como expectativas iniciais, o aprendizado dos conhecimentos sobre o tema Saúde, as possibilidades de ensino na escola e a melhora da práxis pedagógica, levando a um trabalho eficaz com o aluno, ou seja, o aprofundamento dos referenciais teóricos e práticos que fundamentam sua práxis pedagógica. Os professores também afirmaram não terem conhecimento de cursos de formação continuada sobre o tema Saúde oferecido pela secretaria de educação no decorrer dos últimos anos.

Para Sousa (2016), o método da pesquisa-ação e a participação ativa resultam na discussão e reflexão da formação continuada e se apresentam como uma alternativa fecunda, devido ao favorecimento de um novo entendimento, acerca da relação teoria e práxis pedagógica.

Na presente pesquisa, os professores declararam ter pouco conhecimento sobre o método da pesquisa-ação. Quando questionados sobre a importância da pesquisa-ação na práxis pedagógica, eles disseram:

Participante 2: Serve como um norteador, para reflexão de nossa prática, enxergarmos os ajustes a fazer em nossa caminhada docente.

Participante 5: Com certeza, a pesquisa é fundamental para adquirir informações, conhecimentos, planejamento e formas de procedimentos para uma ação pedagógica.

Participante 10: Embora tenha pouca experiência neste tipo de abordagem de pesquisa, penso que é plenamente viável dependendo dos objetivos e que também venha a colaborar para aperfeiçoamento da prática pedagógica e utilizada como conteúdo para formação continuada.

Em consonância com o Participante 2, Sousa (2016) afirma que o método da pesquisa-ação é capaz de promover uma mudança da práxis pedagógica, propiciando, aos alunos, a possibilidade de participarem de vivências, privilegiando o processo educativo. A busca pelo conhecimento, ressaltada pelo Participante 5, é também, para Imbernón (2010), resultante do processo de formação permanente, pois deve ajudar o professor a desenvolver um conhecimento profissional, proporcionar as competências para ser capaz de modificar as tarefas educativas continuamente, numa tentativa de adaptação à diversidade e ao contexto dos alunos, e comprometer-se com o meio social.

Na pesquisa de Rossi (2013), a busca pelo aperfeiçoamento, como mencionado pelo Participante 10, está entre os motivos para ingresso no programa de formação e os entrevistados destacaram que o aperfeiçoamento na área de conhecimento do movimento corporal auxilia, especialmente, no preenchimento das lacunas da formação inicial nesse campo de conhecimento; ajuda a superar dificuldades existentes no processo de ensino nessa área; e investe no crescimento profissional e afinidade com a área do movimento.

Os professores também explicitaram seus conhecimentos sobre o significado de Saúde no contexto escolar e, assim, afirmaram que:

Participante 2: Significa o aluno estar bem nas esferas física, mental, social, pensando no ser integral.

Participante 3: Significa bem-estar físico, mental e social. No contexto escolar não é diferente e a Educação Física é a única disciplina que pode trabalhar todas essas variáveis durante o ano letivo.

Participante 5: A Saúde é fundamental para o pleno desenvolvimento da criança em relação ao aprendizado.

Participante 10: No contexto escolar significa um conteúdo a ser desenvolvido em todas as disciplinas, desde que esta transversalidade traga uma formação ao estudante da abrangência da Saúde nos âmbitos: social, econômico, político, do lazer, das condições de vida urbana no coletivo e quanto a sua individualidade.

Para os professores, o conceito de Saúde já ultrapassa as barreiras do viés biológico, uma vez que eles expressaram claramente os aspectos sociais e emocionais envolvidos na questão. O conceito de Saúde expressado pelos professores reforça a ideia do aspecto individual e coletivo, em consonância com Oliveira (2013), quando ele afirma que a Saúde pode ser percebida como resultado dos cuidados que o indivíduo tem consigo mesmo e com os outros, assegurando que a sociedade em que se vive ofereça a todos a possibilidade de gozar de um bom estado de Saúde.

Uma impressão clara que foi possível obter nas falas iniciais de dois professores diz respeito à falta de associação entre o tema Saúde e as aulas de Educação Física na escola, como expressa os professores:

Participante 2: Particularmente procurei o curso por não me sentir preparada e não visualizar bem o *link* entre Educação Física e Saúde além do foco da nutrição.

Participante 10: No percurso da Educação Física brasileira observam-se as poucas relações entre Saúde e Educação Física no contexto escolar.

Mussi *et al.* (2016) fazem uma importante ressalva sobre essa aproximação da Saúde com a Educação Física Escolar ao afirmar que é necessário reconhecer as bases das abordagens teórico-metodológicas da Educação Física Escolar focadas na Saúde, o que

poderá auxiliar no reconhecimento dos limites e das possibilidades de sucesso na ação profissional contemporânea.

O percurso da Educação Física brasileira apresenta que a primeira proposta da Educação Física Escolar articulada no campo da Saúde foi a higienista. A proposta pretendia formar um novo Brasil, uma nova sociedade e um novo homem, pelo disciplinamento dos corpos e pela adoção de hábitos de vida em prol da Saúde e da harmonia social (SOARES *et al.*, 1992). A Educação Física promoveu a atividade física por intermédio da ginástica, esporte, jogos, recreação e exercício físico, com o objetivo de disciplinar os hábitos ligados à Saúde em uma perspectiva meramente biológica.

Os PCN de Educação Física (BRASIL, 1997), que conduziram os caminhos da disciplina, por muito tempo trouxeram outra perspectiva com relação à Saúde, fundamentada na concepção de exercício da cidadania, fazendo com que os sujeitos se apropriem do conceito de Saúde, realizando ações para gerarem atitudes saudáveis na realidade em que estão inseridos.

A BNCC (BRASIL, 2017), um dos documentos mais recentes sobre currículo e educação, mantém no ensino da Educação Física o cuidado com o corpo e a Saúde como sendo um dos três elementos fundamentais. Nesse sentido, é importante salientar que a Educação Física, nesse documento, apesar de não trazer o tema Saúde explicitamente nos conteúdos, traz o tema como elemento fundamental em seu objetivo.

A gênese da Educação Física Escolar, de acordo com Mussi *et al.* (2016), apresenta forte aproximação com a área da Saúde. No entanto, o desenrolar histórico indica, na contemporaneidade, o relativo abandono, ou mesmo, a ruptura dessa relação no espaço escolar e contextos e/ou propostas pedagógicas. Neste sentido, a formação buscou contemplar os caminhos percorridos pela Educação Física ao longo dos anos e as possibilidades de intervenção na escola, de modo que o tema possa ser abordado no espaço escolar de maneira a propiciar um processo reflexivo nos alunos, ultrapassando os aspectos meramente biológicos, ou seja, que tenha significado para o aluno e a realidade na qual ele está inserido. Assim, a Saúde deve ser reconhecida como condição humana multidimensional, como lembram Mussi *et al.* (2016), evidenciando as condições físicas, sociais e psicológicas.

As condições físicas foram evidenciadas na fala do Participante 12, que participou apenas dos primeiros encontros da formação e não pode concluí-la:

Participante 12: Saúde diz respeito aos hábitos de vida e a Educação Física auxilia com prática de atividades físicas, mas é uma questão bem ampla que vai além do aspecto físico.

As condições sociais foram ressaltadas pela fala do professor abaixo:

Participante 3: Saúde não seria só a ausência de doenças, seria mais amplo, principalmente, quando se trabalha em escola de periferia como essa. Tem outros fatores sociais, principalmente, temos alunos aqui que não tem saneamento básico em casa, questão da higiene e família desestruturada e ainda crianças tem que tomar conta da própria vida e isso influencia diretamente na vida deles; essa região merece bastante atenção nesse aspecto.

Quanto às condições psicológicas o professor explicita:

Participante 2: Acredito que Saúde é o indivíduo estar plenamente bem no seu ser integral tanto no seu físico, psicologicamente e agora na escola. Tem alguns projetos que vem da secretaria e no ano passado recebemos um projeto do nutri amigos com uma nutricionista que nos orientou juntamente com a merenda e foi um trabalho muito legal que tem surtido bastante efeito em nossa escola.

Retomar o conceito de Saúde com os professores foi necessário e importante para que eles refletissem nas dimensões envolvidas no tema. Entender o conceito de Saúde de forma ampla é de suma importância, pois o professor pode, a partir disso, elaborar caminhos para que o tema Saúde possa ser levado para as aulas de Educação Física de maneira ressignificada, na qual os aspectos físicos, psicológicos, comportamentais e sociais possam ser considerados e explorados na práxis pedagógica, de forma significativa, para os alunos diante do contexto ao qual eles estão inserido.

Lembrando que o conceito de Saúde não possui um significado determinado, segundo Scliar (2007), mas se estrutura como uma teia de interdependências (social, econômica, política ou cultural), sua representação configura-se de diversas maneiras, pois depende da época, local, classe social, valores individuais, concepções científicas, religiosas e filosóficas, ou seja, das características sociais que são diferentemente estabelecidas em cada meio social.

Há indicativos, nas falas dos professores, que sugerem dificuldades de associar a Saúde com questões sociais mais amplas, tais como os condicionantes econômicos, culturais e políticos. Em concordância a isso, Carvalho (2009) defende que, para a prática regular de atividade física, deve existir uma leitura de todo o contexto de vida dos sujeitos seguida de um enfrentamento de todos os determinantes de Saúde. Kunz (2006) lembra que existem elementos básicos a serem considerados nas práticas educativas, os quais se utilizam como

referências a consideração dos sujeitos em relação em seu mundo vivido, problematizado e criticamente compreendido, estando os sentidos e significados relacionados a esses.

A estratégia da pesquisa-ação mobilizou os profissionais de Educação Física no sentido de ressignificar não só os conceitos do tema Saúde, mas as possibilidades de desenvolver o tema nas aulas, conforme observado no relato obtido acerca da estratégia da pesquisa-ação:

Participante 2: (...) permitiu um melhor aprendizado, em minha opinião, pois a pesquisa-ação faz com que o aluno passe a ser protagonista no processo de ensino.

Desta forma, foi possível ver que a pesquisa-ação teve papel importante no processo, aumentando as possibilidades de atuação profissional e proporcionando o aperfeiçoamento da práxis pedagógica. Sousa (2016) afirma que a pesquisa-ação contribuiu para que os professores adquirissem conhecimento e aprofundamento teórico-prático para disseminar o conteúdo trabalhado, promovendo uma mudança da práxis pedagógica.

A pesquisa-ação é compreendida como um método, ou estratégia de pesquisa, que agrega vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa na busca da solução de problemas. Desse modo, o programa de formação buscou diminuir o distanciamento entre a teoria e práxis pedagógica diante do tema Saúde e, assim, o conhecimento ofertado propiciou a elaboração de projetos que tivessem como finalidade levar o tema para as aulas de Educação Física, de forma a estimular a reflexão por parte dos alunos, a fim de que os projetos pudessem extrapolar os aspectos meramente biológicos da Saúde.

Sobre a ampliação dos aspectos biológicos da Saúde, Minayo (2010) afirma que ampliar a compreensão sobre Saúde envolve, mesmo que de forma subjetiva, uma complexa interação entre os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais dos seres humanos, envolvendo também atribuições de sentido e significados peculiares em uma complexa rede de relações interdependentes. Refletir sobre as concepções de Saúde não é um trabalho fácil, pois exige uma multiplicidade de olhares sobre diferentes elementos sociais, econômicos, políticos e culturais, já que a Saúde não é um fenômeno que se constitui igualmente para todos os indivíduos.

Imbernón (2010) salienta a necessidade de um novo olhar sobre a educação, a formação e o papel dos professores, assim como dos alunos, sendo necessárias reflexões e a busca de novos caminhos, uma vez que a “formação continuada deveria fomentar o

desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores, potencializando um trabalho colaborativo para transformar a prática” (IMBERNÓN, 2010, p. 45).

Para os professores participantes, a formação teve pontos significativos que foram ressaltados por eles nas falas a seguir:

Participante 2: As discussões com o grupo sobre os textos.

Participante 3: O momento das trocas de experiência, onde todos os profissionais envolvidos no programa puderam expor seu trabalho.

Participante 5: Superou as minhas expectativas, porque me fez despertar para um assunto fundamental, que precisa ser abordado de forma sistemática nas aulas de Educação Física. Através do curso, também tive acesso a informações e orientações importantes para tratar desse assunto.

Com isso, o programa de formação continuada contribuiu significativamente no processo de ensino aprendizagem, dando aos professores a oportunidade de enriquecimento da sua práxis pedagógica e propiciando um novo viés ao trabalho em sala de aula, em especial, no que se refere ao tema Saúde, que é tão importante e, por vezes, fica esquecido no cotidiano da disciplina.

Portanto, a construção de todo esse conhecimento, advindo das experiências pedagógicas teórico-prático vivenciadas no decorrer do programa, colaborou para melhorias no processo de formação docente, auxiliando os professores em sua atuação profissional no espaço escolar e contribuindo significativamente para a inserção do tema Saúde na Educação Física Escolar.

5.3 Projetos e Prática Pedagógica: concretizando a práxis pedagógica em Educação Física Escolar para a Saúde

A partir da perspectiva posta anteriormente, apresentou-se, no presente texto, o desenvolvimento do processo de elaboração e aplicabilidade dos projetos. Os projetos deveriam ser elaborados e articulados entre a educação, Saúde e sociedade e a práxis pedagógica deveria ser construída pelos professores, contemplando as perspectivas do PPP da escola.

O PPP deve expressar as estratégias didáticas e metodológicas, assim como as mediações pedagógicas que permitem mobilizar essas estratégias, a partir das características dos alunos e do que propõem os documentos curriculares. Tais mediações proporcionam o estabelecimento de relações entre os conhecimentos a serem desenvolvidos no âmbito do currículo e as características e necessidades cognitivas dos alunos.

Recorreu-se aos PPP das quatro escolas que participaram desta etapa de práxis pedagógica dos professores, com a intenção de obter as características das instituições pesquisadas (dados gerais da escola, clientela, infraestrutura, entre outros), de modo a contextualizar as escolas envolvidas nessa fase.

Abordou-se o universo da proposta educacional da escola e deu-se início às reflexões e indagações sobre o PPP, que, em consonância com Vasconcellos (2013), pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada e que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade e constitui um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição, nesse processo de transformação.

Foi feita uma solicitação aos professores para que providenciassem o PPP das suas escolas e fizessem uma leitura, observando como a Saúde é tratada, assim como a existência de projetos e ações, cujo objetivo se assemelhe com os objetivos da disciplina de Educação Física; tais reflexões seriam discutidas nos próximos encontros.

Diante disso, apenas um professor afirmou que não encontrou dificuldade em acessar o PPP da sua escola. Por outro lado, uma professora conseguiu o PPP, mas considerou que não foi fácil, precisando insistir com a direção para ter acesso ao documento. Outros dois professores não conseguiram acessar o documento rapidamente, pois não há uma versão digital desse documento, o que é padrão em todas as unidades escolares. Em uma dessas escolas foi necessário o envio de solicitação da secretaria de educação e, em outra, o professor não conseguiu consultar o documento em tempo hábil para a leitura e discussão conforme solicitado.

Esses resultados são preocupantes, uma vez que toda a equipe escolar, especialmente os professores, deveria ter acesso ao PPP da sua escola a qualquer momento. Libâneo (2011) ressalta que o PPP é proposto com o objetivo de descentralizar e democratizar a tomada de decisões pedagógicas, jurídicas e organizacionais na escola, buscando maior participação dos agentes escolares. Para Libâneo (2011), o PPP constitui-se não apenas de um mero documento, mas na execução coletiva deste processo de ação e reflexão, instaurando formas de organização escolar pedagógica e diminuição da fragmentação do trabalho em sua globalidade, alcançando, assim, uma gestão participativa. A importância do PPP, de acordo com Sousa (2016), está no fato de que ele passa a ser uma direção, indicando caminhos e rumos para as ações da escola. Por esse motivo, recomenda-se a sua leitura, para que os professores tomem

conhecimento desse importante documento e de como ele afeta a vida escolar de todos os envolvidos.

Sousa (2016) sustenta que, no programa de formação continuada, analisado pela autora, os professores participantes consideraram de extrema importância os momentos de reflexão do PPP, propiciando mudanças de atitude em relação à práxis pedagógica e despertando as relações dos trabalhos políticos, sociais e pedagógicos, dentro do PPP da escola, demonstrando o efetivo interesse em participar desse processo.

Desta forma, a partir das experiências vivenciadas na formação com os professores e após a apresentação de toda a literatura pertinente, a proposta era romper com a forma tradicional dos projetos (voltados apenas para a transmissão de conceitos), no que diz respeito à concepção de Saúde e o papel da Educação Física.

O desenvolvimento dos projetos se deu em 4 escolas. A primeira escola atende aproximadamente cerca de 560 alunos dos anos Iniciais e Finais do ensino Fundamental, conta com 20 professores e 14 funcionários. A segunda escola atende aproximadamente 543 alunos dos anos Iniciais e Finais do ensino Fundamental, conta com 27 professores e 11 funcionários. A terceira escola atende aproximadamente cerca de 600 alunos dos anos Iniciais e Finais do ensino Fundamental, conta com 46 professores e 18 funcionários. Por fim, a quarta escola atende aproximadamente 500 alunos dos anos Iniciais e Finais do ensino Fundamental tem 25 professores e dez funcionários.

Os projetos foram apresentados a essas escolas de forma resumida, elaborados e desenvolvidos pelos professores e ressaltando o fazer colaborativo dos participantes da formação continuada, lembrando que os projetos, na íntegra, estão nos Apêndices H, I, J e L. O Projeto 1, intitulado “Jogos e brincadeiras que ultrapassam gerações!”, foi desenvolvido com 27 alunos da turma do 2º ano D, apresentado no Apêndice H, a partir do entendimento de que as crianças passam a maior parte do tempo brincando de *videogames*, jogos eletrônicos, computadores.

Segundo a professora, o projeto nasceu das reflexões e discussões nos encontros e leitura de vários artigos sobre o tema Saúde. Após isso, surgiu o desafio de aplicar jogos e brincadeiras com os alunos e o envolvimento com os familiares e promover diálogos sobre a Saúde inserida nos jogos e brincadeiras propostas. A escolha do tema, a partir do eixo jogos e brincadeiras, deu-se após a percepção de que as vivências das crianças relacionadas a esse eixo estão cada vez mais escassas. Na concepção do projeto, a principal preocupação era com a adesão dos pais e responsáveis, uma vez que a disciplina não tinha essa proximidade com

eles. A coordenação da escola teve uma participação ativa no projeto e foi um suporte imprescindível durante todo o desenvolvimento do projeto.

O Projeto 2, intitulado “Prevenção da obesidade infantil”, foi desenvolvido em uma Escola Municipal e em uma Escola Estadual, em que o professor também leciona, aproveitando, assim, a oportunidade para estender o seu projeto com as turmas: 5º A e 5º B (Municipal) e 6º A (Estadual), apresentado no Apêndice I. O sedentarismo é um dos males do Brasil e, juntamente com a alimentação inadequada, parece ser também um dos responsáveis direto pelo desenvolvimento da obesidade em crianças. Por essa razão, a mudança dos hábitos diários torna-se uma ferramenta importante em ações preventivas. Ações nesse sentido, dentro do ambiente escolar, seriam interessantes, pois, atualmente, quase que a totalidade das crianças frequenta a escola, diz o professor. O projeto buscou conscientizar as crianças sobre a importância da boa alimentação e da prática de atividades físicas.

O professor teve um grande desafio no desenvolvimento do projeto, que envolveu toda a escola, pois os alunos participantes compartilharam as ações desenvolvidas com todos os alunos de todos os anos da escola. A dificuldade foi ajustar as informações de acordo com o grau de entendimento dos demais alunos. Toda a escola cooperou para o desenvolvimento do projeto, pois foi necessário que a coordenação da escola ajudasse na divulgação e os demais professores cedessem o espaço de suas aulas para que os alunos dos anos participantes pudessem visitar todas as salas de aulas.

O Projeto 3, intitulado “Esporte, Saúde e Educação”, foi desenvolvido nas turmas de 6ºs anos A e B e está apresentado no Apêndice J. Buscou-se uma possível intervenção para uma qualidade de vida, com hábitos saudáveis na alimentação e na prática desportiva, com o objetivo de conscientizar os alunos sobre os benefícios da prática esportiva, para a redução dos riscos de doenças patológicas, psíquicas e da estrutura corporal. Buscou-se também o desenvolvimento da consciência crítica a respeito dos benefícios da prática esportiva, bem como de fatores prejudiciais que podem estar inseridos, principalmente, nos esportes de alto rendimento. A professora afirmou que teve uma resistência inicial da coordenação escolar, mas que logo foi vencida. A grande dificuldade relatada foi em relação à época que o projeto foi desenvolvido, quando outras atividades estavam sendo feitas na escola, de modo que os espaços, os materiais, o tempo e os próprios alunos estavam comprometidos.

O Projeto 4, intitulado “A corrida e suas relações com a Saúde de forma ampla”, foi desenvolvido nas turmas dos 5ºs anos A, B e C, conforme apresentado no Apêndice L. Para o professor, a corrida relacionada a aspectos da Saúde ampliada buscou trazer conhecimentos

aos alunos de forma abrangente, a partir do prisma de duas lógicas externas: primeiro, do alto rendimento e, segundo, da possibilidade dessa prática pela população não atleta. Nesta perspectiva, o aspecto “tipos ou categorias de corrida” foram abordados, tendo como objetivo identificar corridas de velocidade e de resistência. A corrida como cultura desportiva foi identificada através de provas do atletismo, aspectos sociais, econômicos e biológicos relacionados à Saúde. Para o professor, a concepção do projeto apresentou mais dificuldade do que a realização, pois a perspectiva de ampliar o conceito de saúde dentro do conteúdo elegido que foi a corrida foi um grande desafio. O interesse e participação dos alunos foi um fato surpreendente, afirmou ele.

A escola é configurada como espaço de relações interdependentes apresentadas por intermédio do poder e força que o educador exerce sobre o aluno. Desta maneira, os projetos se apresentaram de modo a buscar informações sobre Saúde com os professores, despertando reflexões sobre o contexto dos alunos com o tema inserido de forma global e analisando e desvelando os aspectos imprescindíveis para o contexto social.

Os projetos despertaram reflexões importantes de tal maneira que a Saúde pode ser compreendida de outra maneira. O projeto 1 levou não só os alunos, mas também os pais a refletirem sobre a questão do uso excessivo das tecnologias na infância, o que tem sido uma barreira para os jogos e brincadeiras tradicionais, podendo levar a criança ao sedentarismo que se prolonga por toda sua vida, questão essa debatida fortemente na literatura em toda área da ciência da Saúde. O projeto 2 levou os alunos à reflexão sobre a obesidade infantil, doença que tem crescido assustadoramente a cada ano. A literatura também tem tratado muito desse assunto e, assim como o projeto, as pesquisas associam a doença aos hábitos alimentares e falta de exercícios físicos. Existe uma crítica em torno dessas pesquisas por tratar o tema de forma isolada, pois só os hábitos alimentares e exercícios físicos não são suficientes para acabar com o problema, uma vez que o sujeito é culpabilizado por não ter bons hábitos alimentares e não praticar exercícios, de forma que buscar isso seria se livrar da doença; os demais aspectos envolvidos no problema não são considerados como os aspectos sociais e políticos, por exemplo. O projeto 3 e 4 ofereceu aos alunos a possibilidade de ver a prática esportiva para além do “praticar por praticar”. Os professores levaram as questões orgânicas e sociais da prática do esporte pelos atletas e não atletas, assim como as limitações e possibilidades de cada esporte.

Com isso, os conhecimentos e os conceitos de Saúde, juntamente com os conteúdos da disciplina, foram desenvolvidos pedagogicamente por intermédio das aulas de Educação

Física Escolar, por intermédio das dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais, propiciando múltiplas possibilidades de aplicação entre o tema e a disciplina. Na Educação Física Escolar, há a necessidade de entender o aluno de forma integral, não sendo possível compreender o indivíduo somente a partir da biologia e suas funções orgânicas. Todos os projetos tiveram a intenção de romper a forma tradicional de se conceber a Saúde e os professores buscaram em seus objetivos fazer essa ampliação (em meio às limitações); os resultados foram riquíssimos.

Essa ampliação tem sido notada nas discussões acerca da Saúde e Educação Física Escolar. A literatura traz reflexões que tentam ultrapassar a dimensão estritamente biológica da Saúde, encarada enquanto ausência de doenças ou um completo bem-estar físico, mental e social. De acordo com Devide (2003), o questionamento em torno desse tema remete a complexas problemáticas que a Saúde mantém com a prática de exercícios físicos, na medida em que o exercício físico seja tratado de forma isolada e descontextualizado.

A tentativa de romper a forma tradicional de se conceber a Saúde pelos professores, por intermédio dos projetos desenvolvidos, foi eficaz, considerando todo o contexto que está inserido e a percepção sobre o tema constatado no início desta pesquisa; é possível afirmar que os projetos extrapolaram a dimensão estritamente biológica, outros aspectos foram considerados e os alunos participaram ativamente da construção do conhecimento, o que os tornam muito significativos no processo e ensino e aprendizagem.

Partindo da articulação dos projetos com a concepção ampliada de Saúde, como ressaltado no decorrer de toda essa tese, considera-se que os mesmos foram satisfatórios, visto que os projetos foram desenvolvidos de forma a cooperar para que os alunos construíssem conceitos, habilidades e reflexões, sempre agregados aos elementos da cultura corporal, promovendo o cuidado de si e consciência coletiva, extrapolando, assim, a perspectiva individual e atingindo os aspectos das relações sociais.

Quanto à análise dos professores sobre a elaboração e desenvolvimento dos projetos realizado no último encontro, pode ser ressaltado que foi possível viabilizar as possibilidades de interfaces do tema Saúde com os conteúdos da Educação Física do currículo. O material de apoio e discussões durante os encontros da formação serviram de base para elaborar as atividades, sendo essenciais para isso.

Oliveira (2014), ao finalizar sua pesquisa (desenvolvimento de projetos voltados para a Saúde com professores do ensino fundamental), afirma que, para os professores participantes, a formação foi positiva, contribuiu significativamente para a ampliação das

possibilidades de elaboração e desenvolvimento dos projetos e a atuação profissional envolveu ideias, conceitos e práticas que se apresentaram profícuas neste processo.

A reflexão sobre os textos trabalhados, as trocas de experiências e as discussões, foram de grande valia para os participantes. Deste modo foi possível o planejamento, elaboração e desenvolvimento dos projetos. Alguns desafios enfrentados na elaboração e desenvolvimento dos projetos foram destacados por eles:

Participante 3: Tive uma grande dificuldade de ficar na sala de aula com os alunos para trabalhar os conceitos, em forma de discussões e conversas voltadas para os temas da Saúde.

Participante 5: Alguns fatores que interferiram no desenvolvimento do projeto como: feriados, paralisação por conta de uma greve e um conselho de classe. Todos esses fatores coincidiram de acontecerem nas sextas feiras, dia das aulas dos 6ºs anos, séries escolhidas para o desenvolvimento desse projeto. E não faltam materiais, mas não temos uma quadra, o prédio é provisório devido à reforma da escola. Existe a ideia, já cultural e impregnada, de que Educação Física é somente prática e momento de “oba-oba”, isso dificultou trabalhar a parte conceitual do projeto. Existe muita resistência, da parte dos alunos, em aceitar, durante as aulas, trabalhos escritos, conteúdos conceituais, responder questionários, desenvolver trabalhos fora do período, discutir temas *etc.*

Participante 10: Eles não fizeram as atividades extraclasse e então eu deixei para fazermos juntos em sala de aula e estendi o tempo do projeto, pois senti que o tema era de interesse e agradou os alunos, embora não tiveram o interesse e apoio em casa para realização das atividades extraclasse, algumas mães vieram se informar sobre o projeto e sobre a pesquisa solicitada porque foi a primeira experiência de trabalhar conceitos na disciplina.

Sousa (2016) ressalta que, dentre as dificuldades para ministrar os conteúdos da formação continuada, predominaram algumas influências internas do contexto escolar, relacionadas aos materiais didático/pedagógicos e infraestrutura e, em menor expressão, a equipe de apoio e a resistência dos alunos. Pode-se evidenciar na fala do Participante 5 que a falta de material não foi uma dificuldade encontrada em sua realidade, mas a falta de infraestrutura sim, bem como a resistência dos alunos.

A relação entre o PPP e projetos desenvolvidos foi vista pelos professores da seguinte maneira:

Participante 2: O PPP da escola está em fase de elaboração, por isso tive acesso ao projeto antigo, que menciona os cuidados com a Saúde dos alunos e qualidade de vida de forma bem sucinta quando abordada a disciplina de Educação Física.

Participante 3: Quanto ao PPP, ele não menciona Saúde em seu texto, não existe nada que possa ser trabalhado ou relacionado; quanto à Educação Física traz apenas os objetivos da disciplina de forma geral.

Participante 5: Não tive acesso ao PPP, mas lembro da elaboração e existe uma menção sobre a conscientização da Saúde dos alunos.

Participante 10: Foi possível perceber que realmente falta esse tema ser trabalhado na disciplina e inserido com maior abrangência tanto no PPP como no currículo; o

projeto, algo simples de ser trabalhado e muito importante; e essa temática trabalhada deve realmente ser revista no PPP da escola e é perfeitamente possível de fazer essa inclusão.

O tempo foi mencionado diversas vezes pelos professores entrevistados no início da pesquisa como um entrave para trabalhar o tema Saúde nas aulas de Educação Física, uma vez que, a partir do segundo ano, as aulas são apenas uma vez por semana com cada turma. Desse modo, os professores também relataram essa dificuldade no desenvolvimento dos projetos, como pode ser notado abaixo:

Participante 10: O desenvolvimento do projeto foi um sucesso, no início houve resistência dos alunos, pelo fato de ter iniciado na sala de aula, eles sabem que a aula é apenas uma vez por semana.

Participante 2: Ainda não finalizamos o projeto, falta elencar com os alunos as brincadeiras/jogos retiradas da pesquisa dos pais/avós e marcar um dia para receber os mesmos para conversar e vivenciar com a sala. Além disso, necessita realizar uma avaliação final do projeto que ainda não foi feita devido à aula de Educação Física ser apenas uma vez por semana com cada turma.

Para Vasconcellos (2013), o tempo revela a prioridade dada a cada atividade e lembra que se trata sempre de uma estimativa importante para a viabilização da proposta. Nota-se que é preciso que sejam oferecidas condições para realizar as reflexões e discussões sobre o tempo que será destinado para cada área do conhecimento, oferecendo o mesmo grau de importância para todas (SOUSA, 2016).

Oliveira (2014) aponta as limitações enfrentadas pelos professores participantes de sua pesquisa e afirma que existem, além do tempo, as questões políticas, as demandas pessoais e demandas profissionais (em que os professores têm jornada dupla e até tripla). Tudo isso interfere na continuidade do trabalho proposto. As questões políticas, como, por exemplo, a falta de formação continuada específica para a Educação Física e também da Saúde, foi citada nas discussões. As demandas pessoais também surgiram, principalmente para justificar a falta nos encontros. Quanto à jornada excessiva dos professores, foi possível observá-la na avaliação diagnóstica e final realizada, ou seja, todas essas questões são recorrentes no processo educacional e interferem de maneira negativa no cotidiano escolar.

Embora muitos aspectos tenham interferido de forma negativa no desenvolvimento dos projetos, houve um fazer pedagógico, conforme ressaltado durante o texto. De acordo com Bracht (2013), a Saúde é uma questão pedagógica que engloba a esfera biológica, a partir de uma perspectiva ressignificada, de maneira que a disciplina passa a contribuir na

expectativa pedagógica de ensinar os alunos a construir competências relevantes para a Saúde, diz Oliveira (2014).

A percepção dos professores sobre o impacto dos projetos nos alunos foi positiva, pois eles relataram que:

Participante 3: O desenvolvimento do projeto foi um sucesso com os alunos, embora seja difícil desenvolver esse tema com as crianças que querem apenas brincar, mas eles se envolveram bastante nas atividades. A repercussão do projeto foi com toda a escola, as turmas que não participaram questionaram o motivo delas não terem sido incluídas, pois teve a atividade desenvolvida com as demais turmas onde os grupos iam apresentar sua pesquisa e falar sobre o assunto com os demais.

Participante 5: O projeto promoveu debates importantes e os alunos assimilaram bons conhecimentos e a repercussão foi boa na própria escola.

Participante 10: Eu fui instigando os debates para que eles se sentissem motivados, como, por exemplo, utilizar o celular e *internet*, depois de introduzir o tema eles me traziam informações e questionamentos que eu nem tinha imaginado, então eles se envolveram no projeto.

Nesta esfera, percebe-se que os projetos proporcionaram outro olhar para os alunos que no início apresentaram certa resistência, mas depois se envolveram verdadeiramente nas atividades desenvolvidas, refletindo e discutindo o tema; os professores consideraram o projeto um sucesso por terem vencido essa barreira. A resistência dos alunos é percebida em diversos momentos nas aulas de Educação Física, assim como relata pesquisa realizada por Oliveira (2014) em projetos desenvolvidos com o tema Saúde. O autor diz que os professores contaram que a resistência dos alunos era percebida pelo fato de não haverem compreendido o sentido da proposta.

Acredita-se que a disciplina de Educação Física deva utilizar uma intervenção pedagógica como possibilidade para discutir as diferentes manifestações da cultura corporal, inclusive nas abordagens sobre Saúde. Com isso, a disciplina necessita de um espaço mais apropriado dentro do espaço escolar, sendo que uma única aula semanal em cada turma não é tempo suficiente, tornando todo esse processo inviável, como tem ocorrido nas escolas pesquisadas.

Os projetos, notadamente, puderam contribuir para o incentivo e interesse de temas importantes, no que diz respeito à Saúde, e, ainda, desenvolver nos alunos um olhar crítico de forma consciente. Os professores foram imprescindíveis nesse processo, com as leituras e aprofundamento do tema, a partir das discussões e reflexões durante a formação continuada. Um novo olhar sobre o tema foi possível e novas possibilidades de trabalhar a Saúde na Educação Física Escolar puderam ser visualizada por eles.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese apresentou os desafios para trabalhar o tema Saúde, enfrentados no cotidiano escolar pelos professores de Educação Física, revelando em seus depoimentos o distanciamento entre a teoria e a práxis pedagógica. De acordo com os professores pesquisados, os obstáculos são configurados por diversos aspectos, como: subjetividade do conceito Saúde, formação inicial deficitária, formação continuada inexistente, políticas públicas incipientes, falta de apoio da coordenação escolar, resistência dos alunos e, ainda, o tempo das aulas reduzido, caracterizando uma teia de interdependência. Todos esses elementos constituem verdadeiros limitantes neste processo.

O tema Saúde na Educação Física Escolar consiste na ideia incorporada sobre a relação incondicional de causa-efeito entre Educação Física e Saúde (de que fazer exercício automaticamente promove Saúde). Tal relação tem sido fortemente criticada na literatura, pois é necessário muito além de praticar um exercício para a obtenção da Saúde. A prática corporal, meramente repetitiva e descontextualizada, não promove benefícios e, também, as aulas de Educação Física não têm tempo de duração e frequência semanal devidamente adequado para que ocorram modificações fisiológicas benéficas.

Entende-se que é necessário que a Educação Física, como componente curricular, coopere para a existência de uma relação pedagógica, no sentido de contribuir para uma educação para autonomia e criticidade para os assuntos pertinentes à Saúde, e que os alunos compreendam a Saúde de forma integral, a fim de que fique claro que a relação simplista da Saúde como resultado da prática de atividade física que permeiam o senso comum não é resolutive.

O tema Saúde e sua inserção efetiva no âmbito escolar possui potencial relevante, no sentido de promover novas perspectivas, no que se refere a conceber novas posturas dos professores, ao lidar com essa temática, de maneira que rompa com paradigmas dominantes na área, levando o conhecimento ao aluno e propiciando a ele extrapolar as possibilidades de ação perante a Saúde individual e coletiva, da escola para a comunidade e para a vida.

Os conteúdos da área de Educação Física (jogos e brincadeiras, lutas, danças, ginásticas, esportes e conhecimento sobre o corpo) podem incluir, em suas dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais, os temas relacionados à Saúde por meio de propostas pedagógicas que reforcem atividades físicas para a compreensão da Saúde.

O trato pedagógico do conteúdo possibilita o contato do aluno com as diversas possibilidades, não bastando, apenas, uma práxis pedagógica descontextualizada da sua

realidade, mas, um envolvimento que pressupõe novas relações interpretantes, ressignificações, que vão além da sala de aula e um trabalho significativo, visando um projeto maior da Educação Física que envolva o sujeito como parte integrante de um meio social, fazendo realmente sentido na vida do aluno.

Essa teia de interdependências colabora para aquilo que apontam os dados iniciais desta pesquisa, ao indicar que os professores reconhecem a importância da Saúde na vida de seus alunos, sabem que a escola é um espaço adequado para a inserção de ações educativas e que a Educação Física pode contribuir significativamente para isso, no entanto, as dificuldades encontradas no decorrer do processo de ensino e aprendizagem não permitem que o tema Saúde tenha seu espaço apropriado na disciplina, caracterizando uma lacuna no meio científico.

O PPP das escolas e o Currículo do município, neste âmbito, não contemplam o tema Saúde de forma clara e enfática para que os professores possam buscar nesses referenciais o apoio necessário para seu trabalho pedagógico. A partir dos relatos apresentados pelos professores de Educação Física é possível afirmar que, para tal realidade, o tema Saúde é importante e, mesmo assim, não tem sido trabalhado nas aulas de Educação Física, devido à configuração atual da disciplina.

Existe uma carência da área no que diz respeito à transcendência dos aspectos biológicos da Saúde e dificuldades de associar os demais aspectos nas aulas desenvolvidas. A falta de entendimento da área para utilizar os conteúdos da Educação Física Escolar com esse olhar do tema Saúde é, de fato, limitante.

Com a realização da formação continuada, os projetos desenvolvidos contribuíram para o reconhecimento de temas importantes, no que diz respeito à Saúde, desenvolvendo projetos que oportunizaram aos alunos um olhar crítico e reflexivo; os professores foram parceiros importantes nesse processo. A partir da literatura apresentada, as leituras, discussões e reflexões durante a formação continuada, foi possível propiciar novos olhares sobre o tema e novas possibilidades de trabalhar a Saúde na Educação Física Escolar e, desta forma, verificou-se que os projetos se mostraram eficientes para cada realidade.

Enfim, defende-se a tese de que existe uma rede de interdependência (políticas públicas, gestão escolar, formação inicial e continuada, entre outros) no processo escolar, configurada de modo que não se apresentaram eficientes, dificultando a inserção do tema Saúde nas aulas de Educação Física. No entanto, com o programa de formação continuada, a elaboração e desenvolvimento dos projetos colaborou para que os professores participantes

percebessem as possibilidades existentes de inovar. Trata-se de buscar uma concepção mais ampla da Saúde, por intermédio do entendimento de que a disciplina de Educação Física tem importante papel neste contexto, podendo dar uma contribuição específica à formação para a Saúde ligada ao seu papel de componente curricular de promover o espaço de ações e reflexões da Educação Física na escola, resultando em uma renovação da práxis pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, U.R.; OLIVEIRA, V.JM.; BRACHT, V. Educação Física escolar e o trato didático- pedagógico da Saúde: desafios e perspectivas. In Wachs, F.et al. (org.) **Educação Física e Saúde Coletiva: Cenários experiências e artefatos culturais**. Porto Alegre: Rede única, 2016.
- ANDRÉ, M.E.D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ARAÚJO, R.A.; BRITO, A.A.; SILVA, F.M. O papel da Educação Física escolar diante da epidemia da obesidade em crianças e adolescentes. **Educação Física em Revista**, Taguatinga, DF, v.4, n.2, p.1-9, 2010.
- AZAMBUJA, A.P.O. **Obesidade Infantil: indicadores antropométricos, bioquímicos e Atividade Física de escolares**. Bauru: Canal6, 2016.
- AZAMBUJA, C.R. **Papel da Educação Física: tema transversal em Saúde**. 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BACHETTI, J.R.; BORGES, C.N.F. Políticas Públicas de Saúde no Município de Vitória/ES. In Wachs, F.et al. (org.) **Educação Física e Saúde Coletiva: Cenários experiências e artefatos culturais**. Porto Alegre: Rede única, 2016.
- BACKES, et. al. O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. **Ciências e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 223-230, 2012.
- BAGRICHEVSKY, M. A formação profissional em Educação Física enseja perspectivas (críticas) para atuação em saúde coletiva?. In: FRAGA, A. B.; WACHS, F. **Educação Física e saúde coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção**. Porto Alegre: Ed. da UFRS, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Rio de Janeiro: Edições 70, 2011.
- BARROS, C. M. S et al. Modelo de atividade Educação em Saúde. **SESC/DN/DPD/GEP**, 2005.
- BASTIANI, J.A.N. RIBAS D.L., PEREIRA V.P., PADILHA M.I. et al. As origens da enfermagem e da Saúde: o cuidado no mundo. In: Padilha MI. **Enfermagem: História de uma profissão**. São Caetano do Sul: Ed. Difusão; 2011.
- BAURU (Município). Secretaria da Educação. **Currículo comum para o ensino fundamental municipal de Bauru**. Bauru: Secretaria da Educação; 2016. Disponível em: <http://www.bauru.sp.gov.br/arquivos2/arquivos_site/sec_educacao/curriculo_ef2.pdf> Acesso em 10 de fevereiro de 2016.
- BERLINGUER, G. **A Doença**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.
- BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009.
- BLAIR, S.N. Physical inactivity: the biggest public health problem of the 21st century. **British Journal Sports Medicine**, n. 43, p.1-2, 2009.
- BOCCALETTO, E. M. A; MODENEZE, D. M; MACIEL, E. S; SONATI, J. G. **Promoção da Saúde e qualidade de vida na escola: estratégias para o desenvolvimento de habilidades para uma vida saudável. Atividade Física e Qualidade de Vida na Escola: Conceitos e Aplicações Dirigidos à Graduação em Educação Física** / Roberto Vilarta, Estela Marina Alves Boccaletto (orgs.).- Campinas, SP: IPES, 2008.
- BRACHT, V. Educação Física e Saúde Coletiva: Reflexões Pedagógicas. In FRAGA et al. (org.) **As praticas corporais no campo da Saúde**. São Paulo:Hucitec, 2013.
- BRACHT, V. et al. A prática pedagógica em Educação Física: a mudança a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação. LDBEN – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **A promoção da Saúde no contexto escolar**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 36, n. 4, ago. 2002. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/rsp/v36n4/11775.pdf. Acesso em 01 de novembro de 2014.
- BRASIL. **Conselho Nacional da Saúde (CNS)**, Resolução – N.º 218, de 6 de Março de 1997. Reconhece a categoria da Educação Física como profissional da Saúde.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal:1988.
- BRASIL. **Ministério da Educação e Desporto**. Parecer n.º 215 de 1987 e Resolução 03 de 1987. Estabelece a reestruturação dos cursos de graduação Plena em Educação Física.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física (1ª a 4ª série)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular –Educação é a base - Revista**. – Brasília, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 18 de dezembro de 2017.
- BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. 26 jun 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em 5 de março de 2016.

BRITO, A.K.A.; SILVA, F.I.C.; FRANÇA, N.M. Programas de intervenção nas escolas brasileiras: uma contribuição da escola para a educação em Saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 624-632, 2012.

BRUGNEROTTO, F.A. **Caracterização dos currículos de formação profissional em Educação Física: um enfoque sobre Saúde**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008.

BRUGNEROTTO, F.; SIMÕES, R. Caracterização dos currículos de formação profissional em Educação Física: um enfoque sobre Saúde. **Physis**, v.19, n.1, p.149-172, 2009.

CÂMARA, A. M. C. S. et al. Percepção do processo Saúde-doença: significados e valores da educação em Saúde. **Revista brasileira de educação médica**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1 suppl 1, p. 40-50, 2012.

CARTA DE OTTAWA- **Carta de Ottawa sobre promoção de Saúde**, 1986. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf>. Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

CARVALHO, F.F.B. de. Análise crítica da Carta Brasileira de Prevenção Integrada na Área da Saúde na Perspectiva da Educação Física através do enfoque radical de promoção da Saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 2, 2009.

CARVALHO, G.S ; CARVALHO, A.A.S. **Educação para a Saúde: Conceitos, práticas e necessidades de formação. Um estudo sobre as práticas de educação para a Saúde, dos enfermeiros**. Editora: Lusociência, 2006.

CARVALHO, N. A. **Abordagem pedagógica de temáticas da Saúde nas aulas de Educação Física escolar**. 2012. Dissertação (mestrado) – Universidade de Pernambuco/ Universidade Federal da Paraíba, Programa Associado de Pós graduação em Educação Física Recife, 2012.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.

CAVALCANTI, P.B.; LUCENA, C.M.F.; LUCENA, P.L.C. Programa Saúde na Escola: interpelações sobre ações de educação e Saúde no Brasil. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 387-402, 2015.

CECCIM, R.B. BILIBIO, L. F. Singularidades da Educação Física na saúde: desafios à educação de seus profissionais e ao matriciamento interprofissional. In: FRAGA, A.B.; WACHS, F. (Org.). Educação Física e Saúde Coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 47-62.

CEZAR, C. Alguns aspectos básicos para uma proposta de taxionomia no estudo da composição corporal, com pressupostos em cineantropometria. **Revista Brasileira Medicina do Esporte**, n.5, p. 188-193. 2006.

CHARTIER, R. A visão do historiador modernista. In: Amado J, Ferreira M M (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evoluções e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONFED. **Carta Brasileira de Prevenção Integrada na Área da Saúde**. 2005. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/extra/conteudo/default.asp?id=30>>. Acesso em 15 de novembro de 2015.

CORBIN, C.B.; FOX, K.R. Educação Física e Saúde: a aptidão para toda a vida. **Revista Horizonte**, Lisboa, v.2, n.12, p.205-208.1986.

CORRÊA, E.A; SILVA, L.H.; PIMENTA, T.F.; DRIGO, A.J. A constituição dos cursos de formação inicial em Educação Física no Brasil. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v.24, n.1, p.27-42, 2016.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**. Niterói, v. 2, n. 1, p. 5-25, 2001.

DARIDO, S.C.; RANGEL. I. C. A. **Educação Física na escola**, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S.C; RODRIGUES, A.C.B; SANCHES NETO, L. Saúde, Educação Física escolar e a produção do conhecimento no Brasil. In: **XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, 16 a 21 de setembro, Pernambuco, 2007.

DELIZOICOV, N. C. **O professor de ciências naturais e o livro didático - No ensino de Programas de Saúde**. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis. UFSC, 1995.

- DEVIDE, F. P. Educação Física escolar como via de educação para a Saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). **A Saúde em debate na Educação Física**. vol. 1. Blumenau: Edibes, 2003, p. 137-150.
- DEVIDE, F. P. Educação Física, Qualidade de Vida e Saúde: campos de intersecção e direcionados à promoção da Saúde através da Educação Física Escolar. **Revista Movimento**. Porto Alegre. v. 8, n. 2, p. 77-84, 2006.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.
- ELIAS, N. DUNNING, E. **Em Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL -Difusão Editorial, Lda, 1985.
- ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. 2 ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FERREIRA, H.S. **Educação Física escolar e Saúde em escolas públicas municipais de Fortaleza: Proposta de ensino para Saúde**. 2011. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Fortaleza, 2011.
- FERREIRA, H.S.; OLIVEIRA, B.N.; SAMPAIO, J.J.C. Análise da percepção dos professores de Educação Física acerca da interface entre a Saúde e a Educação Física escolar: Conceitos e metodologias. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 673-685, 2013.
- FERREIRA, M. S. Aptidão física e Saúde na Educação Física Escolar: ampliando o enfoque. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 41-54, jan. 2001.
- FERREIRA, M.M.; AMADO, J. Apresentação. In: Ferreira, M.M. e Amado, J. (org.) **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2006.
- FERREIRA, M.S. Aptidão física e Saúde na Educação Física escolar: ampliando o enfoque. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.22, n.2, p.41-54, 2001.
- FERREIRA, M.S.; CASTIEL, L.D.; CARDOSO, M.H.C. Atividade física na perspectiva da Nova Promoção da Saúde: contradições de um programa institucional. **Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro**, v. 16 (Supl. 1), p. 865-872, 2014.
- FRANCO, M.A.S. **Pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set.-dez. 2005.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREITAS, D.C., et al. Formação continuada de professores de educação física. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 20, n. 03, p. 9-21, set./dez., 2016.

GOELLNER, S.V. Educação Física, ciência e Saúde: notas sobre o acervo do Centro de Memória do Esporte. **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, v.17, n.2, p.527-536. 2010.

GOMES, R.G. Grupo focal: Uma alternativa em construção na pesquisa educacional. **Cadernos de Pós graduação em Educação**, v.4, n.39, p.45, 2005.

GUEDES, D. P., GUEDES, J. E. R. P. Subsídios para implementação de programas direcionados à promoção da saúde através da Educação Física Escolar. **Revista da APEF**, Londrina, v. 8, n.15 p. 3-11, 1993.

GUEDES, D.P. Educação para a Saúde mediante programas de Educação Física escolar. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.5, n.1,1999.

GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. **Manual prático para avaliação em Educação Física**. Barueri: Manole, 2006.

GUIMARÃES, C.C.P.A. **Educação Física escolar e promoção da Saúde: uma pesquisa participante**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, São Paulo, 2009.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1987.

HALLAL, P.C; DUMITH, S.C; BASTOS, J.P; REICHERT, F.F; SIQUEIRA, F.V. AZEVEDO, M.R. Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física no Brasil: revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n.3, p. 453-60, 2007.

HARGREAVES, A. **Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HUNGER, D.; ROSSI, F.; SOUZA NETO, S. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 697-710, 2011.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Saúde do Escolar**, 2009. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/>>. Acesso em 29 de outubro de 2015.

IERVOLINO, S. A. **Escola promotora da Saúde: um projeto de qualidade de vida**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2000.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

JENOVESI, J.F.; BRACCO, M.M.; COLUGNATI, F.A.B.; TADDEI, J.A.A.C. Evolution in the physical activity level of schoolchildren observed during 1 year. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, v.12, n.1, p. 19-24, 2004.

KNUTH, A. G.; AZEVEDO, M. R.; RIGO, L. C. A inserção de temas transversais em Saúde nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 73-78, 2007.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7.ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LE BOULCH, J. **A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2013.

LUZ, M.T. Educação Física e Saúde coletiva: papel estratégico da área e possibilidades quanto ao ensino na graduação e integração na rede de serviços públicos de Saúde. In: FRAGA, A.B. e WACHS, F. **Educação Física e Saúde Coletiva. Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2007.

MACHADO, O.V.M.M. Pesquisa Qualitativa: Modalidade Fenômeno Situado. In: Bicudo e Espósito. **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

MADEIRA, M. O. **A produção do conhecimento em Educação Física escolar no Brasil (2001-2010)**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MAITINO, E. M. **Fatores de risco da doença coronária em escolares do ensino básico e suas interfaces com a Educação Física**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1998.

MATIAS, T.S.; ROLIM, M.K.S.B.; KRETZER, F.L.; et al. Satisfação corporal associada a prática de atividade física na adolescência. **Revista Motriz**, v. 16, n.2, p. 370-378, 2010.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo e ‘mente’: bases para a renovação e transformação da Educação Física**. Campinas: Papirus, 1983.

MELO, E. C. P. **Fundamentos de Saúde**. Senac Nacional, 1998.

MENESTRINA, E. **Educação Física e Saúde**. 2.ed. Unijuí, 2000.

MEZZARROBA, C. Ampliando o olhar sobre Saúde na Educação Física escolar: críticas e possibilidades no diálogo com o tema do meio-ambiente a partir da Saúde Coletiva. **Motrivivência**, n.38, p.231-246, 2012.

MINAS GERAIS (Estado). **Currículo básico comum: Educação Física ensino fundamental e médio**. Secretaria de Educação, s/d.

MINAYO, M.C.S. Saúde como responsabilidade cidadã. In: BAGRICHEVSKY, M.;PALMA, A., ESTEVÃO, A. M. **A Saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Nova Letra, 2006.

MINAYO, M.C.S.(Org) **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO , MCS; MIRANDA, A.C. (org.). **Saúde e ambiente sustentável: Estreitando nós**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MIRANDA JÚNIOR, M. Educação Física e Saúde na Escola. **Revista Estudos**, Goiânia, v. 33, n.7/8, p. 643-653, 2006.

MONTEIRO, C.A. et al. Monitoramento de fatores de risco para doenças crônicas por entrevistas telefônicas. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.39, n.1, p. 47-57, 2005.

MUSSI, R.F.F. et al. Formação em educação física e a saúde na escola. In: (org.) Oliveira, G.S. **Educação, saúde e esporte: novos desafios à Educação Física**. Ilhéus: Editus, 2016.

MUSTAFA, Z. H. **A Educação Física e a educação para a Saúde nas escolas públicas da cidade de Dourado/MS**. 2006. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Programa Minter Interinstitucional de Mestrado em Ciências da Saúde, UnB; UNIGRAN, Brasília, DF, 2006.

NAHAS, M.V. **Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida – Conceitos e Sugestões para um Estilo de Vida Ativo**. 2.ed. Londrina: Midiograf, 2001.

NAHAS, M.V. **Atividade Física, Saúde e Qualidade de vida: Conceitos e sugestões para um Estilo de Vida Ativo**. 3ª ed. rev. e atual. Londrina: Midiografi, 2003.

NAHAS, M.V. **O Pentágulo do Bem-Estar**. **Boletim do Núcleo de Pesquisa em Atividade Física & Saúde**. Ano 2 , v. 7, p.1, 1996.

OLIVEIRA, L. M. **Promoção da Saúde na Educação Física escolar**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, L.C. **Avaliação de efetividade de uma intervenção em promoção da atividade física e da Saúde no ambiente escolar**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, R.S. **Saúde e escola: um estudo do cotidiano**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educacao) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

OLIVEIRA, V.J.M.; GOMES, I. M.; BRACHT, V. Educação para a saúde na educação física escolar: uma questão pedagógica! **Cadernos de Formação RBCE**, 2014; 68-79. p. 9-29, jan. 2002.

OLIVEIRA, V.J.M. **Saúde na Educação Física escolar: ambivalência e prática pedagógica**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 2014.

OLIVEIRA, V. J. M.; MARTINS, I. R.; BRACHT, V. Projetos e práticas em educação para a saúde na educação física escolar: possibilidades! **Revista da Educação Física/UEM**, v.26, n.2, p.243-255, 2015.

PARANÁ (Estado). Secretaria da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica Educação Física**. Curitiba: Secretaria de estado da educação do Paraná/Departamento de educação básica; 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_edf.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2016.

PIMENTA, S.G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, p.17-52, 2012.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano (PNUD)**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas>>. Acesso em 25 de março de 2018.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular. Lições do Rio Grande do Sul. Linguagens, códigos e suas tecnologias: Artes e Educação Física**, vol. II. Rio Grande do Sul, 2009. Disponível: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol2.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2014.

ROCHA, R.L.F.; DAOLIO, J. A prática pedagógica de Educação Física no currículo de São Paulo: espaço de tensão entre o tradicional e o novo. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 2, p. 517-529, 2014.

ROCHA, V.M. CENTURIÃO, C.H. Profissionais da Saúde: formação, competência e responsabilidade social. In: FRAGA, A.B. e WACHS, F. **Educação Física e Saúde Coletiva. Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2007.

RODRIGUES, A.C. B. **Educação Física na escola: uma proposta de implementação de um programa de Saúde**. 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2007.

ROSSI, F. **Implicações da formação continuada na prática pedagógica do(a) professor(a) no âmbito da cultura corporal do movimento**. 2013. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2013.

SACRISTÁN, J. G. Poderes instáveis em educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SÁ JUNIOR. Desconstruindo a definição de Saúde. Luis Salvador de Miranda Sá Junior. **Jornal do Conselho Federal de Medicina (CFM)**, p. 15-16, 2004.

SANTOS, K. ; BÓGUS, C.M. A percepção de educadores sobre a escola promotora de Saúde: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.17, n.3, p.123-133, 2007.

SÃO PAULO (Estado). **Secretaria da Educação**. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria da Educação. São Paulo. 2012. Disponível: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/782.pdf>>. Acesso em 24 de março de 2017.

SCLIAR, M. História do conceito de Saúde. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 29-41, 2007.

SEABRA, A.F.; MENDONÇA, D.M.; THOMIS, M.A.; ANJOS, L.A.; MAIA, J.A. Determinantes biológicos e sócio-culturais associados à prática de atividade física de adolescentes. **Caderno Saúde Pública**, v. 24, n. 4, p. 721-36, 2008.

SICHERI R; NASCIMENTO S; COUTINHO W. Importância e Custo das hospitalizações associadas ao sobrepeso e obesidade no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 1721-1727, 2007.

SILVA, A.C. **Os discursos sobre Saúde na mídia: limites e possibilidades de tematização na Educação Física escolar**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade federal de Santa Catarina. Centro de desportos programa de pós-graduação em Educação Física, Florianópolis, 2011.

SILVA, F.A. **A Saúde nas aulas de Educação Física escolar: uma trajetória resgatada pela história oral**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2010.

SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

SOARES, C. et. al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, G.S.; DUARTE, M.F.S. Estágios de mudança de comportamento relacionados à atividade física em adolescentes. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. Rio de Janeiro, v.11, n.2, p. 20-28, 2005.

SOUSA, N.C.P. **Pesquisa-ação de formação continuada em Educação física no âmbito da dança: as possíveis implicações no repensar e na transformação da prática pedagógica de Educação física, Arte e Pedagogia**. - Rio Claro, 2016. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.

TANI, G. et al. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed; 2002.

UNICEF. **Situação Mundial da Infância, Caderno Brasil**. Brasil (DF), janeiro de 2008. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/pt/cadernobrasil2008.pdf>>. Acesso em 18 de abril de 2012.

VASCONCELLOS, C.S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico: elementos metodológicos para elaboração e realização**. São Paulo: Libertad, 2013.

VERENGUER, R.C.G. Dimensões profissionais e acadêmicas da Educação Física no Brasil: uma síntese das discussões. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.11, n.2, p.164-75, 1997.

WACHS, F. Educação Física e Saúde Coletiva. Políticas de Formação e Perspectivas de (críticas) para atuação em Saúde coletiva? . In: FRAGA, A.B. e WACHS, F. **Educação Física** 54, 2001.

WENETZ, I.; ALVARENGA, L.F. Educação, Saúde e geração: reflexões em diversos espaços de intervenção. **Textura**, n.33, p. 91-109, 201

APÊNDICES

Apêndice A: Carta Convite

O aumento da prevalência das doenças e consequente aumento nos gastos com Saúde refletem a exposição a fatores comportamentais de risco, como inatividade física, hábitos alimentares, entre outros. Os dados do Sistema Único de Saúde (SUS) apontam que os gastos destinados às internações de pacientes com sobrepeso e obesidade estão sendo muito recorrentes. Esses dados evidenciam mais uma faceta do significativo impacto negativo que a recente epidemia de excesso de peso observada na população adulta brasileira pode gerar. Esses dados apontam para uma perigosa estatística futura de adultos sedentários, ao passo que o sedentarismo pode ser precursor e agravar problemas diversos de Saúde. Sabe-se que o início desse processo quase sempre tem seu início na infância, reforçando, assim, a importância da atividade física nesta importante fase da vida. A escola é um importante espaço para desenvolvimento de programas de educação para Saúde entre crianças e adolescentes.

Aqui, ressaltamos o importante papel da Educação Física como caráter multifatorial da Saúde e, portanto, da qualidade de vida, e como disciplina escolar, ela não deve abandonar sua preocupação em subsidiar e encorajar as pessoas a adotarem estilos de vida ativa.

Diante do exposto, esta pesquisa visa compreender a relação da Saúde e Educação Física escolar, sob o ponto de vista de professores de Educação Física inseridos nas escolas. Como ponto de partida, estabeleceu-se a seguinte questão norteadora desta pesquisa: Qual a correspondência da formação e intervenção profissional em Educação Física no âmbito escolar nas questões relacionadas à Saúde e sua relação com as necessidades do professor em seu campo de intervenção? Busca-se, com isso, uma compreensão dos possíveis entendimentos sobre a temática.

Assim, convidamos os senhores a colaborar com esta pesquisa, a fim de enriquecer a temática com suas experiências profissionais.

Bauru, _____ de _____ de 2015.

Apêndice B: Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Configurações da Saúde no Contexto Escolar: Formação e Intervenção Profissional em Educação Física”, cujo objetivo é avaliar as configurações da Educação Física escolar na formação de hábitos saudáveis. Para atender o propósito desta pesquisa, será necessário realizar uma entrevista individual. A duração desta entrevista será aproximadamente de 25 minutos. Você não será identificado em momento algum do estudo e poderá, a qualquer momento, deixar de participar do mesmo sem prejuízo para si ou ao seu atendimento nesta Unidade de Ensino. Ao término da pesquisa, os dados poderão ser publicados ou apresentados em eventos científicos, com a garantia de não revelar a sua identidade ou de qualquer pessoa pesquisada. Não haverá nenhum custo e nem remuneração pela sua participação. Ao concordar em participar dessa pesquisa, você assinará esse TERMO de consentimento livre e esclarecido.

Agradecemos desde já sua colaboração

Ana Paula Azambuja Orientanda Tel.: (14) 8181-2758 ana_paula_3005@yahoo.com.br	Dagmar Hunger Orientadora Tel.: (14) 31036072 dag@fc.unesp.br
--	---

Este projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Eu

RG _____ após ter lido e compreendido as informações acima, concordo em participar desta pesquisa e autorizo a utilização dos dados para o presente estudo.

Assinatura

Bauru, _____ de _____ de 2015.

Apêndice C: Roteiro de Questões das Entrevistas

1. Como foi a sua formação?
2. Quanto tempo você leciona na Educação Física Escolar? Quais séries você leciona dentro do ensino fundamental?
3. Como você avalia a formação recebida em relação à temática Saúde nas aulas de Educação Física Escolar?
4. Qual a sua concepção de Saúde e da escola em que trabalha?
5. Você tem consciência da dimensão da doença obesidade na população infantil, e que sua maior causa é o sedentarismo? Diante desse quadro da doença você acha importante trabalhar com promoção da Saúde dentro das aulas de Educação Física?
6. No Projeto Político Pedagógico da Escola tal questão é abordada, como?
7. A direção e coordenação pedagógica estão atentas as questões de Saúde dos alunos; quais ações são promovidas?
8. Qual a sua percepção geral em termos da valorização e priorização de ações dos professores e escola com relação à Saúde dos alunos?
9. Da literatura científica quais autores você conhece, que tem estudos e/ou aplicações aos conteúdos referentes à Saúde?
10. Quais os temas você considera importante a serem trabalhados nas aulas de Educação Física a fim de contribuir com a prevenção da obesidade?
11. Como você enxerga o papel da escola e as questões da temática Saúde nas aulas da Educação Física Escolar e sua atuação?
12. Você trabalha essa temática em suas aulas de Educação Física?
13. Como os alunos recebem essas aulas de Educação Física voltadas para o tema Saúde?
14. Quais as dificuldades você encontra na sua atuação na escola e nas aulas para ministrar os conteúdos da temática Saúde?

Apêndice D: Roteiro de Questões do Grupo Focal

1. Qual o papel social da escola?
2. De que forma a Educação Física é oferecida na escola, quais os conhecimentos têm sido privilegiados na rotina escolar?
3. Qual a relação entre a Educação Física Escolar e a Saúde?
4. Qual seu conceito de Saúde?
5. Qual o objetivo da Educação Física Escolar no que se refere à Saúde? Como atingir este objetivo?
6. Você acha importante a inserção do tema Saúde em nas aulas de Educação Física. Por quê?
7. Você utiliza o tema Saúde em suas aulas. De que forma?
8. É possível aplicar o tema Saúde nos conteúdos da Educação Física Escolar (jogos, brincadeiras, esporte, lutas, conhecimento sobre o corpo, e atividades rítmicas e expressivas). Como?
9. Quais conteúdos você considera mais relevantes para o processo ensino aprendizagem sobre Saúde nas aulas de Educação Física?
10. Da forma como a Educação Física é oferecida na escola em que você é o professor, os conhecimentos dos alunos sobre Saúde têm melhorado? Por quê?
11. Sua formação inicial te capacitou para trabalhar esse tema nas aulas escolares?
12. A formação continuada recebida ao longo da vida profissional privilegiou essa temática? De que forma?

Apêndice E: Roteiro das Atividades Desenvolvidas no Programa de Formação

CRONOGRAMA - EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE: CORPO E MOVIMENTO/CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Roteiro da Formação Continuada/ Programação das Atividades Presenciais	
Encontro	Atividade Desenvolvida (17h30min às 19h30min)
1º-06/03/2017	Apresentação da Proposta da Formação Continuada
2º-13/03/2017	Tema: Resignificação da Saúde na trajetória da Educação Física Escolar
3º-20/03/2017	Tema: Corpo: História e Sociologia;
4º-27/03/2017	Tema: Concepções e tendências de Saúde;
5º-10/04/2017	Tema: Corpo/Saúde nos planos de aulas, Projeto Político Pedagógico e Proposta Curricular; Análise das propostas
6º-17/04/2017	Apresentação de Texto: Projetos e Práticas em Educação para Saúde Na Educação Física Escolar: Possibilidades! (Oliveira <i>et al.</i> , 2015) Discussão e troca de experiência sobre o tema saúde nas aulas e as novas possibilidades
7º-24/04/2017	Elaboração do projeto
8º-08/05/2017	Elaboração do projeto
9º-15/05/2017	Desenvolvimento do projeto
10º- 22/05/2017	Desenvolvimento do projeto
11º-19/06/2017	Relatos sobre a aplicabilidade dos projetos
12º-26/06/2017	Avaliação Inicial dos projetos e da Pesquisa-ação da formação Continuada

*15/05 a 19/06/2017-Desenvolvimento dos projetos nas escolas

Total 40 h/a

Apêndice F: Avaliação Diagnóstica

1 - INFORMAÇÕES GERAIS

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: () F () M. Estado Civil: _____

Endereço:(Av. /Rua) _____

Bairro: _____ cidade _____ UF: _____ CEP: _____

Fones: _____ Email: _____

2 - FORMAÇÃO

GRADUAÇÃO:

Curso: _____

Instituição: _____

Ano de Conclusão: _____

Curso: _____

Instituição: _____

Ano de Conclusão: _____

PÓS-GRADUAÇÃO

Especialização: _____ Instituição: _____ Ano: _____

_____ Instituição: _____ Ano: _____

Mestrado: _____ Instituição: _____ Ano: _____

Doutorado: _____ Instituição: _____ Ano: _____

Outros: _____ Instituição: _____ Ano: _____

3 - DOCÊNCIA

Tempo de docência: _____

Tempo de atuação no Ensino Básico: _____

Anos para o quais leciona atualmente (2017): _____

Carga horária: _____

Escola municipal: _____

Atua em outras esferas/campos:

• Rede Estadual () Não () Sim Qual: _____

• Rede Privada () Não () Sim Qual: _____

• Outros: _____

Atua fora da escola:

• () Não () Sim - Onde: _____

4 - O que significa saúde para você no contexto escolar?

R: _____

5 - Quais conteúdos de saúde você lembra ter apreendido durante sua trajetória escolar?

R: _____

6 - Destes conteúdos de saúde quais desenvolve nas suas aulas, ou seja, o que você ensina aos seus alunos que você aprendeu na sua trajetória escolar?

R: _____

7 - Quais são as suas expectativas em relação ao programa?

R: _____

8 - Qual a importância de um programa de formação continuada?

R: _____

_____ 9 - A Secretaria Municipal de Educação já ofereceu programas de Formação Continuada sobre saúde?

() Sim () Não () Não sabe

Em caso afirmativo, quais? Você participou de algum? O que foi abordado? O que você aplicou nas aulas?

R: _____

Obrigada pela participação!!!

Apêndice G: Avaliação Final

Nome: _____

1 - Como você avalia a sua formação inicial em relação ao ensino da saúde após a participação no Programa?

2 - Como você avalia a sua atuação profissional em relação ao ensino da Saúde após a participação no Programa?

3 - Como você avalia a formação continuada?

5 – O que foi mais significativo para você nos encontros?

6 – Destaque os principais pontos positivos e negativos da formação continuada?

7 - Suas expectativas em relação ao programa foram atendidas?

8 - Qual a importância da pesquisa-ação na prática pedagógica?

9 - O que foi mais significativo para você na elaboração do projeto?

10 - O que foi mais significativo para você na execução do projeto?

11 - Trabalhar a saúde como tema na Educação Física Escolar teve alguma ressignificação após a formação continuada?

Obrigada pela participação!!!

Apêndice H: Projeto 1 - Jogos e Brincadeiras que Ultrapassam Gerações!

Escola 1

Turmas: 2º ano D (27 alunos)

Participante 1

Introdução

Hoje, as crianças passam a maior parte do tempo brincando de *videogames*, jogos eletrônicos, computadores. As brincadeiras, tempos atrás, eram divertidas e muito saudáveis e criativas. Brincar de Bolinhas de Gude, Carrinhos de rolimãs, pega-pega, passa-anel, roda pião, soltar pipa, pular corda, eram brincadeiras de antigamente. Mas hoje não se vê mais as crianças fazendo essas brincadeiras. A tecnologia e também a violência restringiram as brincadeiras, fazendo que as crianças fiquem horas na frente do computador ou mesmo da televisão. Jogos eletrônicos estão sendo o meio mais utilizado pelas crianças e jovens. Eles ficam ocupados em passar fases e vencer obstáculos, disputar corridas alucinantes. Tudo isto sem a criança sair do lugar, contribuindo para o sedentarismo.

Justificativa

Pensando nisto, através de nossas discussões nos encontros e leitura de vários artigos sobre o tema Saúde, surgiu o projeto desafio de aplicar jogos e brincadeiras com uma turma de alunos do 2º ano (27 alunos), concomitantemente com os pais/avós. Escolhemos o eixo jogos e brincadeiras por perceber que as vivências das crianças relacionadas a esse eixo estão cada vez mais escassas e promover diálogos sobre a Saúde inserida nos jogos e brincadeiras propostas. O brincar e o jogar são atos indispensáveis à Saúde física, emocional e intelectual e sempre estiveram presentes em qualquer povo desde os mais remotos tempos. Através deles, a criança desenvolve a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a autoestima, preparando-se para ser um cidadão capaz de enfrentar desafios e participar na construção de um mundo melhor. Este projeto envolverá um conjunto de fatores que devem existir para uma vida melhor e saudável. Para alcançar uma boa qualidade de vida, é necessária mudança de comportamento, novos valores, disciplina, respeito mútuo, atenção à Saúde, solidariedade, entre outros.

Objetivos

- Resgatar a cultura popular;
- Tecer diálogos transversais sobre a promoção da Saúde presente nos jogos e brincadeiras;
- Valorizar os jogos e brincadeiras em forma de entretenimento e lazer;
- Promover a Saúde por meio de jogos e brincadeiras e conscientização da prática da atividade física;
- Respeitar a vivência intergeracional entre as crianças e pais/avós.

Desenvolvimento

17/04- Primeiramente, perguntar aos alunos, em uma roda de conversa, quais as brincadeiras que eles mais gostam e pedir para que eles desenhem no papel as brincadeiras e jogos. Questionar sobre as brincadeiras de antigamente e as atuais, fazendo um elo com a Saúde, quais os benefícios das brincadeiras.

24/04- Logo após, mostrar para os alunos alguns brinquedos utilizados antigamente, como corda, pião, as cinco marias, amarelinha e vai e vem, e fazer com que os alunos vivenciem os mesmos.

08/05- Continuar a exploração das brincadeiras e jogos antigos. Neste dia também será enviada, através dos alunos, uma pesquisa para pais e avós, quais eram os jogos e brincadeiras que os mesmos brincavam em sua infância.

15/05- Elaborarmos juntos um painel com as brincadeiras e jogos que gostam e quais os benefícios desta prática para Saúde deles.

05/06- Convidar pais e avós para vir até a escola compartilhar com os alunos as brincadeiras vivenciadas pelos mesmos.

12/06- Realizar uma roda de conversa com os alunos sobre o projeto e os mesmos desenharem o que mais gostaram e menos gostaram.

Avaliação

- Auto-avaliação;
- Observação nas aulas;
- Rodas de conversa;
- Registro do depoimento dos alunos;
- Fotos dos alunos durante as atividades;
- Painéis e registro das brincadeiras.

Apêndice I: Projeto 2 - Prevenção da Obesidade Infantil

Escola 2

Turmas: 5º A e 5º B (Municipal)/6º A (Estadual).

Participante 3

Introdução

A obesidade, atualmente, é diagnosticada como doença, uma epidemia em desenvolvimento, e vem recebendo atenção especial dos profissionais da Saúde e Educação Física. Percebe-se que esse problema também vem atingindo fortemente as crianças. Vários estudos apontam uma porcentagem elevada de crianças acima do peso. O presente projeto busca desenvolver ações de conscientização sobre a importância de hábitos saudáveis (alimentação e atividade física) na prevenção da obesidade infantil.

Justificativa

Há décadas a temática obesidade infantil vem sendo discutida por profissionais da Saúde, pais e professores. Sem muito esforço, podemos notar o impacto para a Saúde pública que ela provoca, daí a importância de ações de combate e prevenção. Em todo o mundo a obesidade infantil vem crescendo de maneira galopante, o Brasil não é exceção, pelo contrário, pesquisas apontam que somos um dos países onde essa epidemia mais evoluiu. Vivemos e criamos nossos filhos em um ambiente mais urbano, há menos espaços para atividades físicas e existe a disseminação do *fast-food* tanto nas grandes quanto nas pequenas cidades. Fatores que parecem formar um cenário propício ao surgimento da obesidade. A obesidade na criança deixou de ser um problema exclusivamente estético, que incomodava devido as brincadeiras e apelidos recorrentes em seu grupo de amigos. O excesso de peso pode provocar o surgimento de vários problemas de Saúde. Depois de instalada, a obesidade deixa portas abertas para outras morbidades, o colesterol, a hipertensão arterial e o diabetes são os mais preocupantes, pois agem de maneira silenciosa por um longo período. O sedentarismo é um dos males do nosso país e, juntamente com a alimentação inadequada, parece ser também um dos responsáveis direto pelo desenvolvimento da obesidade em crianças; por essa razão a mudança dos hábitos diários se torna uma ferramenta importante em ações preventivas. Ações nesse sentido, dentro do ambiente escolar, seriam interessantes, pois, atualmente, quase que a totalidade das crianças frequenta a escola. Esse projeto busca atender os alunos do 5º e 6º anos do ensino fundamental, com o propósito de conscientizar as crianças sobre a importância da boa alimentação e de prática de atividades físicas.

Objetivos

Provocar discussão acerca do tema, no que diz respeito a: como calcular nosso IMC, fatores de risco da obesidade, aumento do número de pessoas obesas no Brasil. Informar aos alunos a importância da boa alimentação e da prática sistemática de atividades físicas para a manutenção da sua Saúde. Divulgar aos demais alunos da escola o conteúdo trabalhado no projeto.

Desenvolvimento

03-05-2017: Apresentação do projeto aos alunos, uma breve roda de conversa sobre os perigos da má alimentação e do sedentarismo.

10-05-2017: Aula sobre aspectos da obesidade entre crianças e adolescente: números da obesidade infantil no Brasil; fatores de risco; co-morbidades; formas de prevenção e tratamento.

17-05-2017: Aula sobre o cálculo do IMC.

24-05-2017: Atividade em sala de aula, cada aluno calcula seu IMC pedindo o auxílio do professor se necessitar.

31-05-2017: Recortar, utilizando panfletos de supermercado, todos os alimentos, em seguida separá-los em dois grupos: saudáveis e não saudáveis.

07-06-2017: Confeção de cartazes com os alimentos saudáveis e não saudáveis.

14-06-2017: Compartilhar o conhecimento com os demais alunos da escola; os alunos envolvidos no projeto apresentaram os cartazes confeccionados por eles, explicando o que devemos fazer para cultivarmos hábitos saudáveis.

21-05-2017: Compartilhar o conhecimento com os demais alunos da escola; os alunos envolvidos no projeto apresentaram os cartazes confeccionados por eles, explicando o que devemos fazer para cultivarmos hábitos saudáveis.

Avaliação

Os alunos serão avaliados durante rodas de conversa, realizadas após as aulas. A avaliação será do grupo de alunos como um todo e não individualizada.

Apêndice J: Projeto 3 - Esporte, Saúde e Educação

Escola 3

Turmas: 6^{os} anos (A e B) do Ensino Fundamental.

Participante 5

Introdução

Baseado em iniciativas do Ministério da Saúde e de acadêmicos da Área da Educação Física, preocupados com a Saúde da população e de jovens da comunidade escolar, o Projeto “Esporte, Saúde e Educação” vem com o intuito de levar alunos dos 6^{os} anos do ensino Fundamental, da escola EMEF Santa Maria, a uma consciência crítica quanto à alimentação e a prática esportiva de forma saudável, para melhor qualidade de vida.

Justificativa

Com a preocupação em relação à Saúde dos indivíduos na atualidade, como a Saúde da infância à senilidade, apontada por vários seguimentos da sociedade, que cuidam da Saúde, órgãos públicos têm se mobilizado em ações para tratar desse problema. O Ministério da Saúde vem investindo no uso dos espaços públicos para Saúde (Brasil, 2006; 2011), também, nas escolas (PSE - Programa Saúde na Escola) (Brasil, 2011). Seguindo essa mesma linha, profissionais da Área acadêmica de Educação Física vêm investigando como a Saúde pode ser abordada nas escolas (Rev. Educ. Fís./UEM, v.26, p.243, 255, 2. trim. 2015). Nesse sentido, o Projeto Esporte Saúde e Educação, corroborando com essa causa, defende, também, o desenvolvimento desse tema no espaço escolar, na disciplina de Educação Física, considerando que, na escola, podem ser observados os hábitos diversos dos jovens da atualidade, também, de seus familiares, que tem livre e fácil acesso à tecnologia e aos diversos produtos benéficos ou nocivos, no mercado da comunidade. Portanto, através do Projeto, busca-se uma possível intervenção para uma qualidade de vida, com hábitos saudáveis na alimentação e na prática desportiva.

Objetivos

Conscientizar alunos dos 6^{os} anos do Ensino fundamental, da EMEF Santa Maria, sobre os benefícios da prática esportiva, para a redução dos riscos de doenças patológicas, psíquicas e da estrutura corporal. O desenvolvimento da consciência crítica, a respeito dos benefícios da prática esportiva, bem como de fatores prejudiciais que podem estar inseridos, principalmente, nos esportes de alto rendimento. Ressaltar que é preciso combinar a prática esportiva com uma alimentação equilibrada, com nutrientes essenciais, para a manutenção de uma vida saudável.

- Levar os alunos a perceberem os seus próprios hábitos alimentares;
- Identificar os grupos alimentares que fazem parte de uma alimentação saudável;
- Conhecer a sua estrutura corporal, como ossos e músculos, também, a coordenação motora e articulações;
- Discutir sobre fatores comuns nas práticas esportivas, de alto rendimento, que podem fazer mal a Saúde, como: a alimentação, os suplementos, os anabolizantes e medicamentos;
- Conhecer as capacidades físicas: força, flexibilidade, agilidade, resistência e velocidade;
- Conhecer doenças que podem ser evitadas com a prática esportiva e a alimentação saudável;
- Conhecer diversas modalidades esportivas, individuais e coletivas.

Contudo, o Projeto “Esporte Saúde e Educação” pretende que os alunos dos 6^{os} anos do ensino Fundamental compreendam sobre a contribuição de uma alimentação saudável, juntamente com a prática esportiva, também saudável, para a manutenção da Saúde e da qualidade de vida.

Desenvolvimento

12/05/17 - Apresentação do Projeto “Esporte, Saúde e Educação” aos Alunos. Era para iniciarmos com o texto que daria abertura ao projeto – “Prática esportiva + boa alimentação = benefícios para a Saúde por toda vida” - mas, como já estava agendada para o dia 15/05/17 a vivência com os jogadores de basquete, no Clube, Associação Luso Brasileira, foi necessário trabalharmos o texto que seria da próxima aula: “Um resumo das capacidades físicas e suas definições, como: agilidade, flexibilidade, força, resistência e velocidade”, que são assuntos que os alunos precisariam saber, para a vivência e a entrevista com os jogadores. Foi feita, então, uma explanação sobre o Projeto e a entrega do texto sobre as capacidades físicas, com leitura compartilhada e discussão sobre o tema. Foram passadas como tarefa questões para os alunos fazerem entrevistas com atletas de diversas modalidades esportivas, sobre as capacidades físicas, hábitos alimentares e o uso de suplementos pelos jogadores. Foi entregue, também, o convite para a vivência com os jogadores de basquetebol, no Clube da Associação Luso Brasileira.

Aula prática: Basquetebol com regras adaptadas, para o pátio da escola, pois não temos uma quadra. Após: roda de conversa sobre as capacidades físicas mencionadas, utilizadas na prática do esporte.

15/05/17 - Dia da vivência dos alunos com os jogadores, durante um treinamento de basquete, no Clube da Associação Luso Brasileira. Compareceu apenas um aluno, que foi levado pela sua mãe. Ele participou do treinamento de fundamentos básicos da modalidade, com os jogadores; após, fez entrevistas com dois deles, sobre hábitos alimentares, capacidades físicas e o uso de suplementos.

26/05/17 - Neste dia, trabalhamos dois textos com os alunos “Prática esportiva + alimentação = benefícios para a Saúde por toda vida”, e, “Saúde - Aparelho Locomotor”, por causa do tempo que dispúnhamos para o encerramento do projeto. Os temas trataram da importância da alimentação saudável, juntamente com a prática esportiva e o desenvolvimento do indivíduo entre 09 aos 12 anos e a diversidade que ocorre nesse período na composição corporal entre meninos e meninas; falamos sobre músculos, ossos e articulações. Fizemos a leitura compartilhada dos textos e discussões sobre os temas, ressaltando a importância da alimentação equilibrada e saudável, para manutenção de um corpo sadio e funcional, também resistente, contra as enfermidades infecciosas *etc.*

Foi passada a seguinte tarefa, para a entrega na próxima aula: Escolher uma figura de um atleta em qualquer modalidade esportiva e montar um quebra cabeça. Colar o quebra-cabeça montado numa folha de papel sulfite e identificar as capacidades físicas utilizadas e escrevê-las na folha.

02/06/17 - Junto com o desenvolvimento do projeto, começam, também, os preparativos para a festa junina. Trabalhamos, nesse dia, a pirâmide alimentar nos dias de hoje. Foi entregue aos alunos um texto com ilustração da pirâmide. Fizeram a leitura compartilhada e discussão do tema, observando a nova divisão da pirâmide nos dias de hoje, levando em consideração as condições de Saúde e o modo de vida dos indivíduos, acrescentando nessa pirâmide, por exemplo, alimentos modificados, suplementos alimentares e atividades físicas. Também foi discutido sobre substâncias nocivas usadas por pessoas comuns e atletas de alto rendimento, como medicamentos, suplementos alimentares e anabolizantes sem orientação de especialistas. Houve a importância, também, de buscar informações em Organizações, fundamentadas em estudos e pesquisas, para manter um olhar crítico diante desses fatos, para saber distinguir, o melhor para a sua Saúde.

Foi passado como tarefa, para a próxima semana, um trabalho através de grupos. Construir um cartaz de cartolina, com figuras de alimentos que fornecem nutrientes importantes no processo vital e suas respectivas funções e apresentar para a classe: alimentos ricos em açúcares (fonte de energia), gorduras (reservas energéticas), proteínas (parte da constituição

celular), vitaminas (reguladores e auxiliares), sais minerais (reguladores e auxiliares), água (solvente e agente de transporte).

09/06/17 - Solicitação dos trabalhos atrasados e dos recentes aos alunos. Conversas sobre os temas discutidos do projeto e esclarecimentos de dúvidas. Dois grupos apresentaram o trabalho sobre a alimentação. Era para acontecer o debate, mas a escola estava em plenos preparativos para a festa junina no dia 22/06/17. Contávamos com mais um feriado prolongado pela frente, precisávamos ensaiar e confeccionar os adereços para a festa.

Avaliação

Os alunos foram avaliados em relação as suas participações, comprometeros e aproveitamentos referentes aos temas apresentados no projeto, que se desenvolveram através de leituras de textos compartilhados, estudo de textos e discussões. Foram avaliados, também, através de trabalhos individuais e de grupos, pesquisas, questionários pessoais, entrevistas, cartazes e apresentações orais. As questões pessoais e as entrevistas não tiveram como objetivos a pesquisa de campo, mas como sondagem, para colher informações sobre os hábitos alimentares e da prática de atividades físicas e esportivas, dos alunos e de atletas entrevistados por eles. Contudo, de acordo com os resultados das perguntas pessoais e das entrevistas, os alunos se alimentam de três em três horas; os alimentos mais consumidos são: arroz, feijão, pão e salada, atrás vem, as guloseimas e refrigerantes. Porém, essas respostas não condizem com as conversas que tenho com eles sobre a alimentação durante as aulas; observo que não se alimentam adequadamente. Atletas confederados possuem dietas alimentares e consomem suplementos com orientação de especialistas. As atividades físicas e esportivas mais praticadas são: o futebol, corrida, caminhada e dança, a maioria dos alunos não praticam nenhum esporte ou atividades físicas. Portanto, o desenvolvimento desse Projeto teve como meta levar os alunos e seus familiares a pensarem em mudanças de comportamentos quanto aos hábitos saudáveis em relação à alimentação, à prática esportiva e atividade física. Promover, também, ações pedagógicas mais eficazes para a conscientização de nossos alunos sobre a alimentação saudável da prática de atividades físicas e esportivas para a conquista de melhor qualidade de vida.

Apêndice L: Projeto 4 - A Corrida e suas Relações com a Saúde de Forma Ampla

Escola 4

Turmas: 5ºs anos A, B e C.

Participante 10

Introdução

A unidade didática “Corrida relacionada a aspectos da Saúde ampliada” buscou trazer conhecimentos aos alunos de forma abrangente a partir do prisma de duas lógicas externas: a primeira do alto rendimento e a segunda da possibilidade desta prática pela população não atleta. Nesta perspectiva, o aspecto “tipos ou categorias de corrida” foram abordados, tendo como objetivo identificar corridas de velocidade e de resistência; a corrida como cultura desportiva através de provas do atletismo; aspectos sociais, econômicos e biológicos relacionados à Saúde.

Justificativa

Esta unidade didática se justificou em sua realização, pois estabeleceu a atividade física: corrida aos aspectos da Saúde, ampliada para além do biológico de forma pedagógica, problematizando conceitos e vivenciando-os de forma a estabelecer ensino e aprendizagem.

Objetivos

Dimensão Conceitual: os alunos foram capazes de aprender sobre as variações da corrida (velocidade e resistência); perceber que pode ser aprendida; vestimentas e calçados adequados para a prática da corrida; alterações fisiológicas, por exemplo, batimentos cardíacos e hidratação.

Dimensão Procedimental: os alunos foram capazes de vivenciar as variações de corrida através de propostas de jogos para aprender através de vivências motoras com jogos as corridas rasas de velocidade, resistência, com barreiras e obstáculos e de revezamento; exercícios prévios de alongamentos; verificar os batimentos cardíacos em si e no outro; a hidratar-se antes, durante e após as vivências motoras;

Dimensão Atitudinal: os alunos foram capazes de aprender e desenvolver atitudes de respeito mútuo durante as atividades e de cooperação.

Desenvolvimento

17 de abril de 2017

Tema: Conhecimento sobre o corpo.

Subtema estratégico: Corrida e as relações com a Saúde ampliada – Corrida de velocidade.

Parte 1: Avaliação Diagnóstica/ Dimensão Conceitual.

Objetivo: Os alunos irão expor o que conhecem sobre corridas associadas ou não ao atletismo.

Estratégias: Tempestade de ideias. O objetivo desta estratégia será o de avaliar os conhecimentos dos alunos sobre o tema corrida. Apresentar o tema “corrida” na lousa através da palavra “corrida” e solicitar aos alunos que verbalizem o que conhecem, não estabelecendo critérios de certo ou errado, pois as manifestações devem ocorrer de forma espontânea. Após o término das exposições, solicitar aos alunos para agruparem as palavras que mais se aproximam do tema.

Local: Sala de aula.

Materiais: Lousa, giz e *smartphone* para registro com fotos das palavras apresentadas.

Parte 2: Dimensão Procedimental

Objetivo: Os alunos deverão executar corridas de velocidade através de um jogo denominado “bater e pegar”, utilizando da capacidade física velocidade e a habilidade motora locomotora do correr. Aquecimento: alongamentos gerais dos grupos musculares dos membros superiores e inferiores.

Nome do jogo: “Bater e Correr”.

Estratégias: Selecionar três a quatro alunos, os ‘batedores’.

Desenvolvimento: Estes alunos deverão tocar nas mãos estendidas dos alunos a sua frente. Quem receber o terceiro toque deverá correr junto ao “batedor” e tentar vencê-lo. Se não vencer torna-se prisioneiro. Após todos os alunos serem escolhidos para disputar com os “batedores”, contar quantos prisioneiros cada batedor conseguiu ou não ganhar.

24 de abril de 2017

Tema: Conhecimento sobre o corpo.

Subtema estratégico: Corrida e as relações com a Saúde ampliada – Corrida de velocidade e de resistência.

Parte 1: Avaliação Diagnóstica/ Dimensão conceitual

Objetivo: Os alunos irão expor o que conhecem sobre os tipos de corridas.

Estratégias: Questionário com duas questões: Quais são os tipos de corrida que você conhece?

Local: Sala de aula.

Materiais: Lousa, giz e *smartphone* para registro com fotos das palavras apresentadas.

Parte 2: Dimensão Procedimental

Objetivo: Os alunos deverão executar corridas de velocidade através de um jogo denominado: estafetas.

Aquecimento: Alongamentos gerais dos grupos musculares dos membros superiores e inferiores.

Nome do jogo: “Estafeta”.

Estratégias: Pequenos grupos.

Desenvolvimento: Os alunos serão capazes de correr até determinado ponto do espaço e retornar com velocidade.

Objetivo: Os alunos deverão executar corridas de resistência com corridas moderadas em volta da quadra com 2 minutos de duração.

Aquecimento: Alongamentos gerais dos grupos musculares dos membros superiores e inferiores.

Estratégias: Pequenos grupos.

Desenvolvimento: Os alunos serão capazes de correr em volta da quadra de vôlei.

08 de maio de 2017

Tema: Conhecimento sobre o corpo.

Subtema estratégico: Corrida e as relações com a Saúde ampliada – Corrida de velocidade e de resistência.

Parte 1: Avaliação Formativa/ Dimensão conceitual.

Objetivo: Os alunos serão capazes de responder associando provas de corrida do atletismo às que são de velocidade e às que são de resistência.

Estratégias: Aos alunos será entregue um material (ficha ou folha pautada) para responderem as questões através de resposta alternativa. Serão dadas as seguintes alternativas: Corrida de: alternativa 1: maratona; alternativa 2: 100 metros/ Prova do homem mais rápido do mundo: Bolt; alternativa 3: 100 metros com obstáculo; alternativa 4: corrida de revezamento com bastão.

Local: Sala de aula.

Materiais: Lousa, giz e *smartphone* para registro com fotos das palavras apresentadas.

Parte 2: Dimensão Procedimental.

Objetivo: Os alunos serão capazes de aprender as técnicas de saída.

Estratégias: Pequenos grupos.

Desenvolvimento: Os alunos serão capazes de: sair de pé com os pés juntos e inclinar-se, elevar um dos joelhos e sair; sair com um dos pés atrás da perna e inclinar-se, elevar um dos joelhos com a perna que estava se equilibrando; sair com um dos pés atrás e inclinar-se, elevar um dos joelhos com a perna de trás que estava se equilibrando; e sair com um dos pés atrás e inclinar-se, elevar um dos joelhos com a perna de trás que estava se equilibrando.

15 de maio de 2017

Tema: Conhecimento sobre o corpo.

Subtema estratégico: Corrida e as relações com a Saúde ampliada – roupas e calçados.

Parte 1: Avaliação Formativa/ Dimensão conceitual

Objetivo: Os alunos serão capazes de responder a questão: Quais as roupas e calçados para correr?

Parte 2: Dimensão procedimental

Objetivo: Os alunos serão capazes de aprender as técnicas de saída.

Aquecimento: Alongamentos gerais dos grupos musculares dos membros superiores e inferiores.

Nome do jogo: “Estafeta”

Estratégias: Pequenos grupos.

Desenvolvimento: Os alunos serão capazes de: sair com um dos pés atrás e o da frente erguido (basculante) e inclinar-se para trás, elevar um dos joelhos com a perna de trás que estava se equilibrando; sair em três apoios e inclinar-se, sair e elevar a perna de trás que estava sem apoiar no solo; sair em três apoios e inclinar-se, elevando um dos braços para trás e sair elevando a perna de trás que estava sem apoiar no solo; e sair em quatro apoios.

22 de maio de 2017

Tema: Conhecimento sobre o corpo.

Subtema estratégico: Corrida e as relações com a Saúde ampliada – batimentos cardíacos.

Parte 1: Dimensão Procedimental

Objetivo: Os alunos serão capazes de aprender as técnicas de medida dos batimentos cardíacos.

Aquecimento: Alongamentos gerais dos grupos musculares dos membros superiores e inferiores.

Desenvolvimento: Em sala de aula realizar as técnicas de medida dos batimentos cardíacos. Na quadra: Os alunos irão brincar de ‘nunca três.’ Após o pega-pega realizar as medições de batimentos cardíacos em si e no colega.

29 de maio de 2017. A aula foi desenvolvida em sala, tendo como objetivo passar aos alunos as tarefas para a conclusão da temática: a prática da corrida e aspectos relacionados à Saúde e seu conceito ampliado.

Tarefas: Cartazes e seminário.

Temas para pesquisa: Correr faz bem para a Saúde/todos os grupos. Quais são os tipos de corrida? Quais são as roupas e calçados adequados para correr? O que é melhor, água ou isotônico? O que são os batimentos cardíacos? Como medir? Para que medir?

Obs.: Foram distribuídos textos breves sobre os temas para cada grupo.

05 de junho de 2017

Parte 1: Dimensão Conceitual

Objetivo: Leitura dos textos entregues na aula passada.

Parte 2: Dimensão Procedimental.

Estratégia: Pequenos grupos.

Objetivo: Utilizar da capacidade física: velocidade para corrida com barreiras.
Desenvolvimento: Em quatro grupos em filas, sendo que o primeiro de cada fila irá correr e saltar as barreiras (quatro barreiras), indo e voltando pelo mesmo percurso. A pontuação será feita sendo que quem chegar em primeiro marca três pontos para sua equipe, em segundo dois e terceiro e quarto um ponto. Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos.

12 de junho de 2017 – Confeção dos cartazes.

19 de junho de 2017 – Apresentação oral coletiva com os temas: Correr faz bem para a Saúde/todos os grupos. Quais são os tipos de corrida? Quais são as roupas e calçados adequados para correr? O que é melhor, água ou isotônico? O que são os batimentos cardíacos? Como medir? Para que medir?

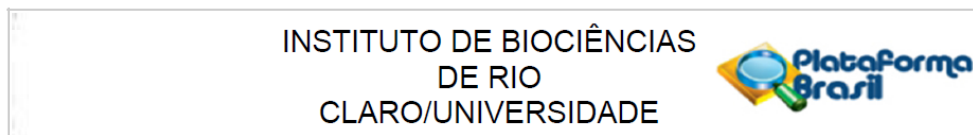
Avaliação

Avaliação Diagnóstica: O objetivo nesta avaliação foi verificar os conhecimentos prévios dos alunos para direcionar as temáticas.

Avaliação Somativa: Neste momento avaliativo avaliou-se os aspectos comprometimento com a tarefa, pois solicitei que fosse declarado por escrito a colaboração de cada aluno em seu grupo. Avaliei através de perguntas orais a cada componente dos grupos durante as apresentações sobre sua temática, por exemplo: O que foi mais interessante? E sobre conceitos, por exemplo, batimentos cardíacos; água ou isotônico o que é melhor? Quais os tipos de roupas e calçados para corrida e os diversos tipos de corrida, inclusive as provas do atletismo.

ANEXOS

Anexo A: Parecer de Aprovação Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONFIGURAÇÕES DA SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR: FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Pesquisador: Ana Paula de Oliveira Azambuja

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 28766914.8.0000.5465

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

"No atual TCLE, houve atendimento de todos os itens solicitados em parecer anterior"

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O CEP REFERENDA O PARECER DO RELATOR:

"No atual TCLE, houve atendimento de todos os itens solicitados em parecer anterior".

Situação do Parecer:


Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não


Endereço: Av.24-A n.º 1515		CEP: 13.506-900
Bairro: Bela Vista		
UF: SP	Município: RIO CLARO	
Telefone: (19)3526-9678	Fax: (19)3534-0009	E-mail: cepib@rc.unesp.br

Anexo B: Autorização para Desenvolvimento do Projeto



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE BAURU
Estado de São Paulo

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
Fone – (014) 3234-1977
End: Rua Padre João nº 8-48 – Vila Régis
CEP- 17014-003



Secretaria Municipal
da Educação de Bauru
Bauru: por uma educação sem fronteiras

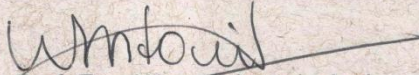
Bauru, 23 de abril de 2014.

AUTORIZAÇÃO

A Secretaria Municipal da Educação, por meio do Departamento de Planejamento, Projetos e Pesquisas Educacionais, Seção de Pesquisas Educacionais, autoriza a Prof.^a Dr.^a **Dagmar Aparecida Cyntia França Hunger** (orientadora) e a pesquisadora **Ana Paula de Oliveira Azambuja**, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade da UNESP/IB, a desenvolverem as atividades da pesquisa “**Configurações da saúde no contexto escolar: formação e intervenção profissional em Educação Física**”, junto às Escolas Municipais de Ensino Fundamental do Sistema Municipal de Ensino.

Salientamos que a equipe da Unidade Escolar tem autonomia para analisar e autorizar o desenvolvimento do projeto, de acordo com a disponibilidade da escola.

Atenciosamente,



Prof. Esp. Wagner Antonio Junior
Seção de Pesquisas Educacionais
RG. 25.174.444-9